

DL

AVISO PRÉVIO

Alcoentre continua em risco. Não se instalaram os dispositivos electrónicos de vigilância, a guarda (pobre dela) mantém-se na mesma — desmotivada, desautorizada frequentemente — os «pides» contestam e o comandante Xavier reclama, pede meios, acções práticas. Afinal, estamos na dialéctica do detido e do detentor: ambos se sentem prisioneiros um do outro.

Sem dúvida, o comandante Xavier tem um lugar difícil, uma missão de primeira linha. As incompreensões que o cercam e a própria natureza do cargo não pressupõem que haja voluntários dispostos a substituí-lo. Para mais, está entre dois fogos: a P. I. D. E. (leia-se: toda a reacção, toda) e o País nas suas mais diversas matizes políticas.

Sem dúvida, também, que espera, todos esperamos, o salvador inquerito. Mas o inquerito não lhe dá meios, pelos vistos. O inquerito é um tranquilizante que, nos tempos que correm, já tem o perigo da habituação. E mais nada.

Entretanto, alguma coisa se passa no País. Alguma mobilização está a acontecer no E. L. P. e nos quadros da ex-P. I. D. E. que circulam aqui, em Espanha ou no Brasil, nos Estados Unidos ou na África do Sul. Nos que cruzam as fronteiras de Espanha para cá e de Angola para dentro. E depois vai haver o 11 de Novembro — uma data a aproveitar. E há os milhares de informadores susceptíveis de chantagem; e os que entraram e saíram com ou sem salvo-conduto. Tanta coisa, tanta nuvem...

Mas o inquerito avança, valha-nos isso. Custóias, Alcoentre, Penitenciária e mais depósitos têm nele o seu cordão invisível de alta tensão, o mais fácil.

E depois, se o artifício falha? Novo inquerito?

Com toda a evidência não podemos a continuar, por tudo e por nada, a usar do recurso da vigilância popular, quando a vigilância do Governo repousa no papel selado ou no ofício que pede meios e não obtém despacho.

A SITUAÇÃO EM "O SÉCULO" TENDE A AGRAVAR-SE

A meio da manhã, o Conselho de Administração de «O Século» emitiu dois comunicados sobre a situação naquela empresa. No primeiro afirma-se:

«Face à situação criada na empresa pela contestação da direcção e chefia do Jornal «O Século», o Conselho de Administração da S. N. T. decidiu nomear para o cargo de director-interino o major Manuel de Oliveira Rego (administrador por parte do Estado na empresa); para o cargo de director-adjunto o jornalista, Alexandre Manuel e um conselho de chefia constituído pelos jornalistas Eduardo Guerra Carneiro, Francisco Mata e Miguel Serras Pereira.

Esta nomeação terá a duração máxima de 72 horas, período durante o qual o Conselho de Administração procurará encontrar com os trabalhadores uma solução que assegure a normalização da vida da empresa.»

No comunicado n.º 2, quase simultâneo, o C. A. da Sociedade

de Nacional de Tipografia, proprietária de «O Século» e outras publicações, comunica que, «na sequência da posição assumida pelo Conselho de Administração no comunicado n.º 1, iniciou-se a feitura do Jornal.

Entretanto, foi comunicado ao Conselho de Administração por uma parte dos trabalhadores o seu propósito de boicotar a saída do Jornal.

Face a tal posição e à concentração de elementos estranhos em frente da empresa, considerou-se estar em causa a segurança dos Trabalhadores da S. N. T.

Por tal facto, o Conselho de Administração decidiu suspender a publicação do Jornal até à normalização da situação, solicitando aos Trabalhadores o início imediato de discussão do problema com vista a encontrar uma solução que ultrapasse a situação.»

Entretanto, pela evolução dos acontecimentos geradores de uma crise interna que se vem arrastando há tempo tudo

indica que se chegou a um ponto de ruptura total entre as facções que disputam a orientação ideológica do jornal. O rebatimento da crise latente deu-se quando um grupo de trabalhadores que contestavam a direcção e a chefia da redacção de «O Século» tentou, através de um referendo com a participação de 449 trabalhadores (especialmente dos serviços administrativos) substituir a direcção e a chefia da redacção que eles contestavam.

Por sua vez a outra facção considerava o «referendo» ilegal porque nele participaram apenas metade dos trabalhadores da empresa e porque contrariava os estatutos. A facção do referendo depois de ontem ter ocupado a redacção convocou os órgãos de Informação para uma conferência de Imprensa que apresentou o seu quê de inédito. Decorreu na rua em frente da empresa pois a administração militar da Sociedade Nacional de Tipografia

Continua na pág. 12

MATERIAL DE GUERRA "CONGELADO" NOS DEPÓSITOS

● Desmobilização maciça provoca insegurança e os soldados fecharam os portões

Pag. 20

ESTA MANHÃ, EM QUELUZ

CEAUSESCU AVISTOU-SE COM OTELO MORAIS DA SILVA E FILGUEIRAS SOARES

O presidente da Roménia, Nicolae Ceausescu, recebeu esta manhã, em Queluz, o comandante do Copcon, general Oteio Saraiva de Carvalho. Este encontro, que não fazia parte do programa da visita oficial de Ceausescu, foi decidido à última hora, e observadores atribuem-lhe grande significado político.

Nicolae Ceausescu recebeu ainda o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Moraes e Silva e o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Filgueiras.

No final Nicolae Ceausescu, acompanhado da esposa Elena Ceausescu, visitou, cerca das 10.30, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, cujas instalações percorreu demoradamente. Recorde-se, a propósito, que Elena Ceausescu, doutora em engenharia e académica, exerce, presentemente, as funções de director-geral do Instituto Central de Pesquisas Químicas de Bucareste, sendo igualmente membro do Comité Executivo do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, organismo governamental encarregado de coordenar a política científica e o desenvolvimento tecnológico da Roménia.

Continua na pág. 20

CONSELHO MUNICIPAL EM ALCOCHETE

O povo de Alcochete dá o exemplo. Ontem no decorrer de imponente manifestação unitária lançaram-se as bases para o primeiro Conselho Municipal do País, com funções deliberativas. No final da manifestação realizou-se uma Assembleia Popular que decidiu a criação do C. M. Este incluirá dois representantes por cada zona residencial e um elemento por cada unidade laboral.

20 PÁGINAS

MANIF C.I.C.A.P./R.A.S.P.

"TEMOS AS ARMAS VIRADAS
CONTRA OS REACCIONÁRIOS"

Pag. 18



Ceausescu, esta manhã, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil

Nacional



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

O hemiciclo dividido por opções de classe

«A discussão que estamos travando mostra claramente a opção de classe de cada um de nós». Palavras de Francisco Miguel, deputado comunista, proferidas na sessão de ontem, em ordem do dia, discutia-se um dos artigos mais escaldantes deste título só por si escaldante que é o IV da futura Constituição e trata de matéria económica: nacionalizações, socializações, expropriações, etc., mas sobretudo indemnizações. A discussão empenhou sobretudo dois partidos, o P. S. e o P. C. P.

Se começámos por citar as palavras que citámos, é certamente apenas por isto: a impressão que nos ficou de que o hemiciclo se dividiu em dois blocos distintos, a partir duma linha de ruptura traçada sobre pontos fundamentais de discordância. E, por razões que seria ocioso aqui tentar compreender, o P. S. digamos assim, separou-se do P. C. P., ao mesmo tempo que se aproximou do P. P. D., desocupados os lugares em comum, com o primeiro omitidos ou iludidos as divergências em relação ao segundo. Se alguma diferença se assinalava por parte do P. S. em relação ao P. P. D., era uma diferença de grau. Se bem que sistematicamente se esforce por demarcar-se relativamente ao P. P. D., é bem evidente que há circunstâncias em que não o consegue: quando, por exemplo, estala um conflito entre ele e o P. C. P.. No caso de ontem, sobre questões fundamentais, se não essenciais. Duas propostas do P. S. foram aprovadas sob viva contra-argumentação sobretudo do P. C. P. E foram aprovadas graças ao voto a favor de todo o bloco do P. P. D.

Aqui ficam os pontos 1 e 2 do Art.º 3.º do título IV da futura Constituição: 1. «A Assembleia Legislativa Popular determinará os meios e as forças de intervenção, nacionalização e socialização dos meios de produção e os critérios de fixação de indemnizações»; 2. «A Assembleia Legislativa Popular poderá determinar que as expropriações de latifundiários e de grandes proprietários e empresários ou accionistas não dê lugar a qualquer indemnização».

O P. C. P. tinha as suas propostas não vingaram. Atendendo ao texto do P. S. que mereceu aprovação da maioria, deve reter-se que ele não fala de controle (o texto da comissão falava) e abre, evidentemente, para a possibilidade de latifundiários grandes proprie-

tários e accionistas virem a ser indemnizados: o texto do P. S. diz que a futura Assembleia «poderá determinar que não». O que, como disse o deputado comunista Manuel Gusmão, implica que poderá determinar igual (ou admitir, pelo menos) que sim... Com um forte apoio de justiça, informação e claro uma opção de classe diferente, o P. S. por intermédio de Vital Moreira, sustentava que pura e simplesmente, nos casos em citação (grandes proprietários, grandes accionistas, grandes empresários) não deveria haver indemnizações, devendo isso ficar claramente consagrado no texto constitucional.

A reter: no uso da palavra, o deputado socialista José Luis Nunes disse que «80 por cento (ou cerca de 80 por cento, não poderemos precisar), 80 por cento da economia portuguesa estão nacionalizados». E ainda que «como Marx disse, a ignorância não aproveita a ninguém». Vital Moreira havia de classificar a intervenção de José Luis Nunes como «uma das mais graves intervenções de José Luis Nunes como «uma das mais graves intervenções dos últimos dias nesta assembleia». Não pelo citado mas por razões mais de fundo: de facto, o deputado do P. S. sustentou posições que mais pareciam do P. P. D.: conciliatórias, defensivas, reticentes (no domínio da luta de classes, já se vê). Respondendo a Vital, saiu-se habilmente. Os socialistas presentes, que são muitos, gostaram e o deputado colheu uma salva de palmas.

ESTATÍSTICA, ABSENTISMO

Antes da ordem do dia, uma curiosa intervenção do deputado do P. S., José Niza, sobre a estatística do absentismo à Assembleia. José Niza, picuinhas, fez contas sobre os diários das 65 primeiras sessões (iamos ontem na 71.ª) e chegou a importantes conclusões. Todas as mais ou menos desfavoráveis aos outros partidos, e muito favoráveis ao P. S., é claro: de todos os partidos, o P. S. — disse Niza — «com 10 por cento de absentismo a esta Assembleia, é aquele cujos deputados mais assíduos são a este plenário. Provam assim os números que o partido com maior representação a esta Assembleia Constituinte, o P. S. é também o mais assíduo. Prova-se assim que, ao longo destes 5 meses, o Partido Socialista tem sabido corresponder à con-

fiança que o povo português nele depositou, pois os seus deputados são 150 por cento mais assíduos que os do Partido Comunista, e 50 por cento mais do que os do P. P. D.. Prova-se assim o sentido de responsabilidade de um partido que nem por ter mais deputados que qualquer outro, nem por isso se dá ao luxo de faltar mais».

Conclusão frágil, regista-se, no entanto, até para se dar a ver como a estatística e a percentagem elevados a categoria de valores absolutos servem para ocultar que o P. S. tem, por exemplo, quatro vezes mais deputados eleitos do que o P. C. P.

OCTÁVIO PATO

Octávio Pato, regressou ontem aos trabalhos constitucionais. Teve uma intervenção antes da ordem do dia, fez o ponto da situação política portuguesa, respondendo assim, o P. C. P., a inúmeras intervenções de idéntico teor do P. S. e do P. P. D. onde o P. C. P. tem vindo a ser pelo menos posto em causa. Uma passagem do seu discurso: «Não deixa de ser sintomático que alguns deputados manifestem profundas preocupações pelo facto de as forças revolucionárias e populares lutarem decididamente contra os saneamentos à esquerda e contra a conspiração e actividades das forças reacçãoárias. Mas esses mesmos deputados não revelam nenhuma preocupação pelas actividades contra-revolucionárias da direita e dos actos terroristas que estão a ser cometidos em várias regiões do país».

JAIME GAMA, P. S. «O SÉCULO»

No início da sessão, o deputado Jaime Gama, do P. S. apresentou um requerimento ao Governo. Não temos o documento presente, retivemos no entanto que ele consistia num pedido, ou numa sugestão: que o VI Governo intervenha no jornal «O Século». Onde se suspeita (pelo menos) que o P. S. (ou Jaime Gama, tão só) não está desinteressado de fazer de «O Século» mais um jornal daqueles que o P. S. costuma classificar na categoria de «imprensa independente».

HOJE, DE MANHÃ

Os trabalhos da Constituinte não estão muito adiantados. Por proposta do P. S. apresentada na semana passada, passa a haver, desde hoje, e todos os dias (terça, quarta, quinta e sexta) sessões de manhã.

M. R.

A QUESTÃO DOS JORNAIS ESTATIZADOS

ALMEIDA SANTOS NÃO DÁ GARANTIAS

Na sequência do conflito que opõe o M.C.S. aos jornais estatizados, realizou-se ontem mais uma reunião do ministro Almeida Santos com representantes de trabalhadores, directores e administrações desses jornais.

Foi abordado o plano de reestruturação da Imprensa (apenas seis, dos 26 pontos apresentados pelo ministro). Os trabalhadores falaram, sempre, em nome de todos aqueles que representam, já que estavam credenciados para tal, devido à realização de plenários nas suas empresas, onde se tomaram decisões nesse sentido.

Assim, os trabalhadores pronunciaram-se do seguinte modo, quanto aos seis pontos referidos:

1. Que dessa reestruturação não resultem perdas ou diminuição de regalias já adquiridas ou conquistadas pelos trabalhadores, nomeadamente as estipuladas nos Contratos Colectivos de Trabalho;

2. Não aceitação de quadros de adidos ou formas que reduzam postos de trabalho;

3. Que deve ser garantido o pagamento dos salários, assim como o financiamento das empresas, durante as várias fases da reestruturação;

4. Que deverão ser divulgados, através dos órgãos da Comunicação Social, os eventuais financiamentos da banca nacionalizada aos jornais não estatizados nomeadamente, «A Luta» e «Jornal Novo».

5. Que não seja permitido o aparecimento de quaisquer outros jornais diários, semistalções nem quadrostécnicos-profissionais próprios;

6. Que a garantia referida no

ponto 3 seja extensiva ao «República», ao «Actualidades» e à Rádio Renascença.»

Os trabalhadores tomaram ainda posição quanto ao prazo para pôr em prática tais medidas (que terá de ser «razoável e compatível com a complexidade dos pontos apresentados»), quanto aos estatutos editoriais, que deverão ser respeitados, quanto à não ingerência governamental ou outra na orientação do conteúdo dos jornais e quanto a intervenção do Governo na reestruturação da Imprensa, não devendo qualquer reestruturação ser feita sem a participação dos trabalhadores.

Almeida Santos respondeu vagamente e na generalidade a estas questões e prometeu, a pedido dos trabalhadores, responder por escrito, mas pessoalmente e não como ministro, pois poderia vir a «mudar de opinião» mais tarde, consoante o que outros trabalhadores lhe digam e depois de ouvir o Conselho de Ministros. Garantias, não deu nenhuma.

Nova reunião ficou marcada para a próxima quarta-feira, às 15 horas.

OS TRABALHADORES DOS JORNAIS E A MADEIRA

Durante a reunião dos representantes dos trabalhadores da Informação realizada ontem, no Palácio Foz, foi aprovada a seguinte moção:

1. Considerando que a atitude do governador militar e civil da Madeira, brigadeiro Carlos Azeredo, ao expulsar, na manhã do dia 22, uma equi-

pa de reportagem da RTP que se encontrava em serviço na vila de Machico, é uma afronta a todos os trabalhadores da Informação e revela o desprezo desse senhor pela liberdade de Informação;

2. Considerando que esta expulsão surge na sequência de outras interferências igualmente graves do brigadeiro Carlos Azeredo no trabalho da Imprensa, da Rádio e da Televisão em locais, não hesitando em ameaçar com «saneamentos» e prisão os trabalhadores do Emissor Regional da E. N. para impor a sua censura reacçãoária sobre comunicados de organizações progressistas e sindicatos e entrevistas dadas por operários e camponeses, que denunciavam o criminoso comportamento de forças militares e policiais contra o povo de Machico e desmentiam a versão, inteiramente falseada, dada pelo Governo Militar sobre os acontecimentos;

3. Considerando, ainda, que o brigadeiro Carlos Azeredo se tem servido abundantemente dos órgãos de Informação locais para adular a verdade dos factos e caluniar as lutas dos trabalhadores, ao mesmo tempo que proíbe as vítimas das suas prepotências de se defenderem publicamente da mentira e da calúnia;

Os delegados dos trabalhadores da Informação, reunidos em 29 de Outubro de 1975, no Ministério da Comunicação Social, decidem, em nome pessoal:

a) Denunciar o carácter fascista das intromissões e da censura do brigadeiro Carlos Azeredo, culpado da expulsão da equipa da RTP de graves ameaças aos trabalhadores da Informação e do exercício de censura;

b) Exigir do Ministério da Comunicação Social que garanta o acesso dos trabalhadores da Madeira e suas organizações aos órgãos de Informação, e que proceda contra a actuação ilegal e criminosa do brigadeiro Carlos Azeredo, culpado da expulsão da equipa da RTP de graves ameaças aos trabalhadores da Informação e do exercício de censura;

c) Exigir do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e do Governo a demissão imediata do governador militar e civil da Madeira, cujo comportamento o denuncia como inimigo do povo e da democracia.

FERREIRA DA CUNHA PEDE INQUÉRITO AO CONSELHO DA REVOLUÇÃO

Como nota oficiosa, (obrigatoriedade de publicação ao abrigo da Lei de Imprensa) recebemos do Ministério da Comunicação Social o texto seguinte:

«Face à campanha atentória da sua honrabilidade pessoal e revolucionária, o tenente-coronel Ferreira da Cunha, secretário de Estado da Informação, requereu ao Conselho da Revolução um inquérito a todas as suas actividades anteriores e posteriores ao 25 de Abril de 1974 por forma a concluir se rem estas revolucionárias ou contra-revolucionárias.

Mais requereu que as con-

clusões explicitem se o mesmo prestou ou não serviço ou colaboração ao C.D.I. ou quaisquer outras organizações fascistas.

Por este facto só, posteriormente, usará o seu direito de processar judicialmente as entidades individuais ou colectivas responsáveis pela referida campanha.»

L.A.P.A. CONTRA F.L.A.

PASSAM À CLANDESTINIDADE PROGRESSISTAS AÇORIANOS

Na ilha Terceira, acaba de se constituir uma organização clandestina que se denomina Liga de Acção Patriótica dos Açores (L.A.P.A.). Nos panfletos que distribuiu há dias, afirmava-se que este novo organismo combate o separatismo e a exploração dos trabalhadores em nome da liberdade e da democracia.

Depois da distribuição das tarjetas de apresentação da L.A.P.A., os grupos fascistas que andam armados pelas ruas, efectuem grupos de vigilância aos progressistas a quem fazem constantes telefonemas com ameaças de morte.

É o tal clima de terror nas ilhas que os jornais progressistas de Lisboa viram a venda

totalmente boicotada. Permite-se apenas a circulação do «Diário de Notícias» porque tem um suplemento publicitário que serve a sociedade de consumo.

O clima de terror é tal que os jornais que são recebidos directamente por assinatura pessoal, circulam de mão em mão na mais rigorosa clandestinidade. «No arquipélago dos Açores, a C. I. A. e o E. L. P. dão-se as mãos com um absoluto à-vontade e impressionante desfaçatez para toda a qualidade de manobras e planos que a F. L. A., C. D. S. e P. P. D. executam com a mais felina desenvoltura», lê-se ainda no comunicado da L. A. P. A.

Em OLHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA FARRACHA

post scriptum

As «classes à parte»

Pasmei com o resultado do Plenário do Banco Espírito Santo, anulando, por maioria, o empréstimo dos 3000 contos, aos trabalhadores rurais do Alentejo.

Porém, pensando com calma, tal atitude não é de estranhar no momento em que vivemos. Vem, sim, provar, uma vez mais, que as revoluções não se fazem com maiorias.

Não há argumentos que justifiquem tal decisão, pois é recusar a quem tanto necessita o medicamento que lhe poderia aliviar em parte o sofrimento.

Mas repito: Tal desiderato não é de admirar, pois que entre os empregados de carteira, ocupam os bancários um lugar de privilégio.

Esta situação foi adquirida através de sucessivos contratos de trabalho, aproveitando os fabulosos lucros da banca auferidos até ao 24 de Abril.

Quem não se lembra da proliferação, como cogumelos, das Agências bancárias em Lisboa e no resto do País?

Quem já se esqueceu que 99 por cento do comércio nacional se fazia através de letras a desconto?

Esta foi uma das situações que originaram os lucros; não originados numa economia sã, mas na falta de activos em numerário.

Tal como um agiota que mais rico se torna, quanto mais pobre for a grei, assim a banca mais florescia numa economia cada vez mais falida.

Ora até ao 24 de Abril, foi neste ambiente que os bancários viveram, tornando-se assim, salvo raras excepções (a tal minoria), aburguesados.

Portanto é claro que não lhes interessa de maneira nenhuma a Reforma Agrária, nem a «Revolução rumo ao Socialismo», se vêem na sua consolidação a perda dos motivos que lhes garantiam o estatuto de uma classe à parte, entre os trabalhadores em geral.

Lúcio Ventura — Lisboa

Querem fazer de nós atrasadinhos mentais

Não há dúvida que vai linda a TV portuguesa...

Pena é que o Castrim esteja de férias, que ele é que havia de achar um piadão àquilo.

Estou-me a referir ao último Teleforum, com aquelas senhoras todas a explicarem à gente que elas é que sim e que a gente é que não e que se elas estivessem onde nós estamos outra galinha nos cantaria. É claro que isto tudo é pôr poeirinha nos olhos da gente, ou fazer de nós um pouco mais que atrasadinhos mentais. Querem reduzir o problema das lutas de classes a um problema de luta de sexos, é não perceber nada do que se passa. Meter as sociedades capitalistas e as sociedades socialistas todas no mesmo saco é tentar confundir as pessoas — para não lhe chamarmos outra coisa...

Muita coisa se disse que estava certo — note-se. A perspectiva geral com que o problema foi abordado é que estava completamente errada.

E mais uma vez se provou que o povo é que sabe. A operária, a da comissão de moradores do bairro da lata, a que era para ser enfermeira e não pôde — essas é que podem falar na exploração feminina, que a sentem bem no pêlo e no bolso. Essas, e não a esposa do presidente do conselho de administração da RTP ou a secretária particular do senhor ministro Vítor Alves.

Constâncio Pereira de Sousa — Lisboa

Quando no domingo, dia 26, ouvi através do RCP, iouco antes das 13.00 horas, a transmissão do noticiário da Emissora Oficial de Luanda e, pouco depois, no noticiário da EN das 13.00 horas, ouvi essas mesmas notícias, fiquei estupefacto!

A EN fez censura — cortou as palavras que foram transmitidas na manifestação alegando dificuldades de programação; mas não seria porque o povo de Angola, o verdadeiro povo explorado pelo regime fascista durante tantos anos, responsabiliza o Governo português pela posição ambígua que agora toma em relação à independência que se avizinha?

Lamento esta posição da EN e estou convicto que muitos portugueses a lamentaram.

Ou será que a EN também não aceita o MPLA como movimento libertador do povo angolano? São os próprios emigrantes e alguns já o afirmaram em entrevistas à TV, que dizem que o MPLA é o único movimento que trás paz e concórdia ao povo, que o há-de libertar da exploração colonialista!

Esta hesitação do Governo português, com declarações como a do comandante Vítor Crespo, não são de modo nenhum as que pretende o povo trabalhador de Angola. Como poderá ser entregue a independência a movimentos como a FNLA, a UNITA e o ELP, organizações assassinas, fantoches, a soldo do grande capital imperialista?

Quando a EN corta declarações do povo de Angola, contra a posição do VI Governo, mas não ofensivas, esquece-se dos insultos e calúnias proferidas nos discursos do sr. Mário Soares, contra o então primeiro-ministro, Vasco Gonçalves, até conseguir os seus objectivos derrubar o V Governo!

Onde está a isenção da EN?

Afinal quem manipula a EN?

Agora compreendo porque foi a campanha histórica desencadeada pelo PS contra a Informação nos Governos anteriores!

Está a dar os seus frutos.

Edgar Manuel Marques de Carvalho — Leiria

FICHAS NA MESA

JORGE LISTOPAD

55.1 — (MISSA DO SÉTIMO ANO): Neste momento, está-se a dar o difícil início do sétimo ano de escolaridade (curso secundário unificado); o Ministério elaborou as linhas gerais dos programas. Imprimiu-os. Enviou-os. Li-os. Li-os com verdadeiro prazer intelectual e com cepticismo metodológico; pois imagino uma aula no Poço do Bispo, em Viseu, em Penafiel; imagino umas aulas, por exemplo sobre o objectivo específico enunciado sob o título: **Análise das contradições sociais pela denúncia da alienação visual**; ou, estando já nesta matéria, como se irão desenrascar os professores e os alunos de 13 anos, no capítulo assim programado: **Revolução do gosto, no sentido de desmistificar as explorações deformantes**. Fim de citação.

Mal acabei de ler os programas do sétimo ano, com todos os seus objectivos gerais e parciais, acompanhados de útil bibliografia, para português, matemática, língua estrangeira, ciências sociais, educação visual, educação cívica politécnica, etc, imediatamente quis inscrever-me. Não me era possível: não tenho o segundo ano do ciclo preparatório. Sou apenas licenciado.

55.2 — (DESTACAMENTO VERMELHO FEMININO): O cinema Universal, depois dos Eisensteins, infelizmente mal amados (vide 54.3), exhibe um filme da República Popular da China, «Destacamento Vermelho Feminino», dos mais conhecidos no Ocidente, posterior à Revolução Cultural. Filmado em 1970, segundo o bailado da ópera de Pequim estreado em 1964, deu bastante que falar. Mais na Europa do que na China: na China, o filme foi considerado apenas como a veiculação do bailado que, apesar de tudo, se situava no seio de longa tradição estética. Revolucionário sim, o bailado, mas apenas pelo espaço ideológico que ocupa, sem que radicalmente se mudassem as relações das formas e dos significados.

Para nós, no entanto, é um acontecimento. Embora em termos de filmologia, pouco inte-

ressante esteticamente, o filme levanta os problemas mais gerais da cultura e do binómio arte-política. Estamos diante de uma obra de arte rigorosamente política, mas que, da tripartição em, o político estruturando organicamente a obra, o político canalizado a propaganda, e o político em forma didáctica, escolhe esta última via. Filme, pois, educativo, on-

tal, a utilização feliz de toda a tradição balética e teatral — para explicar uma realidade política precisa (a participação activa das mulheres na luta de classe, sem que, para isso, deixem de ser mulheres com psicologia e actividades específicas).

Falando agora do próprio espectáculo: além de poder abrir a útil discussão sobre a função

nalíticos de pertinência motivadora, eis a surpresa que espera o leitor de um romance policial «Quanto à mulher», editado há pouco na colecção **Policial Século**. O nome do autor, Francis Iles, não me diz nada. Literatura de quiosque de que se trata? Só o aspecto, digamos, posterior: livro barato, péssimo, mas a capa que se quer insinuar de uma personagem com o rosto, da autoria de Moreira do. Porém, o livro tem apenas uma vaga relação com o elemento policial, como o acontecimento sempre possível entre a vida e a morte: Mauriac não está longe.

Lembrei-me de Mauriac, do aniversário dos cinco anos da sua morte, ao comprar este livro numa Santa Apolónia qualquer, livrinho aparentemente anódino, sem importância e excelente. Aconselho-o aos viajantes — e aos outros.

55.4 — (A C.I.A. DOS CARDEAIS): Este espectáculo, apresentado no barracão simpático do teatro Adôque do Largo Martim Moniz, no primeiro acto trata da saúde à história de Portugal. Segundo alguns, monótono. Segundo outros, engraçado e bem apimentado. Sem querer arbitrar, há, no entanto, um outro elemento da primeira parte do espectáculo que gostaria de apontar, por que me fez reflectir. Explicar qualquer moderno conceito de história, sem já falar da visão do materialismo histórico, apresenta as personagens históricas bem como as situações-limite como resultantes da economia, de lutas classistas, embora por vezes incoerentes, ou de outras relações sociais e culturais: as personalidades e os salientes factos históricos, tão conhecidos dos antiquados livros escolares, não funcionam como elementos decisivos da história. Assim, mesmo na revisão e sobretudo nesta, a desmistificação da História deveria usar esses modernos conceitos pelo menos, como instrumento de análise. Ridicularizar os factos históricos não é ainda desmistificar a concepção ideológica da História, inculcada por gerações de má tradição.



de a arte da dança não é subordinada, ou sacrificada, ou superada: pelo contrário, ela, ao beber na melhor tradição técnica e expressiva (do clássico, da acrobacia, dos jogos circenses, do folclore), é aí exaltada. Tudo joga convergendo: a didáctica das cores, o primato da coreografia que conta a história, enquanto a música é apenas o sustentáculo (e de péssima qualidade, ressalvando a nossa ignorância ociden-

e as formas de utilização da política na arte, o filme é forte, primitivo (o que não é sinónimo de primário), belo; aqui, o elemento de beleza é resultado do necessário, sinalizado pelo talento, pelo saber, pela paixão.

55.3 — (POLICIAL COM LEMBRANÇADEMAURIAC): Um jovem que não sabe viver, num ambiente muito realista e inglês, tudo salpicado de apontamentos psicológicos e psica-

A MORTE DE ARNOLD TOYNBEE

UMA LUXURIANTE SÍNTESE DA HISTÓRIA

ANDRÉ LATREILLE

Foi entre 1934 e 1961 que Arnold Toynbee publicou os doze volumes intitulados «A study of history», que obtiveram um enorme sucesso junto do público. Toynbee não fazia propriamente nessa obra uma exposição ampla e contínua das vicissitudes das sociedades humanas, mas sim uma análise das causas e das condições do seu desenvolvimento e do seu desaparecimento.

A reflexão feita por um espírito que brincava cruelmente com uma informação quase universal, pareceu tão apaixonante a um dos seus admiradores, D.C. Somerwell, que este realizou para sua satisfação pessoal, um resumo da obra, que por vezes era difícil para o grande público. Toynbee fez seu este resumo, que ampliou a sua audiência entre os não especialistas, e que surgiu em França com o título de «L'Histoire: un essai

d'interpretation».

«A study of history» nunca foi traduzido em francês em toda a sua amplitude. No princípio deste ano, as edições «El Sevier-Sequoia» apresentaram uma síntese realizada pelo próprio historiador.

Raymond Aron referia-se no prefácio a essa «obra monumental, a mais célebre e controversa da historiografia contemporânea, recusada com uma mistura de inveja e de desprezo pela maioria dos historiadores profissionais».

O misterioso problema da génese, depois do declínio das formas de organização social, que marcam em dada altura uma comunidade de nações, preocupa as nossas consciências. No início do século XX, Oswald Spengler evocou perante elas o espectro da decadência do Ocidente. O alargamento das nossas perspectivas históricas, a experiência

trágica do declínio de uma Europa que em 1914 dominava o mundo e que trinta anos depois já não parecia contar grande coisa, conferia uma actualidade pungente a toda e qualquer meditação sobre essa terra.

A. J. Toynbee calcula em 34 o número de civilizações, desde o início dos tempos históricos. No mundo actual só subsistiriam 5: a civilização cristã ocidental, a cristã ortodoxa, a islâmica, a hindu, a do Extremo Oriente.

Agrupamentos na verdade distintos pela sua originalidade cultural, mas evidentemente mais ou menos aparentados, e em todo o caso submetidos às mesmas leis de desenvolvimento. Para libertar essas leis, Toynbee não age por indução a partir de uma narrativa ordenada nos quadros da cronolo-

gia. É a análise filosófica, observação psicológica e sociológica, também à interpretação de mitos em que se primam as lições da experiência humana, que ele sugere, para depois as tirar numa série de confrontos com casos históricos precisos.

Dai uma obra singular, mesmo tempo rigorosamente lógica e extraordinariamente luxuriante, visto que cada pa deste discurso é pa através de uma grande quantidade de exemplos «escolhidos em todo o percurso e em a amplitude da história», demonstração, em que as realidades invocadas são, mais que os nossos conhecimentos científicos, os grandes da humanidade, da Bíblia de Platão até Shakespeare, Shelley, Browning e Be-

Continua na p.

Nacional

MANIFESTAÇÃO ANTI-IMPERIALISTA

ANUNCIADA PELA F.U.R.

A Frente de Unidade Revolucionária anuncia para o próximo dia 3 em Lisboa uma «grande manifestação contra as manobras do imperialismo em Portugal, em Angola e em Timor». A manifestação começa com uma concentração no Cais do Sodré às 19 e 30 e desce-se, por enquanto, aonde os manifestantes se dirigem a seguir, bem como o itinerário.

O anúncio da jornada consta de um comunicado que a F.U.R. emitiu ontem, apelando desde já «a todas as organi-

zações populares e a todas as forças políticas progressistas e revolucionárias para que adiram». O texto da Frente faz ainda um ponto cerrado da situação política actual, atendendo ao que se passa em Portugal, Angola, e Timor. «Face ao crescimento da grande ofensiva popular e perante a aproximação do dia 11 de Novembro — diz a F.U.R. — a reacção capitalista e o imperialismo multiplicam as suas manobras desesperadas, aqui e em Angola, para tentar impedir a liber-

tação do povo português e do povo angolano. Também em Timor o imperialismo se movimenta descaradamente no sentido de travar a luta pela independência do povo timorense.»

A F.U.R. critica a atitude do VI Governo provisório e especialmente o ministro dos Negócios Estrangeiros, major Melo Antunes.

MOÇÃO

No decurso de uma reunião

de militantes do Partido Comunista Português realizada no último domingo na sede da comissão concelhia de Santarém, foi aprovada por unanimidade uma moção exigindo que a data de independência de Angola, 11 de Novembro, seja cumprida pelo Governo português.

A moção exige ainda que o poder político do novo país, Angola, seja entregue ao povo angolano através do seu legítimo representante, o M.P.L.A.

MANHÃ NA PRAÇA



Menos desenhos nas paredes e mais comida no frigorífico

«Estamos aqui a penar desde que começaram a aparecer as vendas ambulantes no Largo Mendonça e Costa» — afirmou um vendedor de hortaliça do Mercado de Arroios.

Dirigimo-nos ao largo indicado, que fica numa das transversais da Rua Morais Soares, e tentamos saber a opinião das freguesias sobre a desigualdade dos preços. De um modo geral, as opiniões estão de acordo: há dias em que os vendedores ambulantes têm preços mais baratos outros em que vendem mais caro que no Mercado.

Todos da praça de Arroios acham que se devem tomar medidas urgentes contra a existência de uma venda ilegal ali mesmo ao pé, que lhes rouba a freguesia. «É natural que eu, que pago três contos e tal de contribuições, me sinta revoltado contra os que têm os carros de venda lá fora à borla, não?» Quem está interessado nesta divisão dos vendedores? Que garantias higiénicas poderemos ter quando se continua a permitir a venda de produtos sujeitos a poluição que aumenta de dia para dia?

Como o peixe continua caro, havia quem hoje vendesse restos que se arrastam desde sábado. Vimos os seguintes preços: peixe-espada a 54\$00, pescada branca a 90\$00, carapau a 65\$00, pargo a 85\$00, robalo a 95\$00, enguia a 120\$00, xaputa a 19\$00, polvo a 36\$00, carapau a 65\$00 e tainha a 16\$00.

Quanto à carne, o bife de vaca está a 100\$00 e o porco a 99\$80; a carne de vaca para estufar, ou guisar com osso, vende-se a 48\$00; o cabrito a 109\$80. Para o carneiro: a perna a 69\$80, a mão a 65\$80 e o peito a 48\$00.

Os legumes continuam a encher as pedras do mercado, com as batatas de 5\$50 a 7\$00; as ceboulas a 9\$00; as cenouras a 11\$60; os tomates a 8\$00; os nabos a 3 e 5\$00 por cabeça; o feijão verde a 11\$00, 18\$00 e 20\$00; os pimentos a 10\$00; ervilhas a 18\$00; feijão catariño a 10\$00; agriões a 3\$50, rabanetes e nabos a 2\$50.

Enquanto não chega o tempo da laranja abundante, vai-se vendendo a 19\$50 e as tãjas a 11\$70; as pêras a 16\$90; as maçãs variam conforme a qualidade: 10\$40, 14\$00 e a reineta a 18\$00. O ananás a 45\$50, a uva branca a 23\$40 e a preta a 18\$20.

Uma das vendedeiras de fruta, enquanto ia desabafando sobre o dia-a-dia, chamou-nos a atenção para as vendas de produtos supérfluos que se fazem dentro e à porta do mercado: «Com as cozinhas, as roupas, os plásticos e as flores artificiais, as freguesias ficam desorientadas e gastam o que não deviam».

Ao pé de uma das portas do mercado, reparámos num latão de lixo que servia de mesa a uma abundante colecção de autocolantes com peixinhos, animais e flores que as donas de casa compram para enfeitarem as paredes das cozinhas.

Sabemos todos como os nossos antepassados decoravam as paredes das cavernas com pinturas de animais de caça na esperança de assim os poderem caçar mais depressa. Como, entretanto, a humanidade já ultrapassou a mentalidade mágica, é necessário que as donas de casa coloquem menos desenhos nas paredes e mais alimentos no frigorífico.

O VI GOVERNO FRACASSOU (DIZ A L.C.I.)

A situação política e as tarefas revolucionárias mais urgentes, bem como a reafirmação de apoio ao M. P. L. A. e a marcação de posição quanto aos rumos que o fim do processo de descolonização estão a tomar, foram assunto, esta manhã, da Liga Comunista Internacionalista, em conferência de imprensa, com a participação de Francisco Temudo,

Francisco Vale e António Maria Pinto.

Num documento distribuído, a L. C. I. começa por dizer que «o VI Governo de colaboração de classes fracassou nos órgãos de Informação, nos quartéis, nos campos e nas empresas. Fracassou de igual modo nas suas tentativas de impedir a generalização e centralização dos órgãos de Poder Oo-

perário e Popular».

E em seguida, apresenta as razões pelas quais faz essas afirmações, ao lembrar que a Rádio Renascença voltou ao ar controlada pelos seus trabalhadores, o desenvolvimento e fortalecimento dos S. U. V., a organização autónoma dos soldados nas suas comissões, as ocupações dos latifúndios e das terras incultas ou subprovetadas e as Assembleias Populares.

E prossegue: «Também as forças burguesas sentiram a incapacidade do VI Governo em conter o avanço da luta e da organização de massas». E como consequência, a L. C. I. cita que este facto levou a um reforço da acção do M. D. L. P. E. L. P., protegidos pelo C. D. S., à viragem brusca do P. D. à direita, com uma histeria anticomunista e anti-socialista à nível nacional, ao decreto sobre a posse de armas, à formação do A. M. I. e à deslocação de Pinheiro de Azevedo ao Norte, «na procura de um apoio que permita legitimar o VI Governo».

A L. C. I. acredita que a queda do VI Governo é inevitável, pois a sua espinha dorsal, o P. S. e o P. P. D., revelou-se ineficaz.

A seguir a Liga Comunista Internacionalista critica o Partido Socialista que «agarrase desesperadamente ao VI Governo e procura, com uma política abertamente burguesa, apoiando Jaime Neves e Pires Veloso, impedir o avanço do fascismo e mostrar à burguesia que o VI Governo, ainda será capaz de deter a ofensiva dos trabalhadores reprimindo as suas formas de luta e de organização mais avançadas». A L. C. I. adverte os trabalhadores do P. S. de que eles também serão vítimas de um retrocesso

violento e apresentam como exemplo os ataques que os militantes do P. S. foram alvo em Bragança.

O Partido Comunista Português também é vivamente criticado pela L. C. I.: «Após algumas hesitações, o P. C. P. desenvolve uma política sistemática de transformação da mobilização dos trabalhadores no sentido da manutenção ou mesmo reforço das suas posições no aparelho do Estado burguês, da reestruturação do M. F. A. e do C. S. R.». O P. C. P. é ainda acusado de querer submeter organizações à sua esquerda em compromissos com a social democracia que serão baseados no sacrifício das reivindicações essenciais dos trabalhadores, e de não oferecer nenhuma alternativa revolucionária, preferindo «voltar a um V Governo de colaboração de classes».

A L. C. I. também não acredita que as propostas de forças que classifica como centristas (M. E. S. e P. R. P., por exemplo), pois estas «julgam ser possível fazer a insurreição e a revolução sem o apoio da maioria da classe operária e identificam social-democracia com fascismo, o que afasta os trabalhadores do Partido Socialista de uma resposta comum aos ataques dos bandos fascistas e dificulta a sua adesão ao campo da Revolução».

Como solução, a L. C. I. aponta para a unidade da classe operária nas comissões de moradores, de trabalhadores e de soldados, nos conselhos de aldeias e assembleias populares. Preconiza um Congresso Nacional dos seus delegados e a construção de um Partido Operário Revolucionário «que seja capaz de dirigir as massas trabalhadoras nas tarefas de derrube do Estado burguês, da destruição do capitalismo e da instauração da ditadura do proletariado».

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA 8.º JUÍZO CÍVEL

O DOUTOR ANTÓNIO MANUEL DE LEMOS GARCIA DA FONSECA, JUIZ DE DIREITO DO OITAVO JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA, FAZ SABER que por este Juízo e 1.ª Secção, Processo n.º 2430, nos autos de Acção Sumária em que são AUTORA: Cimpomóvel... Comércio Importador de Automóveis e Acessórios, SARL, com sede na Av. Infante D. Henrique, lote 5, em Lisboa e RÉUS: MANUEL MARIA PEREIRA MARQUES EMULHER CLAUDINA DE JESUS ROSA, ele comerciante e ela doméstica, com última residência conhecida na Rua das Mercês, n.º 3, em Alqueirão, correm editos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os Réus para no prazo de DEZ DIAS, findo o prazo dos editos, contestarem, querendo, e confessarem ou negarem a firma aposta nas letras, a acção na qual a Autora pede a condenação solidária dos Réus a pagarem-lhe a quantia de Esc. 74 207\$00 acrescida dos respectivos juros, vencidos e vindos à taxa anual de 6 por cento e ainda em custas e procuradoria.

Lisboa, 20 de Outubro de 1975

O JUIZ DE DIREITO António Garcia da Fonseca

O ESCRIVÃO DE DIREITO Carlos Resende Barradas

VALADÃO EM JUÍZO

Breve incursão na política

Agora com audiências de semana a semana, vai prosseguindo o julgamento de Ramiro Valadão, ex-administrador da RTP, acusado de haver praticado, no exercício daquelas funções, fraudes variadas no montante de 2 485 643\$50. Ontem à tarde houve audiência e, digamos, alguma novidade. A novidade reside no facto de ter acontecido o primeiro afloramento de carácter marcadamente político: uma breve brisa na morridão dos números e mais números, despesas e mais despesas, recibos e mais recibos, ofertas e mais ofertas que o Tribunal dirá se para proveito, pessoal de Valadão ou para glória da distinta e defunta RTP de sua presidência. Ex-presidência, salvo seja...

A política apareceu com o depoimento do comandante Lanhoso, nomeado por Marcelo Caetano para o cargo de delegado do Governo no Conselho de Administração da RTP em Fevereiro de 1974. Tudo começou pelas contas, como não podia deixar de ser. Lanhoso afirmou ter detectado sem esforço a existência de irregularidades. Falou do caso a Ramiro Valadão. Este, muito prestável, dispôs-se, sim senhor, a pôr do seu bolso as verbas que o senhor delegado do Governo punha em causa. E repôs, e não foi pouco: uns setecentos e tal contos. Só. Entretanto, ao que se desprende do depoimento de Lanhoso e das intervenções, quer do representante do Ministério Público, quer dos advogados de acusação e defesa, é possível alinhar meia dúzia de dados com algum interesse político. Assim, Valadão, após a entrada de Lanhoso, teria começado a afirmar à sua «entourage» que o Marcelo o andava a perseguir, que o queriam arrumar. Por seu turno, Lanhoso deixou na sala de audiências a sensação de que Marcelo o teria nomeado delegado do Governo com o fito precisamente de averiguar o que de escândalos financeiros iria pela Televisão, eventualmente que, à primeira vista, parece dar base às suspeições de Valadão. Curiosamente, eis que, chegado o 24 de Abril, vésperas, vespérinhas do 25 de boa memória, Ramiro Valadão chega atrasado à reunião do

Conselho de Administração da RTP. Chegou atrasado, portanto, e teria dito mais ou menos o seguinte: «Acabo de ter uma importante reunião com o senhor Presidente do Conselho. Ele acaba de me reiterar toda a sua confiança». Dissemos «teria dito», porque, muito naturalmente, da reunião derradeira do ex-Conselho de Administração da RTP nem sequer há acta. Dai o «suponhamos». Recuriosamente, e para fechar o parágrafo, que já vai longo, segundo Lanhoso, se não fora o 25 de Abril ter alterado os programas todos, ele, por alvitre do então presidente do Conselho de Ministros, iria de caminho fazer uma pesquisa à contabilidade de 1973, para ver como eram ou não eram as contas do citado e recitado Ramiro Valadão. Que entender? Já agora mais esta: Valadão apontaria aos seus próximos, como sendo um dos motivos da perseguição que lhe estaria a ser movida por Marcelo, a publicidade feita na TV ao livro do ex-general Spínola «Portugal e o Futuro».

Resta acrescentar que foi ainda ouvida a testemunha Filipe Biscaia, da contabilidade da RTP.

No dia 4 do mês que vem, nova audiência. A presidir à de ontem, o corregedor dr. Tavares dos Santos; pelo Ministério Público, o dr. Adelino Gonçalves; na acusação particular, o dr. Ribeiro de Almeida; a defender o réu, o dr. Mendes Carqueijeira.

TALISMÃ

Saúde, sorte, amor e dinheiro, terá com o maravilhoso TALISMÃ NEGRO DE S. CIPRIANO (origem Antioquia). Preço 550\$00. Pedir à Ref. DL-31, Apartado 3012, Lisboa + 3.

EXERCÍCIOS MILITARES E NAVAIS

O Regimento de Infantaria 16, aquartelado em Évora, efectua exercícios amanhã e nos dias 6, 11, 13 e 18 de Novembro, numa zona a cerca de 14 quilómetros a oeste de Évora, sendo o seguinte o perímetro de interdição: entre as linhas que unem os pontos de triângulo da Boa-Fé, cruzamento do caminho Esfola Caras (M 204 200 B 172 900), Fontainhas. Completamente interdita a zona de Cabanas.

Também se efectua, nos dias e horas adiante mencionados, na área do Alfeite, exercícios de rebatimento susceptíveis de serem ouvidos nas localidades vizinhas: amanhã, das 13 às 16 e 50; de 17 a 21 de Novembro, das 9 e 10 às 16 e 05.

"Pide" de Moçambique escreve em "O Retornado"

O jornal «O Retornado», que se publica em Lisboa, não satisfeito com os «insultos que em cada número formula contra o povo angolano» (palavras do ministro Rui Monteiro, em Luanda), abre, na última edição, as suas páginas à prosa de PIDES.

Na secção «Escrevem os Leitores» (por aqui se vê quem eles são...), Orlando Rodrigues Passos, da PIDE/DGS de Moçambique, ao serviço da qual esteve «dois anos e tal», queixa-se, amargamente, da sua actual detenção na Penitenciária de Lisboa, ele que «sofreu as torturas (!) do clima e do

abandono», que «velou pela segurança de todos, quer pretos quer brancos». E conclui, perguntando inocentemente: «Porque estamos presos? De que nos acusam? (...) Porque não nos põem em liberdade (...)?»

Nas masmorras da Machava e do Ibo, nos campos de concentração de Cabo Delgado, do Niassa e de Tete, milhares de moçambicanos formularam as mesmas perguntas. Só que para eles não havia um «Retornado» que se fizesse eco das duas lamentações. Só que, para eles, as torturas não eram apenas as do clima.

O ASSALTO À EFACEC

MISTÉRIO NOS 10 MIL CONTOS QUE PERTENCIAM AOS TRABALHADORES

Não foram doze mil, mas cerca de 10 mil contos, que desapareceram, na madrugada de ontem, do cofre-forte da Efacec-Inel. O dinheiro destinava-se ao pagamento dos salários e vencimentos dos meses corrente para cerca de 800 trabalhadores (montadores, pessoal administrativo e da fábrica de Cabo Ruivo, entre outros).

As circunstâncias em que o assalto e roubo foram perpetrados encontram-se, ainda, envolvidas em mistério. Ao contrário do que inicialmente corria, os gatinhos não iludiram a vigilância do porteiro porque a Efacec não tem um homem disponível, todas as noites, para isso. O que mais impressiona nesta «operação» é o facto do dinheiro, que no dia anterior tinha sido levantado do banco, e à semelhança do que normalmente acontece, não tenha sido, de acordo com as suas remunerações, entregue aos trabalhadores.

Esse pormenor foi-nos esta manhã explicado na sede da empresa, em Lisboa: uma reunião no mesmo dia, e o facto do levantamento ter sido efectuado tardiamente, impediu que essa outra «operação» se realizasse. O porteiro de serviço, que ontem foi a primeira pessoa a aperceber-se do roubo, quase nos garantiu que os gatinhos, quando para ali se dirigiram, estavam longe de supor que se encontrava no seu cofre-forte tão avultada quantia.

Um dos elementos da comissão de trabalhadores, que evitou responder a duas questões que lhe pusemos relacionadas com o assunto e a forma, subtil e frutífera como desapareceram os (quase) 10 mil contos, adiantou-nos que a C. T. tinha outra opinião que não a exposta pelo elemento da secção de pessoal, recusando-se a falar para evitar divisionismos e mais confusão. Mas repetiu: temos outra opinião acerca de toda a questão.

FALTA DE SACOS

O referido porteiro vinco-nos, que a imprensa tem

especulado com o assalto e está «muito mal informada a propósito do que se passou». «Os ladrões», prosseguiu, «não se dirigiram logo para aqui, porque, antes, foram 'visitar' os C. T. T., de onde roubaram cervejas, um sumo, um martelo, duas chaves de parafusos, duas tesouras e uma camisola».

«Passaram depois pelo Sindicato dos Comerciantes (tudo no mesmo edifício) e, por último, por aqui. Em nenhum dos outros sítios lograram encontrar dinheiro», acrescentou o homem. E, após uma pequena pausa: «Quando chegou, às 7 e 24 minutos de ontem, foi alertado por uma das mulheres da limpeza dos Correios, que se apercebeu que as instalações dos C. T. T. tinha sido vasculhadas e não queria penetrar nas instalações porque tinha medo. Fui lá, não vi nada de especial e, só então, lembrei-me de que tínhamos dinheiro aqui».

Ainda o seu relato dos factos: «Quando me abeirolei do cofre e o vi violado... Todos os trabalhadores foram postos ao corrente do que se passava quando chegaram. Todos sabiam, também, que o dinheiro dos seus salários se encontrava guardado no cofre».

Mais tarde chegou o dr. Gualdim, chefe dos serviços do pessoal. Afirma-nos ter havido um pouco de precipitação e que o total do dinheiro roubado apareceu noticiado em alguns vespertinos como se se tratasse de todo o que fora levantado na tarde anterior. «Mas encontrava-se muito espalhado junto do cofre». E, a esse respeito, um outro elemento da mesma secção adiantou-nos que os quase três mil contos que ali ficaram só não foram levados por falta de sacos para o transportar. «Muitas das notas parece que foram transportadas daqui dentro de uma camisola roubada nos C. T. T.»

Os trabalhadores receberão, hoje, os seus salários. O dinheiro roubado encontrava-se coberto pelo seguro (nacionalizado) e, já ontem, o director



Trabalhadores da Efacec prestando declarações ao «DL»

eng. Chicau, enviou uma letra de 12 mil contos a um Banco para assegurar o pagamento dos ordenados a todos os trabalhadores.

Nunca o dinheiro dos salários ficara guardado no cofre da empresa. Só anteontem isso aconteceu e com o resultado que todos sabemos. A direcção da Efacec-Inel transmitiu aos trabalhadores, esta manhã, que não permitia que a «massa» para os pagamentos fosse novamente guardada no cofre.

CONSTRUÇÃO CIVIL

PATRÕES NÃO COMPARECEM NEGOCIAÇÕES PROSSEGUEM

Tal como os trabalhadores haviam previsto, as associações patronais do ramo da construção civil não compareceram na reunião que se efectuou no passado dia 28 no Ministério do Trabalho para discussão do contrato colectivo.

Apenas estiveram presentes no início das negociações, que antecipadamente tinham sido marcadas para esta data, a Comissão Negociadora e os representantes do Ministério do

Trabalho. «Estes informaram — salienta um comunicado da Comissão Negociadora — que as posições das Associações Patronais mostravam claramente a sua disposição de não comparecerem às negociações, posições essas, denunciadas pelos próprios, quer em comunicados na imprensa, quer em cartas dirigidas ao Ministério do Trabalho».

Perante este impasse, e apesar de reafirmarem a sua disposição em negociar com os patrões em qualquer altura, os Sindicatos propõem: «Fixar um prazo máximo de 30 dias para as negociações, a partir do passado dia 28, tendo estas de ficar concluídas dentro do referido tempo; dentro desse prazo, estabelecer um primeiro período de 10 dias, durante o qual o Ministério do Trabalho apresentará o projecto da Portaria; reservar um segundo período de 10 dias para apreciação desse projecto pelos sindicatos e discussão com o Ministério do Trabalho nos últimos 10 dias do referido período».

A Portaria contemplará todo o contrato, clausulado e tabelas salariais. No caso das entidades patronais persistirem na ausência às negociações, o conflito será resolvido por via administrativa, seguiu do exigência dos trabalhadores. Estas condições foram aceites pelo Ministério do Trabalho.

Entretanto, o secretário de Estado do Trabalho emitiu um comunicado, no qual salienta: «O Ministério do Trabalho continua a considerar preferível que o conflito seja solucionado através de negociações entre as associações patronais e os sindicatos, pelo que continuará a realizar diligências no sentido de as primeiras aceitarem negociar, designadamente in-

salários de mais de mil trabalhadores».

Um dos membros da comissão de trabalhadores da empresa afirmou aos investigadores que se de momento «não existem provas de que a administração tenha tido quaisquer relações com o roubo, essa não deixa, contudo, de ser uma das hipóteses a considerar».

DIRECTORES SEQUESTRADOS

Três directores da Efacec (Arroteia) e dois chefes da Divisão Comercial do Norte (Rua Sá da Bandeira) encontram-se impedidos de sair dos seus locais de trabalho em consequência de um diferendo que opõe trabalhadores da empresa à administração, a qual não quer dar uma interpretação correcta ao decreto 207 B/65.

Em face disso foi decidido em plenário realizado anteontem que os três directores e os dois chefes de divisão ficassem «prisoneiros» nas respectivas instalações até à acceptabilidade do C.C.T. dos fabricantes de material eléctrico, o que se espera ainda se verifique hoje.

formando-as sobre os planos governamentais traçados para o sector e esclarecendo-as de que qualquer solução para o conflito (seja negocial, seja administrativa) terá de assentar nas conclusões da Comissão Técnica Interministerial — encaradas numa perspectiva dinâmica de reestruturação e relançamento da actividade — sobre a capacidade das empresas para suportar novos encargos, e nas decisões e orientação do Governo sobre a forma de lhes fazer face.

«Continuarão; entretanto, os estudos e consultas a nível de técnicos e de responsáveis pelo Ministério do Trabalho e pelo Ministério do Equipamento Social a fim de elaborar um projecto de solução para o conflito que abarque o clausulado e as retribuições.

«Atendendo à complexidade dos trabalhos a realizar e ao número de duração das diligências previstas, o secretário de Estado do Trabalho propôs que o prazo para apresentação desse projecto de solução aos sindicatos fosse de 15 dias, mas veio a aceitar o prazo proposto pelos sindicatos (10 dias a partir de 28-10-75) frisando embora que o mesmo poderia mostrar-se insuficiente.

Esta posição é tomada devido à urgência que se reconhece existir na solução do conflito em curso e prevenindo a eventualidade de as associações patronais não aceitarem negociar, apesar de todas as diligências e esclarecimentos já referidos.

«Face ao exposto, o secretário de Estado do Trabalho reitera publicamente às Associações Patronais e às empresas associadas os seus propósitos de esgotar as diligências possíveis para que as negociações com os sindicatos efectivamente tenham lugar».

Nacional

CIDADE MARGINAL

'Soldado, entrega-me a pistola ou denuncio-te no quartel!'

O soldado Vítor Costa, a prestar serviço na Escola Prática de Transmissões, foi abordado em sua casa, na Quinta da Letrada, em Moscavide, pelo cortador de carne Ismael Sequeira, de 19 anos, que em tom violento lhe disse: «Soldado, ou me dás a pistola 'Walter' que tens em casa ou dentro de três dias denuncio-te no quartel ou à polícia». — E para dar maior força à ameaça apontou para o exterior do edifício onde se encontravam dois homens, avançando: «E olha que eu e os meus amigos não somos para brincadeiras». Vítor Costa, que foi apanhado de surpresa, só conseguiu reagir depois de Ismael e os comparsas terem partido, dirigindo-se então à esquadra mais próxima, onde narrou o sucedido. E as diligências policiais conduziram à detenção do cortador de carne que se recusou a revelar o motivo porque pretendia apoderar-se de uma arma que Vítor Costa afirmava, entretanto, não ter em seu poder.

FEITIÇO CONTRA «FEITICEIRO»

Depois de ter proposto, sem resultado, a venda de um casaco de cabedal ao pescador Silvino Canhoto, o marginal Carlos Espinho, de 20 anos, natural de Vila Franca de Xira, voltou-se para ele e disse-lhe: «Então se não queres o casaco passa para cá quinhentos escudos senão esgano-te». — Mas Silvino Canhoto, apesar dos seus 60 anos arduamente vividos no mar, não se amedrontou e quem ia sendo «esganado» era o Espinho, a quem o pescador apertou fortemente o pescoço. Pelo que, em desespero, gritou: «Ó da guarda!». E o guarda (ao caso o agente da PSP em serviço no Cais do Sodré) apareceu para conduzi-lo aos calabouços do Governo Civil.

PARALÍTICO CARBONIZADO NO LEITO

António Ferreira, de 69 anos, e a mulher, Ascensão Ferreira, de 59, residentes numa barraca situada nas proximidades de Aveiro, viram-se envolvidos pelas chamas que aquele fizera atear ao leito, com o cigarro. A mulher conseguiu sair a tempo do pobre tégurio em chamas, mas António Ferreira acabaria por sucumbir no braseiro.

NOTA OFICIOSA DO M.A.P.

SANTIAGO DO CACÉM É TEMA

A propósito da ocupação, pelos trabalhadores agrícolas, do ex-Grémio da Lavoura de Santiago do Cacém, o ministro da Agricultura e Pescas remeteu-nos a seguinte nota oficial, que publicamos ao abrigo do art.º 15.º da Lei de Imprensa:

«A propósito do que se passou de facto, após a ocupação do ex-Grémio da Lavoura de Santiago do Cacém — e para eliminar interpretações incorrectas da leitura de textos de notícias mais extensas e menos precisas vindas a lume, quanto exporem dados verdadeiros — este Ministério esclarece:

Na sequência de uma reunião que teve lugar após evacuação, voluntária dos elementos que ocupavam as instalações do ex-Grémio, em que estiveram presentes representantes eleitos de doze cooperativas e duas comissões de trabalhadores (elementos ocupantes); dois trabalhadores do Grémio, quatro elementos da Comissão Liquidatária do Grémio da Lavoura, um representante de outra cooperativa e três pequenos agricultores (representantes dos que contestavam a ocupação), o representante do Ministro destacado para o efeito, o representante do centro regional de Reforma Agrária local e elementos das Forças Armadas, foi aprovada a seguinte moção:

1. — A União de Cooperativas é reconhecida como de direito, devendo ser, entretanto, estruturada

em colaboração com uma comissão de estudo, a nomear.

2. — Os grémios são consideradas instituições obsoletas, que deverão ser extintas, salvaguardando os interesses dos pequenos e médios agricultores e dos empregados do Grémio.

3. — O Grémio fica sob ocupação militar, garantindo, contudo, a plena prestação de serviços.

4. — A Comissão Liquidatária solicitou inquérito à sua actuação.

5. — Dentro de 4 dias, a Comissão de Estudo e Inquérito (solicitada) legalizará, garantindo que a sua estrutura futura será gerida por representantes das unidades colectivas de produção, pequenos e médios agricultores».

Este Ministério condena a ocupação, unicamente por considerar este tipo de luta como último recurso dos trabalhadores, a que só deveria recorrer-se após esgotados todos os outros meios. Neste caso, não foram usados tais meios. Perante o actual Ministério, o problema que originou a ocupação não tinha sido levantado. Esta condenação, porém, é tanto mais forte, quando poderia a ocupação levada a efeito provocar confrontações e outras situações lamentáveis, como as que se verificaram, opondo trabalhadores a trabalhadores e permitindo avanços à reacção contra-revolucionária.

Não foi apresentada qualquer acusação contra a Comissão Liquidatária que, apesar disso, pediu um inquérito às suas actividades. Em autocritica, foram reconhecidas deficiências indesejáveis, atribuídas pelos presentes à falta de meios e à insuficiência do serviço voluntário (após o trabalho normal dos membros da Comissão).

Foi considerada por todos os presentes a necessidade de serem ouvidos todos os trabalhadores interessados, de forma a que as decisões não sejam tomadas nas suas costas, mas sim, claramente, com a participação de todos, única forma de prosseguir a Reforma Agrária sem quebra dos objectivos finais da revolução.

Este Ministério está a tomar as medidas necessárias para ser dado pleno cumprimento ao acordo, assim como para permitir o bom curso dos trabalhos agrícolas, única forma concreta de não comprometer a própria Reforma Agrária, nos seus resultados.

Este Ministério estará atento, para que as representações, quer quanto à constituição da União de Cooperativas, quer quanto aos pequenos e médios agricultores e suas Ligas ou Associações, sejam realmente democráticas, não pactuando com decisões unilaterais, quaisquer que sejam as suas origens».

Nacional

FABIÃO EM BONA

VISITA À RHEINMETAL

«Sou membro do Conselho da Revolução, na qualidade de Chefe do Estado-Maior do Exército, e é preciso que os meus camaradas me destituam deste cargo para que eu deixe de ter assento no Conselho», declarou o general Carlos Fabião ontem em Bona, no decurso de uma conferência de Imprensa, informa a France Press. «Aparecem regularmente informações a respeito da minha demissão em jornais que lançam desta forma balões de ensaio para testar a orientação política dos membros do Conselho. Ora, eu sou um dos militares independentes do Conselho. Nunca me pus ao lado dos sectores desta ou daquela banda. Enquanto a Revolução não se trair a si própria, desistindo de instaurar o socialismo, continuarei a servi-la. Nesta perspectiva, é indispensável a unidade do movimento revolucionário.»

Fabião conferenciou com dirigentes da Confederação dos Sindicatos — diz a F. P. — «a respeito do movimento sindical em geral, tanto na R. F. A. como em Portugal». Fabião avistou-se ainda com o ministro da Justiça, Hans Jochen Vogel e visitou a fábrica de armamentos «Rheinmetal», onde se demorou cerca de três horas, segundo a Reuter, conversando com a gerência e percorrendo as instalações. Não foram debatidas possíveis encomendas. Ainda a Reuter, diz que Fabião mostrou grande interesse numa arma antiaérea de 20 mm produzida por aquela fábrica. «Esta visita foi organizada pelos meus anfitriões», disse depois, segundo a France Press. «Não tive nenhuma negociação nem assinei nenhum acordo.»

Hoje, Fabião tem um encontro com o ministro da Defesa, Georg Leber.

A TODOS OS TRABALHADORES DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PARTICULAR

CAMARADAS

Têm os Sindicatos desenvolvido esforços no sentido de que o Ministério do Trabalho faça sair a portaria de alargamento de âmbito do Contrato Colectivo Vertical.

No dia 28 de Outubro, em mais uma deslocação ao Ministério foram os Sindicatos informados oficialmente pela Secretaria de Estado do Trabalho de que estava já assinada a portaria e que seria publicado o Contrato de Trabalho no Boletim do Ministério com data de dia 29 de Outubro de 1975.

Assim, a partir desta data, entra em vigor toda a regulamentação do Contrato, com os efeitos retroactivos que passamos a enumerar:

- 1 de Junho de 1975, para as cláusulas sem conteúdo pecuniário, incluindo as garantias contra o despedimento e direitos sindicais.
- 1 de Outubro de 1975, para o regime respeitante ao pagamento de trabalho extraordinário, quanto aos trabalhadores com funções pedagógicas; e bem assim quanto ao acréscimo de 50 % previsto para os professores cujo trabalho normal vá além das 20 horas (trabalho nocturno).
- 1 de Agosto de 1975, para as restantes cláusulas, mas com ressalvas no domínio das retribuições mensais de férias, no ano em curso (vencimento de Agosto a Setembro e subsídio de férias).

CAMARADAS

Esta vitória dos trabalhadores, é a prova cabal das razões que nos assistem e da certeza de que unidos, venceremos.

- VIGILÂNCIA, PORTANTO, A APLICAÇÃO DO NOSSO CONTRATO !
- VAI AO TEU SINDICATO E INFORMA-TE !
- VIGILÂNCIA SOBRE OS PATRÕES REACIONÁRIOS QUE TENTAM SABOTAR A NOSSA LUTA !
- ELEIÇÃO DE COMISSÕES SINDICAIS, EM TODAS AS EMPRESAS !
- UNIDOS E ORGANIZADOS, VENCEREMOS !

Pela Comissão Sindical de Negociações
A CDP do Sindicato dos Professores da
(Zona da Grande Lisboa)

Eduardo Paiva Raposo

FORÇA AÉREA EM QUESTÃO

MORAIS E SILVA RESPONDE AO COMITÉ DE VIGILÂNCIA

A publicação do comunicado do Comité de Vigilância da Força Aérea, que ontem divulgámos, dando conta de preparativos em sectores daquela Arma para um golpe reaccionário, suscitou extensa nota do seu chefe do Estado-Maior, general Moraes e Silva, que defende as medidas denunciadas como foram de «manter uma força operacional, coesa, e capaz de intervir decisivamente». O Chefe do Estado-Maior da Força Aérea dá a entender ainda que tal preparação era no sentido de precaver um golpe de sectores de esquerda que — disse — «na sua miopia política, numa mistura de idealismo e irresponsabilidade, não vêem que estão a ser manipulados pelo fascismo», negando qualquer hipótese de actualmente, a direita ousar directamente tomar o Poder.

Apelando para a unidade de todos, o general Moraes e Silva considerou que o Primeiro-Ministro «representa a última hipótese de se salvar a nossa Revolução», e em relação aos pontos apresentados pelo Comité de Vigilância, considerou: «No que respeita ao ponto 1.º — Cortegaça-Espinho, já é do conhecimento público que a Força Aérea pretende ocupar a médio prazo esta unidade dadas as suas condições de funcionamento. Para tal, há que fazer uma avaliação operacional. Por outro lado, também são do conhecimento geral as ondas sucessivas de boatos sobre golpes, o que nos leva, no

mínimo, a prepararmos-nos para responder a essas tentativas. Daí a descentralização da nossa capacidade de resposta. A isso se junta a oportunidade da manutenção do treino que implica um destacamento destes, que além do mais, tem o condão de mobilizar o pessoal para a missão (coisa que infelizmente está afastada do pensamento de alguns elementos das Forças Armadas).

«Por outro lado», prossegue o C. E. M. F. A., «tem este destacamento o condão de servir de dissuasão a quem quer que seja que sonhe com a tomada do poder pela violência. Um destacamento destes é um desafio à competência e ao profissionalismo do nosso pessoal, dinamizando-o extraordinariamente.

«No que respeita ao ponto 2, o treino de tiro do pessoal, pergunta-se: então as Forças Armadas não treinam tiro? Para que servem? Quando fui nomeado para comandante da B. A. 5, a primeira decisão que tomei quando lá cheguei foi pôr todo o pessoal a treinar tiro. Para quê? Para preparar um golpe de direita ou para preparar a defesa da unidade? Evidentemente, que a notícia agora publicada tem determinado fito e só interessa dizer que alguns coronéis e entre eles o ex-general Mendes Dias treinam tiro. Todo o restante pessoal, que está a fazer o mesmo nas unidades, não tem interesse para uma chamada especial de atenção.

«No respeitante ao ponto 3 informa-se que o avião Cessna é habitualmente apenas utilizado em missões de carácter cívico. Ele desempenha também as mesmas funções do DO-27 (avião que serve para condução e apoio de tropa em operações). Daí que, dado o envelhecimento deste avião, nos estejamos a preparar para o substituir pelo Cessna nessas missões.

«No que respeita ao ponto 4, pode-se informar que nem sequer se percebe a notícia. Então para que servem as Forças Armadas? Apenas para fazerem plenários e se absterem de actuar nos momentos de crise? Ou antes pelo contrário, se têm de preparar para poderem servir com competência o povo que paga a sua manutenção? Será que o nosso povo vai deixar que continuemos a viver à sua custa sem nada lhe darmos em resposta?

«Estamos para servir e não para nos arrogarmos o direito de dizer a quem nos mantém o que queremos fazer a este país, passando por cima dos seus direitos.

«Quanto ao ponto 5, Montijo, apenas queremos informar que dada a falta de pessoal de Polícia Aérea em algumas unidades, que chega a tal ponto que estes elementos têm que fazer de guarda dia sim dia não (quem foi militar pode avaliar o que isto significa em esforço e cansaço), sempre que há épocas de crise ou fervilham os boatos mais desencon-

trados, a defesa da unidade é reforçada com grupos de intervenção formados por oficiais e sargentos. Se esta informação não bastar, pergunte-se às praças P. A. o que é ficar de guarda dia sim dia não de prevenção ao fim de semana. Eles darão, pela certa uma concludente resposta a esta autodenominada Comissão de Vigilância Revolucionária.

«Qua to ao ponto 6, pois, vê-se claramente que ao chamar a atenção para determinados elementos da Força Aérea se pretende criar a credibilidade de que leve à aceitação da ideia de que a Força Aérea prepara um novo 11 de Março. Que o general Troni visite o general Kaulza, que se saiba, tal não foi proibido. Que o general Neto, agora radicado em Angola, tenha visitado o comandante da 1.ª Região Aérea, não é de estranhar. Independentemente das ideologias políticas o factor amizade não morreu. Poderei informar que a mim, não me visitou o general Neto nestes últimos tempos. Fui eu, que numa ida minha à Região Aérea lá o encontrei em amena cavaqueira com vários elementos de vários elementos de vários postos e às claras.»

O general Moraes e Silva conclui a sua resposta considerando nomeadamente que o comunicado do Comité de Vigilância «representa a confirmação da nossa competência e dedicação em servir».

POR DECLARAÇÕES AO "JORNAL NOVO"

COPCON AFASTA VARGAS CARDOSO

Relativamente às declarações sobre o assalto à Embaixada de Espanha, prestadas ao «Jornal Novo» por um oficial não identificado, o qual afirmou que «o Ralis podia ter evitado» o incidente, o Copcon emitiu um comunicado do seguinte teor:

1. Com o título «O Ralis podia ter evitado a destruição da Embaixada», publicou o «Jornal Novo» na sua edição de 29 de Outubro uma despropositada entrevista com um oficial do Copcon, cuja identidade omitiu.

2. Oportunamente, foi determinado por este comando um inquérito para apuramento das responsabilidades do Ralis no lamentável caso da destruição da Embaixada de Espanha. Não se encontrando o mesmo ainda concluído, consideram-se abusivas e ilegítimas as declarações do entrevistado.

3. Contrariando as frases que legendam as duas fotografias da primeira página, pode

desde já no entanto adiantar-se que a partir das 15 horas da véspera do incêndio da Embaixada, o comandante do Ralis e o major Dinis de Almeida estiveram presentes, até cerca das 21 e 30 horas, no Centro de Sociologia Militar, em uma reunião da A. D. R. da R. M. L., finda a qual foram jantar a um restaurante regressando à unidade cerca das 2 e 30 horas do dia seguinte, hora a que o major Dinis de Almeida foi informado, realmente, da ordem que havia sido dada pelo Copcon.

O resto constará das conclusões do inquérito a discutir logo que este termine.

4. Considera o Copcon inadmissível que o major Vargas Cardoso, já do antecedente, autor de uma carta pública dirigida ao general Otelo Saraiva de Carvalho sobre o caso do desvio das armas de Beirólas, tenha tomado a iniciativa de prestar tais declarações ao «Jornal Novo». Estranha que

nem aquele oficial nem outros militares que, incognitamente, têm prestado informações a órgãos de Comunicação Social, se não tenham preocupado grandemente em denunciar de igual modo o avanço da reacção ou a existência de actividades contra-revolucionárias que proliferam no País,

numa demonstração clara de desvio de atitude face ao inimigo real da Revolução Portuguesa.

5. Em resultado do que se informa, é o referido oficial suspenso das suas funções a partir desta data, aguardando rápida transferência do Copcon.

TROPA DE TAVIRA FAZ FOGOS REAIS

O Destacamento de Tavira, do Regimento de Infantaria de Faro, leva a efeito um exercício de fogos reais de armas pesadas de infantaria, na região marítimo-costeira da Quinta da Torre de Ares, nos próximos dias 18 e 19 de Novembro, das 8 às 18 e 30. A referida região ficará interdita das 7 e 30 às 19 horas daqueles dias, e tem os seguintes limites:

A leste por uma linha que une o casario de Torre de Ares ao marco trigonométrico do Barril-0; a sul — por toda a zona da ilha compreendida entre o marco trigonométrico do Fiscal do Homem Nu; a oeste — por uma linha que une o posto da Guarda Fiscal do Homem Nu, posto da Guarda Fiscal de Torre de Ares e Ribeira da Luz; a norte — por um caminho que corre quase paralelo à costa, desde a Ribeira da Luz até ao portão de entrada para a Quinta da Torre de Ares.

Efectuam-se igualmente exercícios de tiro antiaéreo, nos dias 4, 5, 6, 10, 11, 12 e 13 de Novembro, das 13 e 30 às 16 horas, e no campo de tiro do Cabo Espichel.

Por esse motivo, o sector marítimo centrado no Cabo Espichel, com raio de 3,1 milhas, é considerado área perigosa.

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS

PREFÁCIO DE GENERAL

PARA LIVRO SOBRE CEAUSESCU

«O Povo romeno produziu Ceausescu e, por isso mesmo, hoje Ceausescu é a própria Roménia. Nicolas Ceausescu é a Roménia personificada mas é também uma figura profundamente humana, rica de valores morais universalistas e como tal digno de ser apreciado e admirado, na sua exacta dimensão, por todos os homens de boa vontade, independentemente da formação política e

ideológica que professem».

Estas palavras de homenagem ao presidente da República Socialista da Roménia fazem parte do prefácio, assinado pelo general Carlos Fabião, a um livro de Giancarlo Elia Valori, que acaba de ser posto à venda, consagrado à figura de Nicolae Ceausescu.

Neste livro, editado pela Diabril Editora, podem ler-se as-

suntos consagrados não só à trajectória política de Ceausescu mas também à política por ele desenhada no que diz respeito aos problemas internos à Roménia e aos problemas de política internacional.

Um livro útil é fácil de ler para todos aqueles que se interessam pelos problemas da Roménia e à sua posição privilegiada no concerto das nações.

Nacional

OS S.U.V. NO ENTRONCAMENTO

"SOMOS DO POVO E ESTAMOS COM ELE ATÉ À VITÓRIA FINAL"

Milhares de trabalhadores, S.U.V.'s e civis da região manifestaram-se ontem no Entroncamento numa grande demonstração de unidade e firmeza revolucionária. Esta manifestação em que os militares se contavam por alguns milhares foi referida como a maior até hoje realizada no Entroncamento, e contou ainda com a adesão de muitas outras pessoas que não se tendo incorporado nela saudaram calorosamente os manifestantes à sua passagem durante o longo percurso através da vila ferroviária.

Abria a manifestação um numeroso grupo de militares da Força Aérea conduzindo um grande cartaz onde podia ler-se: «Não aos saneamentos à esquerda». Outros cartazes conduzidos por soldados das várias unidades da Região Militar do Centro continham palavras de ordem como «Somos do Povo e estamos com ele até à vitória final», «Não às manobras da reacção», «Soldados, marinheiros, sempre, sempre ao lado do povo», «Morte ao A.M.I., morte à polícia de choque», foi uma das palavras de ordem mais espalhadas nesses cartazes e mais gritadas durante a manifestação, que durou cerca de três horas.

Conclusão a tirar desta grandiosa manifestação do Entroncamento é não só a grande implantação dos S.U.V. na Região Militar do Centro como as suas ligações às estruturas populares e a sua identificação com o próprio povo das herdades colectivas e cooperativas daquela zona.

Além dos militares da Força Aérea, que abriam a manifestação, como já foi dito, estavam nela integrados militares dos Regimentos de Infantaria de Abrantes, de Cavalaria de Santa Margarida, dos Paraquedistas de Tancos, da Administração Militar de Torres Novas, de Artilharia de Leiria, de Artilharia de Costa de Oeiras, Escola Prática de Engenharia e representações da Escola Prática de Cavalaria de Santarém e comandos da Amadora.

Militares de Santarém revelaram que na Escola Prática de Cavalaria haviam sido toma-

das medidas por parte do comando para impedir a presença de todos quantos o desejassem, ao mesmo tempo que fora detruída a propaganda S.U.V. existente no aquartelamento.

De estranhar que, entre o Cartaxo e a saída de Santarém, foi montada uma operação «stop» atribuída ao comando distrital da P.S.P. Polícias armadas de pistolas metralhadoras identificavam os condutores e passavam revista aos carros enquanto populares ironicamente comentavam que certamente não era para apanhar o E.L.P. que se movimenta à vontade na região.

Pouco antes da manifestação o núcleo do Entroncamento do P.S. emitiu um comunicado condenando a pois considerava-a contra o VI Governo e com o objectivo de a derrubar. No mesmo comunicado é condenada a Comissão Administrativa do Entroncamento por ter apoiado a manifestação.

No decorrer do comício que encerrou a manifestação, um membro do Secretariado dos S.U.V.-Centro afirmou: «Estamos neste momento em condições de informar o povo português que os S.U.V. já possuem forte implantação em todos os quartéis desta Região Militar». E mais adiante, analisando as condições de luta dos S.U.V. disse: «Continuamos sem transportes gratuitos enquanto milhares de contos são

gastos no A.M.I. Apelamos para uma íntima união das massas trabalhadoras com os S.U.V., nomeadamente os ferroviários do Entroncamento, operários, e camponeses desta Região Militar».

Depois de anunciado que os S.U.V. do Centro estão já presentes em todas as unidades da R.M.C. foi reafirmado que os S.U.V. rejeitam a disciplina e autoridade reaccionária e bater-se-ão sempre por uma disciplina militar revolucionária que coloque os soldados ao lado dos explorados em luta contra os exploradores.

Foi lida uma moção do Regimento de Administração Militar de Torres Novas garantindo que «as suas armas nunca se voltarão para o povo mas estarão sempre ao seu lado». A Comissão Pro-S.U.V. do Regimento de Caçadores Paraquedistas acusou os respectivos comandos de terem criado dificuldades à presença dos soldados na manifestação ordenando exercícios não programados e afirmou que «os paraquedistas presentes dizem não a novas aventuras reaccionárias» em que os queiram meter, enquanto uma representação da Escola Prática de Cavalaria de Santarém lue uma declaração revelando que os S.U.V. são já uma grande força dentro daquela unidade e «nem as ameaças nem as perseguições dos oficiais reaccionários impediram que estivéssemos presentes nesta manifestação». Nessa declaração

prestava-se apoio ao M.P.L.A. e protestava-se ao mesmo tempo contra a passividade do Governo português face aos ataques de que o povo angolano está a ser objecto por parte do imperialismo».

Uma moção da Base Aérea n.º 3 alertava «os camaradas de outras unidades e o povo trabalhador contra as manobras dos oficiais reaccionários que preparam claramente um golpe. Foi revelado que para esse efeito se reuniam em Cascais numa «boite» de que é proprietário o capitão Esteves da Força Aérea. Nessa moção era também exigido o saneamento do aspirante Maia Henriques «cujo reaccionarismo ultrapassa o inadmissível».

Foi também alertado o povo e os militares para a passagem à disponibilidade de milhares de soldados, acto classificado como «uma manobra preparatória para o golpe» e para outro facto igualmente revelador que é a partida para férias, hoje, dos recrutas. Em princípio deveriam regressar ao quartel no dia 10 mas foram mandados apresentar somente no dia 17.

Foi também aprovada uma moção de apoio ao plenário das praças da Armada a decorrer no Alfeite e uma outra nos S.U.V. do Regimento de Infantaria de Castelo Branco em que se exige a libertação imediata do aspirante Oliveira, preso no Forte da Trafaria «porque na Madeira se recusou a reprimir trabalhadores».

FORÇA NA LIQUIDAÇÃO DA ESTRUTURA CORPORATIVA

De acordo com a Federação dos Grêmios da Lavoura da Estremadura, o ministro da Agricultura reuniu-se com as comissões liquidatárias dos Grêmios da Lavoura da Estremadura e daquele organismo, bem como das suas congêneres da Beira Alta, Beira Baixa, Beira Litoral, Nordeste Transmontano, Ribatejo e Portalegre, tendo sido discutidas e acordadas, entre outras, as seguintes questões:

1 — Saída da legislação pa-

ra a liquidação da estrutura corporativa, com a participação activa das comissões liquidatárias;

2 — Apoio técnico e de contencioso;

3 — Crédito às Comissões Liquidatárias para fundo de maneio e pequenos investimentos, dentro das possibilidades financeiras do Ministério da Agricultura.

Foram ainda analisados outros problemas que afectam os

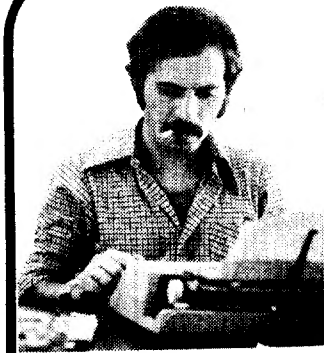
pequenos e médios agricultores e a economia nacional, designadamente:

1) Falsificação de vinhos e seus derivados;

2) Mercados abastecedores;

3) Comercialização de carne e entrada em vigor, imediatamente, do regulamento da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, já aprovado em reuniões de pequenos e médios agricultores e de comissões liquidatárias.

O repórter de serviço



JULIO RODRIGUES

LADRÃO DE TURISTAS

O táxi parou (sem que ninguém tivesse levantado o braço). Um outro, que momentos antes acedera ao chamamento convencional, tinha o porta-bagagens escancarado e as malas já enfiadas. Arrancaria instantes depois — e a alta velocidade — em direcção a Santa Apolónia.

Praça do Areeiro. Último sábado do mês. Sete horas da manhã de 25 de Outubro de 1975. O repórter já estava de serviço. Em seu redor três turistas com todo o aspecto de o ser pelos seus cabelos retintamente louros, vestimenta fora do vulgar e descomunal altura. Um outro táxi que pára (sem que ninguém tivesse levantado o braço) e o condutor, esfregando mentalmente as mãos, dirigiu-se aos meus amigos (e camaradas) alemães. Mas fala para o seu companheiro (proprietário do automóvel em que partíamos depois), porque se exprime na língua que nos é familiar. Estava longe de presumir que o repórter acidentalmente ali, era, também, português. E estava de serviço.

Os três turistas devem ter despertado o «apetite» ao incómodo taxista, que me pareceu emérito na «arte» de enganar estrangeiros, mesmo em serviço. Ou por isso mesmo, quando em serviço.

Falou para o seu companheiro de ofício, talvez para confirmar se ele apararia o «golpe». Mas o homem nem sequer respondeu. E, sem se preocupar com a (má) impressão que podia fornecer, vociferou: «Tem que ir no meu carro. Você (dirigiu-se à mais alta das turistas) fez-me sinal de paragem». A minha amiga (e camarada)

não percebeu. Nem se impressionou.

Deixei passar dois minutos, se tanto, e retorqui, mais com o fito de lhe chamar a atenção para o facto de ser, como ele, português (nanja ladrão de turistas) e, portanto, não admitir o «golpe». Afiancei-lhe, categoricamente, que ninguém lhe tinha feito qualquer sinal, e que, assim, o melhor seria prosseguir a viagem sem incomodar quem estava com pressa (nem sempre os comboios esperam) e, sobretudo, para não provocar má impressão a quem vem a Portugal em turismo e aqui deixa divisas, porque a classe (dos motoristas de táxi) desdenharia da sua atitude.

O intruso viu-se «topado», mas não desistiu. E pouco faltou para uma troca de murros bem assentes. Um dos meus amigos (e camaradas), a quem tinha exposto (em inglês) a pretensão do impertinente motorista decidiu, sem me dar conta, «indemnizar» o ladrão de turistas com o equivalente à «bandeirada» (cinco «paus»).

De Santa Apolónia para a Luz Soriano reconstitui toda a cena e ainda hoje me lembro, e não quero silenciar, a vergonha que me causou aquele intruso, baixo de estatura e baixo de estofos moral, num Mercedes (IF-27-35) que os meus amigos (e camaradas), naquele momento, lamentaram ter «exportado» para aquelas mãos.

É necessário pôr cobro a este e outros abusos. Por (e para) isso a classe tem um Sindicato. Compete-lhe tomar as medidas que atitudes tão lamentáveis merecem.

BENFICA - UJPEST

JÁ CONHECE
A HUNGRIA?

VISITE BUDAPESTE
NA OCASIÃO DESTE
GRANDIOSO JOGO, EM
AVIÃO ESPECIALMENTE
FRETADO

3 a 6 de NOVEMBRO

PREÇO EXCEPCIONAL

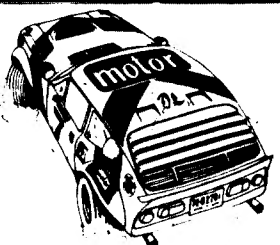
5.800\$00

(TUDO INCLUIDO)

abreu

Fundada em 1840

LISBOA - Av. da Liberdade, 160 • Telex: 2200 21
PORTO - Av. dos Aliados, 207 • Telex: 2200 21
COIMBRA - Rua da Sota, 2 • Telex: 2200 21

SINDICATO DOS TRABALHADORES
DO COMÉRCIO E ESCRITÓRIO
DO DISTRITO DE LEIRIAASSEMBLEIA GERAL
CONVOCATÓRIA

No Pavilhão da Feira de Leiria no dia 31 de Outubro de 1975. 6.ª Feira, pelas 21.30 h com a seguinte ordem de trabalhos:

- A divulgação da irregularidade em que encorre a lista B
- Eleições-análise do processo eleitoral.

NOTA: Não esquecer de trazer o cartão de sócio ou em sua substituição o envelope convocatório acompanhado de um cartão oficial com fotografia.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA

CONSELHO ADMINISTRATIVO

† — Faz-se saber que no CA/DSI, Travessa de Santo António da Sé, n.º 21, em Lisboa, se encontra aberto o seguinte concurso público:

VENDA DE MATERIAL INCAPAZ NÃO UTILIZÁVEL NO EXÉRCITO

N.º do Concurso Público	Venda de:	Data de entrega das propostas	Data de abertura das propostas
9.75	Artigos de Fardamento, Calçado e Equipamento	20/11/75 até às 19.00 h no CA/DSI	21/11/75 às 15.00 h no D.G.F.E.

2 O Caderno de Encargos que serve de base ao referido concurso pode ser consultado todos os dias úteis das 14.00 h às 18.00 h, excepto aos sábados.

O Presidente do C. A.
Manuel Alberto Simões Rios
Major

Trabalho

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCAÇÃO

Por decisão da Assembleia Geral de 22.10.75 convocam-se todos os sócios do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa para uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar-se no dia 30.10.75, pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, com a seguinte

ORDEN DE TRABALHOS:

1. Votação para destituição dos Corpos Gerentes do Sindicato de acordo com o n.º 4.º do art.º 13.º — Capítulo IV.
2. Eleição de uma comissão directiva provisória de acordo com a alínea q) do artigo 12.º — Capítulo IV dos Estatutos, constituída por 15 sócios.

Nota importante:

Esta assembleia só pode deliberar com o mínimo de 2 000 sócios presentes (n.º 3.º do artigo 13.º — Capítulo IV dos Estatutos).

Lisboa, 22 de Outubro de 1975.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Aida Aldino Carreira

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

INSTITUTO DE APOIO AO RETORNO DE NACIONAIS (I.A.R.N.)

AVISO

O Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (I.A.R.N.) torna público que se encontra aberto concurso para a concessão de bolsas de estudos aos alunos do ensino superior, retornados, ou filhos de retornados, dos territórios que estiveram ou ainda se encontrem sob administração portuguesa.

O prazo do concurso inicia-se no próximo dia 3 de Novembro e termina em 30 do mesmo mês.

As fichas para apresentação das candidaturas poderão ser pedidas, pessoalmente ou pelo Correio para os residentes fora de Lisboa, ao Serviço de Informação e Relações Públicas, que funciona na Rua Alfredo Soares, n.º 2 (Edifício Horizonte — Torres do Restelo) — Lisboa — 3, onde igualmente serão prestados todos os esclarecimentos sobre o assunto.

Lisboa, 18 de Outubro de 1975.

O DIRECTOR DO I. A. R. N.
Fernando Cardoso do Amaral
Major

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PETROQUÍMICA S.A.R.L.

CAPITAL: 450 000 CONTOS

Av. António Augusto de Aguiar, 104-4.º — LISBOA

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas de que no próximo dia 6 de Novembro, pelas 15 horas, se procederá, na Sede desta Sociedade, ao sorteio de 4 160 Obrigações de 5 % — 1960 — 1.ª Emissão.

De conformidade com o respectivo plano de amortização, o reembolso dos Títulos sorteados far-se-á a partir de 1 de Janeiro de 1976.

Lisboa, 20 de Outubro de 1975.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PETROQUÍMICA, S.A.R.L.

Aumente as suas vendas
Distribua...

BALÕES PUBLICITÁRIOS
Fábrica Nacional: LATEX-DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779
Telef. 65370 — PORTO

SOFORMEL

MINISTÉRIO ESCOLHE PATRÕES

A Secretaria de Estado do Trabalho acaba de retirar aos trabalhadores da Soformel, firma de comércio de produtos farmacêuticos, ocupada desde 18 de Agosto, actualmente em autogestão, os poderes que permitiam à respectiva comissão de trabalhadores gerir a empresa, substituindo-se à entidade patronal.

Sem consultar os trabalhadores, um representante de Marcelo Curto reuniu com as duas sócias-gerentes da Soformel, que subscreveram um documento onde se comprometem, designadamente, a «praticar uma gestão eficiente da firma até final do inquérito a correr neste momento», sob orientação do gabinete do secretário de Estado, «salvaguardando os interesses dos trabalhadores».

Num encontro com a Imprensa, realizado ontem, nas instala-

ções da firma, a Comissão de Trabalhadores da Soformel e dois elementos da Comissão Instaladora do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos, revelaram a sua discordância perante tais decisões, favoráveis ao patronato, tomadas pelo gabinete de Marcelo Curto. Os termos do referido compromisso, assinado no dia 27, suscitaram um comentário de perplexidade: «Desde quando um patrão, reacçãoaríssimo, defende os interesses dos trabalhadores? Desde quando, numa luta de classes, se concilia capital e trabalho? Quem vai salvaguardar os interesses dos trabalhadores a não ser eles mesmos?».

Os trabalhadores da Soformel, que decidiram impedir «a entrada da entidade patronal enquanto não disserem claramente que serão os trabalha-

dores a controlar toda a mercadoria, ou seja, gerir com a entidade patronal», consideram esta atitude do Ministério do Trabalho (que preferem designar por Grémio do Trabalho) reveladora da «recuperação apoiada pelo VI Governo, das posições perdidas pelo patronato reacçãoário».

É facto assente, afirmam os trabalhadores, que o Ministério se colocou ao lado dos patrões, que pretendem asfixiar a luta dos trabalhadores e a própria empresa. Curiosamente, o advogado da entidade patronal é o dr. Orlando Marcelo Curto, irmão do secretário de Estado, que com ele exerce a advocacia no mesmo escritório...

A suspensão dos efeitos da credencial, passada em Setembro pelo director adjunto das Relações Colectivas de trabalho, impede que os trabalhadores continuem a gerir legalmente a empresa, nomeadamente a movimentação de contas bancárias, o pagamento e a aquisição de matérias primas, apesar da solidariedade amplamente manifestada pelas comissões de trabalhadores dos bancos e das empresas fornecedoras.

No entanto, os trabalhadores da Soformel estão dispostos a, revolucionariamente, continuar à frente dos destinos da empresa, enquanto não lhes forem dadas garantias inequívocas de que os seus interesses serão realmente salvaguardados, com acesso às contas e ao movimento da firma, através do controlo operário. Foram estas as razões que os levaram, em Agosto, a encetar o seu pro-

cesso de luta, perante a suspeita de que os fundos da firma estavam a ser desviados para uso pessoal do patronato.

Já depois de terem iniciado a autogestão na empresa, após intensa batalha travada a nível de Ministério do Trabalho, os trabalhadores constatarem levantamentos bancários diários, de 100 contos, sobre as contas da empresa, situação a que puseram termo através de um contacto com as respectivas comissões de trabalhadores.

A situação actual da Soformel é considerada, pelo sindicato, como um balão de ensaio, possível início de uma ofensiva contra os trabalhadores e as empresas que se encontram em situação idêntica.

Sabe-se, por outro lado, que estão a ser instaurados inquéritos a trabalhadores progressistas do ministério, designadamente, Francisco Mota, Pereira de Almeida e Ferreira Marques.

SOLIDARIEDADE

O caso Soformel «é um problema que diz respeito a todos os trabalhadores da indústria e comércio farmacêuticos», segundo a comissão instaladora do respectivo sindicato, que convocou para hoje uma assembleia de delegados sindicais e comissões de trabalhadores, aberta a todos os trabalhadores, para «análise da situação e medidas a tomar».

A reunião efectua-se no pavilhão de electricidade do Instituto Superior Técnico, a partir das 21 horas.

"Cavala suada"! ?

Ou pensava que nisto de culinárias só a lagosta é que suava?!
Pois é: a cavala desde que saia da lata para um delicioso prato quente, cozinhado a rigor, também se farta de suar! Passa o seu mau bocado mas fica uma delícia!... Experimente!



Feito em Portugal

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

SEDE: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73
L I S B O A

CONVOCATÓRIA

RAMO — AGÊNCIAS FUNERÁRIAS

Convocam-se todos os trabalhadores deste ramo para um Plenário a realizar 5.ª feira, 30 de Outubro de 1975, pelas 21 horas, no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio.

Assunto: Apreciação de uma proposta das entidades patronais sobre fiscalização do horário vigente.

COMPARECE!

Lisboa, 28 de Outubro de 1975.

Pela DIRECÇÃO
(Ilegível)

SINDICATOS DE ÉVORA:

O actual momento político exige o reforço do movimento sindical

A União dos Sindicatos do distrito de Évora (Intersindical), reunida em plenário na terça-feira, com elementos do secretariado nacional, na presença de representantes dos diversos sindicatos, analisou o momento político e sindical do País, bem como as perspectivas que se deparam aos trabalhadores na organização do movimento sindical unitário, concluindo pela necessidade do seu reforço.

Avançar na organização do movimento sindical em toda a sua estrutura, a nível de empresa, local, distrital e nacional; incentivar a cooperação entre as comissões sindicais e comissões de trabalhadores para a melhor defesa dos interesses das massas trabalhadoras; reestruturar a União dos Sindicatos de Évora, «em termos de organizar e servir a classe trabalhadora deste distrito» foram as restantes conclusões do encontro.

Também a gestão da Previdência e a Reforma Agrária, foram objecto de análise crítica, realçando-se a necessidade de incentivar a discussão destes problemas nas organizações de poder popular.

Os dirigentes sindicais constataram a necessidade dos trabalhadores se organizarem nos seus locais de trabalho, com vista à discussão dos graves problemas que afectam a previdência social, defendendo a consolidação e o desenvolvimento do controlo desta por parte dos trabalhadores, através das suas organizações sin-

dicais. Exigiu-se, também, que as empresas em dívida para com a previdência paguem as respectivas contribuições, e que o Governo publique legislação sobre a previdência «que defenda verdadeiramente os interesses das classes trabalhadoras».

No que respeita à Reforma Agrária, os presentes decidiram:

«Que sejam postas ao serviço dos trabalhadores agrícolas as máquinas, cereais e adubos, para que se consiga levar por diante um aumento de produção agrícola;

«Exigir ao VI Governo Provisório que os quatro milhões de contos ainda não utilizados, dos cinco milhões destinados ao crédito de emergência, sejam postos de imediato ao serviço das novas unidades colectivas de produção agrícola, pequenos e médios agricultores;

«Que sejam punidos todos os grandes proprietários que, até à data, não tenham requisitado sementes e adubos com vista ao novo ano agrícola».

No final, apelou-se a todos os sindicatos, e a outras organizações populares, para que exijam do Governo o cumprimento das medidas expressas.

Participaram no encontro representações dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas, da Construção Civil, dos Metalúrgicos, do Comércio e Serviços dos Rodoviários, e, ainda, delegações do Sindicato dos Bancários do Sul, Electricistas do Sul, e Gráficos do Sul.

Trabalho

DIRIGENTES SINDICAIS ALERTAM

OS TRABALHADORES VÃO PAGAR
O PREÇO DA CRISE ECONÓMICA

— criticado o plano económico do VI Governo

O VI Governo prepara-se para fazer os trabalhadores pagarem os custos principais da crise económica que o País atravessa, designadamente, através do aumento dos preços dos transportes, da electricidade, do combustível e de alguns géneros de primeira necessidade — denunciaram os dirigentes sindicais do distrito de Lisboa, no decorrer de um encontro com os órgãos de comunicação social, ontem realizado.

Representantes do secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa e dos Sindicatos dos Trabalhadores da Construção Civil, dos Transportes Rodoviários, dos Metalúrgicos, pronunciaram-se detalhadamente sobre o plano económico do Governo e os prejuízos que este acarreta para os trabalhadores, a escalada de saneamentos à esquerda, a promoção de reacções e a legislação progressista que está por publicar.

Recordando o discurso de Pinheiro de Azevedo, na Televisão, a afirmar «que se impôs a si próprio uma política aberta e participativa», os dirigentes sindicais manifestaram o seu acordo com esta intenção. No entanto, «uma política aberta e participativa exige que os trabalhadores participem, não só na sua execução mas, principalmente, na sua elaboração! E a que assistimos neste momento? O VI Governo Provisório está a elaborar um plano de medidas económicas sem que tivesse pedido ou dado oportunidade aos trabalhadores de participarem na sua discussão, o VI Governo está a fazê-lo nas costas dos trabalhadores!».

Por outro lado, os dirigentes sindicais entendem que, se for «necessário que o povo contribua com os sacrifícios e renúncias que se impõem para a solução dos problemas», como afirmou também o Primeiro-Ministro, esses sacrifícios «não podem ser pedidos apenas aos trabalhadores. Eles têm de ser exigidos também àqueles que nunca os fizeram!».

Analisando os escassos elementos de que se tem público conhecimento, os dirigentes sindicais concluem que «serão principalmente os trabalhadores a pagar o preço da crise económica», através dos aumentos previstos (transportes, electricidade, combustível, géneros de primeira necessidade, impostos, indirectos). Serão, também, os trabalhadores, os mais afectados pelo congelamento da contratação colectiva pela declaração de crise, em alguns sectores da actividade produtiva, pelo pagamento de indemnizações pelas nacionalizações, etc..

Em contrapartida, «não temos quaisquer elementos sobre que questões que os trabalhadores consideram essenciais para o avanço do processo revolucionário e a cons-

trução do socialismo em Portugal», nomeadamente, o avanço e consolidação das nacionalizações, luta eficaz contra a sabotagem económica, controlo operário da produção a todos os níveis, controlo dos sectores fundamentais do comércio externo, e avanço da reforma agrária.

Lembrando outra afirmação de Pinheiro de Azevedo, que considerou necessário que «o povo conheça a verdade toda para que possa ele também assumir as responsabilidades que lhe cabem», os dirigentes sindicais, como porta-vozes dos trabalhadores portugueses, exigiram:

1.º — Que o Governo divulgue as medidas económicas que pretende tomar, para que sejam amplamente discutidas pelos trabalhadores antes de entrarem em execução.

2.º — Que sejam punidos severamente os sabotadores da economia, e que sejam tomadas medidas que garantam aos trabalhadores o avanço para o socialismo.

3.º — Que sejam divulgadas as condições em que têm sido negociados os empréstimos externos, nomeadamente com a C. E. E., para que os trabalhadores saibam até que ponto a independência nacional está a ser hipotecada.»

SANEAMENTOS
À ESQUERDA

Analisado o problema do plano económico de emergência do VI Governo, os prejuízos que este acarreta para os trabalhadores, os dirigentes sindicais passaram a referir-se à escalada, que se vem verificando, dos saneamentos à esquerda, com reintegração e promoção de reacções.

«O VI Governo Provisório comprometeu-se perante o País que não seriam permitidos saneamentos selvagens ou por motivos partidários. Na prática, o que tem acontecido? São os próprios ministros que violam deliberadamente o programa com que se comprometeram», afirmaram.

A título de exemplo, citaram os casos dos três administradores progressistas, do Banco de Portugal, afastados pelo ministro das Finanças; a demissão de António Hespanha do cargo de director-geral do Ensino Superior; o saneamento

de quatro governadores civis democratas; o afastamento do director-geral dos Hospitais. «Seguindo tais exemplos, muitos patrões tentam sanear trabalhadores revolucionários, tendo-se já concretizado alguns casos», acrescentaram.

No Ministério do Trabalho (que os dirigentes sindicais passam a designar pelo seu antigo nome, Ministério das Corporações), «desenvolvem-se esforços para reintegrar reacções que a justa luta dos trabalhadores tinha saneado das empresas, e para devolver aos patrões empresas que os trabalhadores tinham recuperado com o seu trabalho e sacrifício».

Além destes saneamentos, outros se verificam nas Forças Armadas, com os mesmos objectivos, registando-se a tentativa de um gigantesco saneamento de cerca de trinta mil militares, que participaram activamente no 25 de Abril, desmobilizando-os.

«Enquadrado na mesma campanha, regista-se um feroz ataque aos órgãos de Informação que se têm colocado mais consequentemente ao serviço da Revolução», afirmaram.

Paralelamente, constata-se a reintegração e promoção de indivíduos comprovadamente

reaccionários comprometidos com o antigo regime. Tal é o caso do dr. Vítor Manuel Silva Ferreira, actualmente inspector-geral do Ministério do Trabalho.

LEGISLAÇÃO
POR PROMULGAR

Os sindicatos acusam o VI Governo de ter posto em causa algumas das principais conquistas alcançadas pelos trabalhadores, já consagradas em legislação por promulgar, que está a ser revista.

Exemplos: nacionalização do sector cervejeiro, «grande centro de acumulação monopolista»; construção da barragem de Alqueva, indispensável para o avanço da Reforma Agrária; e, muito particularmente, o decreto-lei sobre o controlo operário, reconhecendo o direito dos trabalhadores controlarem, a todos os níveis, a actividade económica.

A terminar, os sindicatos alertam todos os trabalhadores para o facto dos dirigentes sindicais, tal como antes do 25 de Abril, estarem a ser chamados à Judicatura «por denúncia do actual ministro das Corporações», enquanto aguardam resolução milhares de processos pendentes nos tribunais do Trabalho.

O ROL DOS SACRIFÍCIOS

«O VI Governo pretende, pelo menos:

- aumentar fortemente o preço dos transportes;
- aumentar o preço da electricidade;
- aumentar o preço do combustível;
- aumentar o preço de alguns géneros de primeira necessidade;
- aumentar os impostos indirectos, que atingem principalmente as classes trabalhadoras;
- congelar a contratação colectiva;
- declarar sectores em crise, o que pode ter como consequência retirar regalias conquistadas pelos trabalhadores;
- rever o decreto lei 660/74, o que se poderá traduzir em dificultar novas intervenções do Estado nas empresas e facilitar o retorno de empresas recuperadas pelos trabalhadores aos capitalistas;
- rever o decreto lei 222/75, o que se poderá traduzir em levar à falência muitas das empresas com intervenção estatal, ou mesmo nacionalizadas, aumentando assim o desemprego;
- pagar indemnizações das nacionalizações aos grandes capitalistas e latifundiários, atitude desde sempre repudiada pelos trabalhadores.»

Do documento lido na conferência de Imprensa, e subscrito pelo secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa e pelos Sindicatos dos Metalúrgicos, dos Trabalhadores da Construção Civil e dos trabalhadores dos Transportes Rodoviários de Lisboa

APESAR
DE MALTRATADOS...

Dois motoristas de táxi, um dirigente do Sindicato dos Motoristas de Lisboa e o próprio advogado do Sindicato, dr. Dias Ferreira, foram ontem maltratados na Polícia Judiciária de Lisboa — segundo nos afirmou Sequiera Branco, dirigente do Sindicato.

Tudo começou logo de manhã: os dois motoristas de táxi foram chamados à Polícia Judiciária para prestar declarações. E quando lá chegaram foram imediatamente presos.

Acontece que o Sindicato dos Motoristas do distrito de Lisboa — segundo nos contou um elemento da direcção —

decidiu e está a pôr em prática a apreensão de todos os veículos, cujos patrões se recusam a cumprir o Contrato Colectivo de Trabalho. Com este processo, já conseguiram resolver a situação de mais de 150 trabalhadores. Neste momento, encontram-se no Sindicato oito carros à espera que os patrões lá vão pagar os salários acordados.

Aqueles dois motoristas resolveram cumprir a determinação do Sindicato. Só que o patrão já tinha vendido um carro a um retornado de Angola, deixando-os no desemprego.

Já estão em liberdade os dois motoristas

Os dois motoristas localizaram um carro e após troca de palavras com o novo proprietário, seguiu-se uma cena de pancadaria. O novo proprietário apresentou, então, queixa na Polícia Judiciária. Já lá vai mês e meio e ontem, os dois trabalhadores lá foram à Polícia para dizer «da sua justiça».

Mas ao que parece, o inspector da Polícia Judiciária considerou a atitude dos trabalhadores bastante grave. Tentativa de roubo de carro. E prendeu-os. Numa altura em que se rouba carros «nas bar-

ESTA NOITE

JOVENS DESEMPREGADOS
DISCUTEM
OS SEUS PROBLEMAS

«Os jovens desempregados do distrito de Lisboa, conscientes de representar uma grande massa de desempregados não se desligarão da luta da classe operária e do povo trabalhador pelos seus reais interesses de classe» — afirma num comunicado um grupo de jovens desempregados do distrito de Lisboa que convoca todos os jovens nas mesmas condições para uma assembleia a realizar hoje, pelas 21 e 30 no Campolide Atlético Clube.

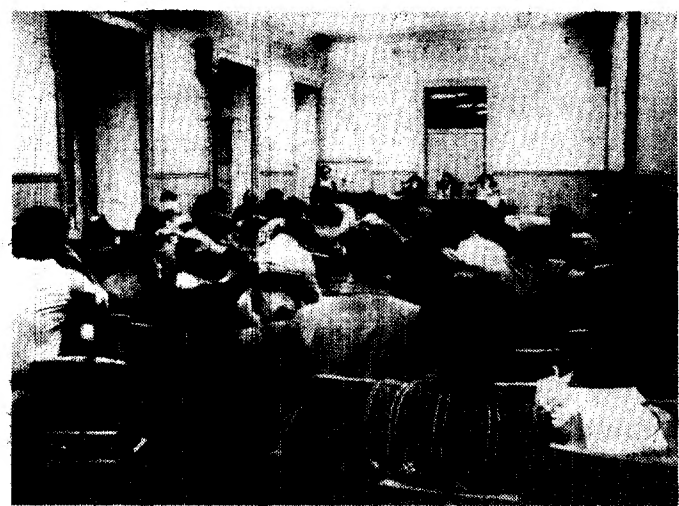
«Consideramos como grande causa para a existência de milhares de jovens desempregados, o encerramento de fábricas e outros locais de trabalho por parte do patronato reaccionário que interpretando os interesses do imperialismo actua no nosso País, lançando no desemprego milhares e milhares de portugueses sendo uma grande parte jovens.»

«Outra forte causa é a inexistência de estabelecimentos de ensino» — prossegue o comunicado — «que vem juntar aos outros desempregados um

grande número de jovens que ficam, por um lado, impossibilitados de estudar, por outro sem poder trabalhar derivado à não existência de postos de trabalho.»

Muitas outras causas de desemprego existirão. Pensamos que o Governo tem particular responsabilidade e que só empenhando-se na criação de postos de trabalho se poderá resolver esta situação. Nós, jovens desempregados, como primeira análise, o que reivindicamos é postos de trabalho e o direito inalienável de poder trabalhar. Contudo, numa fase primária os subsídios de desemprego poderão aliviar certas dificuldades com que os jovens desempregados se debatem, especialmente os que têm responsabilidades familiares.»

Para discutir todos estes problemas, os jovens desempregados do distrito de Lisboa reúnem-se esta noite. «Pelo direito ao trabalho e os jovens desempregados querem trabalhar» eis as suas pretensões. Os seus direitos.



HOJE, NO PAVILHÃO

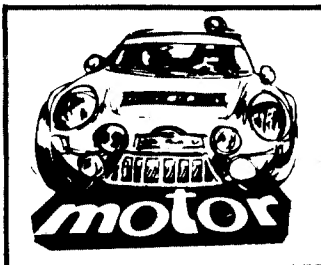
Trabalhadores de escritório
destituem a direcção (ou não)

Os trabalhadores de escritório de Lisboa vão reunir, hoje a noite, em assembleia geral, para deliberarem sobre a destituição, ou não, dos corpos gerentes do seu sindicato, suspensos na assembleia do passado dia 22.

Tanto a direcção, criticada pelo seu partidismo (M. R. P. P.) e pelo não cumprimento do programa, como os delega-

dos sindicais da classe, têm apelado à comparência massiva dos trabalhadores.

Entretanto, ontem à noite, trabalhadores de escritório e delegados sindicais reuniram-se nas instalações da Rua do Alecrim, para ventilarem assuntos relacionados com a assembleia de hoje, que se realiza no Pavilhão dos Desportos, às 21 horas.



Geral

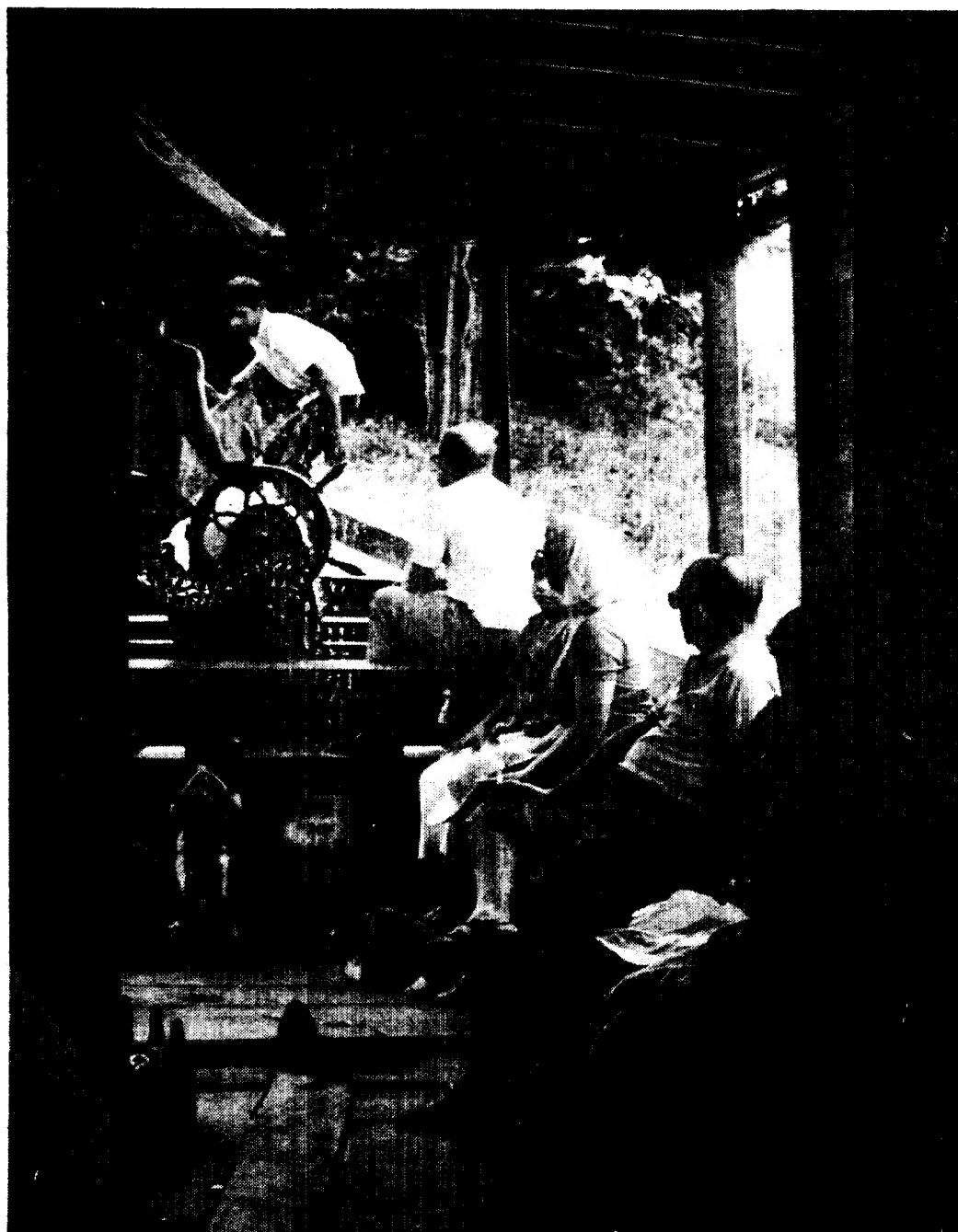
BRASIL: COMO É?

CHARLES VANHECKE

A IGREJA FRENTE AO NOVO REGIME

SÃO PAULO As trevas precárias instauradas entre a Igreja católica e o regime após a instalação do general Geisel na presidência da república, estão prestes a romper-se. Há já várias semanas que uma parte do clero se mobilizou contra a ameaça de expulsão que visa um dos bispos mais combativos do país, Dom Pedro Casaldaliga, espanhol chegado ao Brasil em 1968 e ordenado em 1971 bispo da «prelazia» (terra de missão) de São-Félix-do-Araguaia, no Mato Grosso. Segundo o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (C. N. B. B.), Dom Aloisio Lorscheider, o Governo teria dado a certeza de que essa expulsão não se realizaria. Em todo o caso a inquietação persiste em certos meios eclesiásticos do Rio e de São Paulo, em consequência da vaga de repressão que percorre o país.

O alerta foi dado a 13 de Setembro por Dom Tomas Balduino, bispo de Goiás, região limítrofe daquela onde Dom Pedro Casaldaliga exerce o seu apostolado. Numa carta dirigida a «todos os irmãos das igrejas do Brasil», Dom Tomas Balduino escrevia que fora preparado pelo Ministério da Justiça um processo de expulsão sumária, sem que o interessado tivesse o direito de se defender. Ao denunciar essa «iniquidade»,



Mato Grosso: estes são paroquianos-tipo de Dom Pedro Casaldaliga

afirmava: «Os interessados na expulsão de Dom Pedro, são os que que-

rem fazer trabalhar o povo a baixo preço. São os grandes proprietários,

brasileiros ou estrangeiros, que tomaram posse das terras onde há nume-

rosos anos vivia o povo.»

A expulsão do bispo, se se tivesse realizado, teria tido valor de símbolo. Desde a sua chegada, Dom Pedro Casaldaliga tem estado constantemente ligado à luta dos pequenos camponeses de São-Félix-do-Araguaia. Contra as grandes companhias de criação de animais, que os expulsam das terras. Estalaram muitos conflitos na região provocados pela exacção das companhias e da polícia militar, contra os camponeses e os missionários que tomam o seu partido. Em Maio de 1973, um dos padres da «prelazia», o francês François Jentel, era condenado a dez anos de prisão porque a população de que ele estava encarregado dera tiros contra a polícia militar. No mesmo ano, o bispo estava preso, submetido a interrogatório. Era feita uma busca a sua casa, enquanto era desenhada, em várias aldeias uma vasta operação de força, durante a qual alguns padres foram brutalizados.

Segundo o testemunho dos missionários de São-Félix-do-Araguaia, após um período de calma, continuaram este ano as perseguições contra o bispo: ameaças de morte, camponeses obrigados pela Polícia a assinar declarações em que se afirmava que Dom Pedro Casaldaliga os convidava à «luta armada», proibição de o prelado entrar nas reservas índias, quando há dez tribus na sua diocese, etc.

UM LONGO SILÊNCIO

No Rio, um canal da televisão deu início a uma campanha contra ele. Apresentou-o por três vezes como «um comunista que substituiu o crucifixo pela foice e o martelo, e o breviário pelos pensamentos de Mao Tsé-Tung». É certo que Dom Pedro Casaldaliga fornecera um argumento aos adversários, ao publicar em Buenos Aires um livro de poemas em que dizia que tinha «a fé de um guerre-

heiro e amor pela revolução», e que «incitava à subversão contra o Poder e o dinheiro». Claro que ele buscara a sua inspiração nas próprias fontes do Evangelho e as palavras que usava eram, sobretudo, uma réplica às acusações que lhe eram feitas. Mas as nuances não estavam suficientemente marcadas para evitar uma intervenção do próprio Nuncio Apostólico, Monsenhor Carmine Rosso, que disse que uma tal linguagem o expunha a «medidas desagradáveis da parte das autoridades civis.»

A ameaça de expulsão provocou uma certa agitação. O arcebispo de São Paulo, cardeal Dom Paulo Evaristo Arias, de quem depende o bispo de São Félix, preocupou-se com a crise grave que uma tal medida poderia causar nas relações entre a Igreja e o Estado.

O caso levou a Igreja a sair do silêncio que observava havia um ano e meio, e que contrastava com as suas numerosas tomadas de posição contra o anterior Governo. Ao mesmo tempo que alertava a opinião pública, o bispo de Goiás, Dom Tomas Balduino, dirigia uma carta ao presidente da República, que lembrava pelo seu vigor os documentos elaborados em 1973 por várias dioceses, a fim de defender as liberdades individuais. «O nosso povo», escreve o bispo, «está numa miséria crescente. Apesar do milagre económico.» **Tantas vezes celebrado, numerosos factos conhecidos de todos mostram a grande falta de respeito para com os direitos dos cidadãos, e criam um clima de insegurança. Os que desejam uma vida mais justa e feliz para os outros, são chamados subversivos, ameaçados na sua liberdade e não têm direito à despesa**

A libertação dos poderes políticos, a supressão dos poderes arbitrários do presidente da República, «para que todos os cidadãos possam



No interior do Brasil a pauperização de largos estratos do povo é uma nitida sequela do regime político



«Os interessados na expulsão do bispo são os que querem fazer trabalhar o povo a baixo preço...»

ALTAMIRANO EM SACAVÉM

“O POVO DO CHILE NÃO ESTAVA ARMADO”

Carlos Altamirano, ontem, em Sacavém: «As massas exploradas de todo o Mundo têm, agora, a sua atenção concentrada no que se passa em Portugal. O vosso processo revolucionário tem numerosas singularidades. Desejamos que Portugal não seja um novo Chile e sim um Vietname vitorioso». O secretário-geral do Partido Socialista Chileno falava no decorrer de uma visita à Sociedade Joaquim Francisco dos Santos, Lda., efectuada pela delegação do Conselho Mundial da Paz. Estavam presentes comissões de moradores e de trabalhadores da área de Sacavém, bem como alguns militares da Escola Prática do Serviço de Material.

Após vários trabalhadores terem historiado as diversas fases da luta operária e popular, após o golpe militar do 25 de Abril, Altamirano tomou a palavra, dizendo que «as referências aqui feitas ao Poder popular e as vossas formas de organização não são para nós, chilenos, temas novos. Discutimos todas essas questões, apaixonadamente, durante os três anos de Unidade Popular. Portugal e Chile são casos distintos. Portugal é neste momento a vanguarda da luta revolucionária no velho continente».

Referindo-se depois à política de reorganização da contrarrevolução chilena (que se viria a abater em 11 de Setembro, com todo o cortejo de desgraça e repressão sobre o povo), o secretário-geral do P. S. chileno diria que no Chile se viveu aquilo que Allende chamou muitas vezes «um Vietname silencioso». A burguesia fazia boicote económico e sabotagem contra as conquistas populares.

Descrevendo o processo da queda da Unidade Popular, Altamirano afirmou que «as mulheres burguesas chegaram a desfilarem pelas ruas, batendo em tachos e panelas e gritando que tinham fome. Isto foi perfeitamente ridículo, pois durante mais de cem anos foram elas, em todo o Chile, as únicas que

comeram».

Falando da aliança de socialistas e comunistas, Altamirano enolveria depois, nas suas palavras, uma certa autocritica pela política de desarme ideológico das massas. Desarme que o foi igualmente quanto aos instrumentos de fogo: «Quan-

raria que se faz o socialismo».

Na tarde de ontem, a delegação encontrou-se com o ministro da Cooperação comandante Vítor Crespo, com o qual debateu largamente a questão angolana. À noite, decorreu um novo encontro com representan-

Estrangeiros do VI Governo: «Melo Antunes afirmou apenas que não podia avistar-se com a delegação nem terça nem quarta-feiras. Talvez seja possível realizar a reunião na sexta-feira».

A delegação atribui grande importância a este encontro, para discutir em profundidade o problema de Angola com Melo Antunes.

CORVALAN FILHO BÁRBARAMENTE TORTURADO

PARIS, 30 (Anop)

O Conselho Mundial da Paz imputou a morte de Luis Alberto Corvalan às torturas sofridas nos cárceres da Junta Militar Chilena, segundo uma declaração divulgada em Paris, na qual o Conselho se dirige à Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas.

Recordando que logo após a sua detenção, o dirigente juvenil chileno foi submetido a bárbaras torturas, a declaração exorta as Nações Unidas a exigir a libertação imediata de todos os detidos políticos no Chile e o fim das torturas e dos campos de concentração.

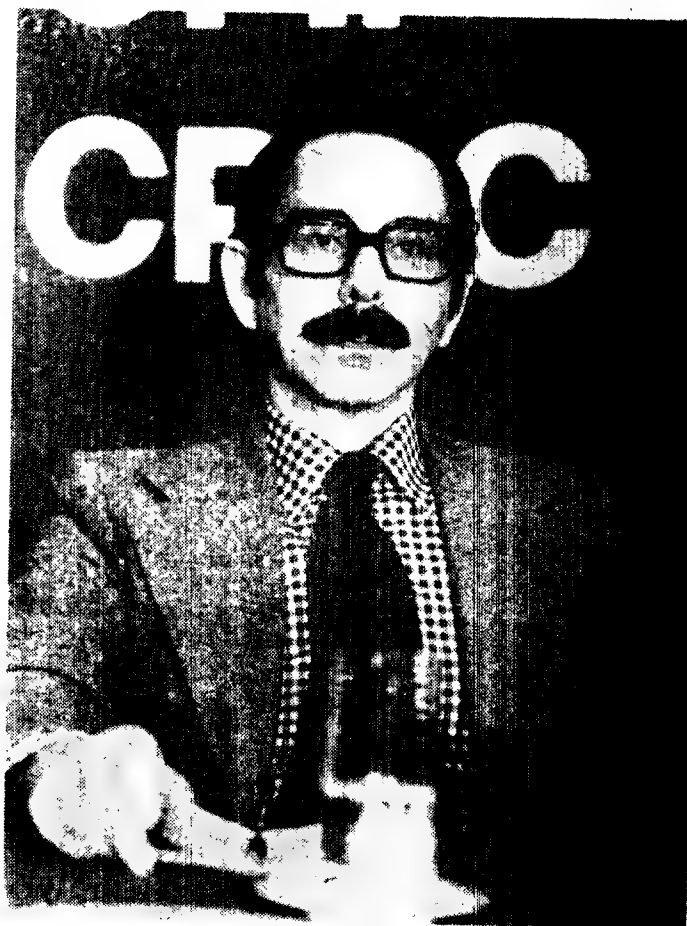
Georges Marchais, secretário-geral do Partido Comunista Francês (P. C. F.), enviou um telegrama de condolências a Luis Corvalan, pai do falecido que continua preso num campo de concentração da Junta Militar.

O diário «L'Humanité», órgão do P. C. F., denuncia também a morte do dirigente juvenil como uma consequência das torturas sofridas.

Soube-se, por outro lado, que a juventude livre alemã, da República Democrática Alemã, enviou de Berlim um telegrama de condolências a Gladys Marín, secretária-geral da Juventude Comunista do Chile.

Também em Itália, Imprensa comunista pública comentários e notas sobre o falecimento de Luis Alberto Corvalan, denunciando-o como resultado das torturas.

Em Moscovo, soube-se que Komsomol leninista da União Soviética e o «comité» de organizações juvenis manifestaram o seu pesar pela morte do dirigente juvenil chileno.



Altamirano, o «leader» político chileno hoje no exílio

do se deu o golpe, o nosso povo estava lamentavelmente desarmado. Nessas condições, as Forças Armadas, massacraram, pelo menos, trinta mil trabalhadores».

Dizendo que a luta continua no Chile, o dirigente socialista, que conseguiu exilar-se, considerou finalmente que «se a situação muda em Portugal, em direcção ao socialismo, mudará também o mapa da Europa, porque Portugal poderá provocar uma decisiva transformação que alargará o campo socialista».

Além das intervenções de trabalhadores presentes, foram também aprovadas moções de apoio à Fretilin e ao M. P. L. A., à luta dos povos do Chile, Espanha, Brasil, Timor e Angola, e exigida a retirada do P. P. D. do Governo. Falaria também um soldado que defendeu: «não é reprimindo as lutas da classe ope-

tes da organização Cristãos pelo Socialismo. Não chegou a realizar-se a recepção com entidades eclesásticas.

As 9 e 30 de hoje, a delegação do Conselho Mundial da Paz partiu para Coimbra, onde chegou às 12 horas, sendo recebida na Câmara Municipal. Foi-lhe oferecido um almoço pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação, a que se segue uma reunião com o C. P. P. C. (membros de Coimbra, Lisboa e delegados ao Conselho Mundial da Paz). Pelas 16.30, decorre uma recepção na Universidade, com a presença do governador civil, do presidente da câmara e reitor da Universidade. As 21.30, realiza-se um comício no INATEL.

Um membro do Conselho Mundial da Paz declarou acerca do encontro com Melo Antunes, ministro dos Negócios

viver em paz», um plano global e eficaz de reforma agrária: são estas as recomendações feitas pelo bispo ao chefe do Estado, para restabelecer a calma no país. O menos que pode dizer-se é que os factos não mostram uma evolução neste sentido. Assim, ainda recentemente, o arcebispo de São Paulo escreveu ao general Golbery, chefe da casa civil da presidência, a propósito de membros da polícia militar, detidos e torturados durante dois meses.

Em Junho e Julho passados, os serviços repressivos da cidade, prossequindo a sua ofensiva contra o Partido Comunista brasileiro (P. C. B., pró-soviético), prendiam setenta e três pessoas, sessenta e três das quais eram membros da polícia militar de São Paulo. Após várias semanas de interrogatórios levados a efeito no maior segredo, as autoridades militares declararam que dez dos polícias militares foram condenados a prisão preventiva, por terem constituído células do P. C. B. no seio das Forças Armadas.

O relatório oficial diz que alguns dos inculpatos pertenciam há já vinte anos ao «sector militar da organização clandestina. Reconhece que dois dos polícias presos horroraram durante o inquérito, que um se «suicidou» na cela e que outro morreu numa clínica com um «enfarte do miocárdio». Segundo outra versão que corre em São Paulo, a primeira vítima,

José Ferreira de Almeida, tenente da reserva, de sessenta e cinco anos, foi encontrado enforcado numa cela do D. O. I. (segurança militar); outro, José Maximiliano de Andrade Neto, coronel reformado, foi abandonado na rua depois de ter sido torturado, e morreu logo que chegou a casa.

Por outro lado, as autoridades militares de Brasília, anunciaram que foram presas no Estado de Goiás vinte e duas pessoas, acusadas de terem tentado reorganizar o P. C. B. naquela região.

Alguns deputados do partido governamental protestaram junto do ministro da Justiça contra os «excessos» e as «medidas arbitrárias» de que haviam sido vítimas vários advogados de Goiás durante a vaga de repressão. Quinze dias antes, membros do M. D. B., partido ilegal de oposição, tinham sido presos no Paraná, sob a acusação de serem filiados no Partido Comunista Brasileiro.

Duas pessoas suspeitas de pertencer ao Partido Comunista do Brasil (pró-chinês) foram presas em São Paulo: tratava-se de José Milton Ferreira de Almeida, e de Armando Eurico Gomes, ambos engenheiros. Pensa-se que poderia ser o início de uma série de prisões nesse sector da sociedade, até agora pouco afectado pelos rigores do regime.

Nacional

UNIDADE NAS PRAÇAS

«O espírito de unidade tem presidido, de uma maneira fantástica (sic), em todas as decisões que temos tomado» assim se pronunciou um porta-voz do plenário das praças da Armada, reunido ontem no Alfeite.

De acordo com o mesmo porta-voz, «foram dadas informações sobre a situação dos Açores e da Madeira, tendo, sobre estes assuntos, tomado as praças uma posição, que se

tornará pública no final do plenário».

A eleição para os órgãos directivos do C. D. A. P. (Comissão Dinamizadora do Associativismo das Praças da Armada) «será o último ponto da ordem dos trabalhos».

Estão presentes no plenário cerca de 200 delegados representantes de quase todas as capitânias do Norte e Sul de Portugal e ilhas da Madeira e Açores.

AVISA A COORDENADORA DA ARMADA

DIRECÇÃO AMBÍGUA SUSCITA RESISTÊNCIA ÀS ORDENS

«É dever sagrado do M.F.A. encontrar-se sempre ao lado das classes mais desfavorecidas, ao lado dos pobres, dos oprimidos e dos explorados, na

luta que estas classes necessariamente terão de travar para se construir uma sociedade socialista», sublinha um documento de análise político-militar, resultante de uma sessão ordinária da Comissão Coordenadora do M.F.A. da Armada.

O documento, que após apresentação ao Chefe do Estado-Maior da Armada foi publicado em «Ordem da Armada», e se encontra em discussão em todos os escalões daquele ramo, debruça-se em especial sobre os seguintes problemas:

1 - Papel das Forças Armadas na Revolução Portuguesa.

2 - Contribuição para a definição do conceito de disciplina revolucionária.

3 - Influência do desenvolvimento do espírito associativo na coesão e disciplina interna das Forças Armadas.

4 - Reestruturação do M.F.A. da Armada, para realização dos objectivos da Revolução.

DEVER SAGRADO

No primeiro ponto, «Papel das Forças Armadas na Revolução Portuguesa», sublinha-se que a tomada do poder pelo M.F.A. criou condições fundamentais para a «libertação dos oprimidos das antigas colónias e nascimento de novas nações livres e independentes, unidas a Portugal, por fortes laços de amizade e cooperação» e para a «libertação do Povo Português da opressão política, económica e social a que estava submetido».

Referindo a seguir que a descolonização, o primeiro objectivo, está hoje em vias de conclusão, a Coordenadora, considera depois que o segundo objectivo, a «libertação do Povo Português», «é de realização mais fácil e demorada, quer pelas resistências internas como pelas pressões externas que se lhe têm oposto».

Ao frisar no primeiro problema o «dever sagrado do M.F.A. ao lado das classes mais desfavorecidas» a Coordenadora da Armada aponta ainda:

«Isto significa que, continuando o M. F. A. a ser uma organização aberta a todos os militares uma opção política e de consciência a favor do socialismo, opção essa que terá de concretizar-se em actos, tanto na sua vida militar como na de simples cidadão».

O M.F.A. atraiçoa o seu programa e os seus compromissos perante o Povo português se admitisse que pudessem intitular-se seus elementos, militares conservadores e reacconários.

Mas todos os militares patriotas que, por imperativo de consciência, por opção política ou outros motivos, não queiram ou não possam pertencer ao M.F.A., devem encontrar-se na sua carreira militar em situação de estrita igualdade com os militantes do M.F.A., com inteira salvaguarda dos seus direitos legítimos e a todos garantidas as promoções segundo critérios de competência, capacidade e dedicação. A única diferença em relação aos militantes revolucionários do M.F.A. é que a estes deve caber uma quota maior de deveres e sacrifícios.»

«Só deste modo e através de uma contínua acção do M.F.A. e dos seus órgãos democráticos no seio das Forças Armadas, estas poderão desempenhar o papel que verdadeiramente lhes cabe na Revolução Portuguesa, recusando-se a transformarem-se de novo em forças politicamente amorfas, ou em simples instrumento de poder político, que só consideram legítimos os seus interesses e objectivos da Revolução.»

DISCIPLINA REVOLUCIONÁRIA

Acerca da questão da disciplina revolucionária a C.C. da Armada entende nomeadamente

que à «escalada do poder no sentido da autoridade corresponde uma escalada na degradação da disciplina, tanto social como militar, sempre que o poder prefere ser autorizado a ser popular. Neste contexto os quadros mais tradicionalistas ou conservadores caem no pavor do caos e da anarquia, preconizando o regresso aos modelos do passado, na esperança ingénu de que a repressão possa ser travada ou controlada. A prática histórica mostra, porém, que essa nostalgia é, na melhor das hipóteses, ingénu e que dar luz verde à repressão é abrir as portas a um processo que só para no fascismo».

«A resposta ao problema da disciplina prossegue a C.C. da Armada não deverá, portanto, encontrar-se na recusa da disciplina revolucionária da sociedade que nasce e no regresso às relações autoritárias da sociedade que morre, mas no reforço dessa mesma disciplina revolucionária, a qual não deve entender-se, porém, como permissão de libertinagem, mas sobretudo como obediência a uma autoridade reconhecida pela sua legitimidade ideológica, estribada por seu turno numa direcção política servindo os objectivos da revolução. Assim, a disciplina revolucionária será tanto mais viável quanto mais clara se apresenta a direcção político-militar, uma vez que a uma direcção militar ou menos declarada ao cumprimento das suas ordens.»

A SITUAÇÃO EM "O SÉCULO"

Continuação da pag. 1

não concordava que o encontro fosse no interior do jornal para manter uma certa imparcialidade em relação aos trabalhadores da facção oposta.

Nessa conferência de Imprensa Roby Amorim, proposto para director do jornal, pela comissão organizadora do referendo afirmou: «A nossa posição tem sido apresentada como fruto de aproveitamento de um problema economicista. Isso é falso. Nós pretendemos que o jornal tenha uma orientação ideológica ao serviço das lutas dos trabalhadores e não manipulada por um certo partido».

Entretanto os trabalhadores da outra facção convocaram um plenário em que se desta-

cava uma forte presença de operários da tipografia com o fim de se encontrar uma plataforma de entendimento para resolver a difícil situação. Houve várias intervenções dos trabalhadores da redacção e da tipografia que denunciaram a questão do referendo como uma manobra comandada do exterior para impor uma orientação antiprogredista ao jornal, para calar a voz da classe operária.

Enquanto decorria o plenário uma delegação de trabalhadores ia dialogar com os ocupantes propondo como solução transitória que «O Século» fosse dirigido durante três dias pelo major Rego. Entretanto apontava-se já como director Augusto Abelaira e mais cinco nomes para fazerem parte da chefia. Falava-se de Galvão Correia, Guerra Carneiro, João Corregedor, Serras Pereira e Orlando Raimundo. A facção do referendo não aceitou esta proposta pois apresentava como questão de princípio que o nome de Roby Amorim e Luís Alves teria de sair no cabeçalho do jornal até que os trabalhadores decidissem democraticamente outra coisa. Neste momento a situação é complicada. Até ao momento em que fechamos a nossa edição o jornal ainda não está na rua, mas, contactada a facção dos ocupantes disseram-nos que mantinham a posição de respeitar o referendo. Que tencionavam fazer sair o jornal em «off-set» «com os meios de que dispunham».

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

«EM LUTA PELO CCT»

COMUNICADO N.º 2

CAMARADAS

1. Realizou-se no dia 28 de Outubro, no Ministério do Trabalho, a segunda reunião para a negociação da proposta do Contrato Colectivo Vertical para a Construção Civil. Estiveram presentes a Comissão Negociadora do Contrato e os representantes do Ministério do Trabalho, não tendo comparecido as Associações Patronais bem como o senhor doutor Marcelo Curto, Secretário de Estado do Trabalho; tendo este último assinado a acta da reunião, pois apesar de não estar presente concordou com a proposta dos Sindicatos.

Camaradas, mais uma vez o patronato tenta apunhalar-nos nas costas não comparecendo à reunião, mas nós deixámos bem claro no Ministério do Trabalho que:

— Então se os patrões não vinham às negociações o que há a fazer é a gente avançar para a frente, isto é, o Ministério do Trabalho através duma Portaria obrigar o Patronato a cumprir as cláusulas e as novas tabelas salariais propostas.

O Ministério do Trabalho informou-nos que tinha tentado tudo para que as Associações Patronais comparecessem, portanto a má fé dos patrões para connosco está bem à vista. Aliás, quem leu o comunicado dos patrões no jornal «Expresso» do dia 25 pode ver bem até que ponto vai a sua pouca vergonha, dizendo por um lado que querem o pão para todos os portugueses e por outro lado, que não estão dispostos a vir para as negociações. A este respeito é importante dizer que o Ministério do Trabalho informou-nos que existem neste momento muitas frentes de trabalho o que poderá dar emprego a muita gente, e é nesta altura precisamente que os patrões vêm com falinhas mansas falar-nos na crise da Construção Civil.

— Então eles querem ou não acabar com o desemprego e melhorar o nosso nível de vida?

2. Camaradas, na referida reunião os Sindicatos presentes apresentaram a seguinte proposta:

- Fixação de um prazo máximo de 30 dias para as negociações, a partir do dia 28 de Outubro, tendo estas que ficar concluídas neste período de tempo.
- Nos primeiros 10 dias o Ministério do Trabalho apresentará o Projecto de Portaria.
- O segundo período de 10 dias será para a apreciação do Projecto de Portaria pelos Sindicatos.
- Os últimos 10 dias serão para a discussão do Projecto de Portaria e sua aprovação.

Esta proposta foi aceite pelo Ministério do Trabalho.

Os Sindicatos afirmaram a sua disposição de negociar com as Associações Patronais, desde que isso não constitua prejuízo para as datas estabelecidas.

3. Camaradas, é importante que tenhamos bem presente que o patronato vai tentar tudo para que esta proposta não vá para diante. Vão lançar mais comunicados em que tentarão aparecer aos olhos dos trabalhadores como as vítimas e os grandes prejudicados de tudo isto. Não podemos adormecer sobre os seus lamentos, temos a força da razão e somos nós as verdadeiras vítimas de toda esta situação. Portanto, é necessário termos os olhos bem abertos e, se for necessário saberemos dar uma resposta imediata a qualquer tentativa de impedir a nossa justa luta pelo pão e pelo trabalho.

— TRABALHADORES UNIDOS VENCEREMOS!
— EM FRENTE PELO CCT!

Lisboa, 29 de Outubro de 1975.

A DIRECÇÃO



Seleccionado para o Festival de Cannes em 1972

Em ARGANIL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na COMARCA DE ARGANIL Rua Oliveira Matos-Praça Simões Dias

Estrangeiro

POSSÍVEL INTERVENÇÃO

Tropas argelinas na fronteira com Marrocos e o Sara

MADRID, 30 — (ANOP) — «Venho como enviado especial do presidente Boumedienne para manter conversações com as autoridades espanholas em relação ao tema do Sara», afirmou aos jornalistas que o esperavam no aeroporto de Barajas o ministro do Interior argelino, Mohammed Ben Ahmed, ao chegar a Madrid procedente de Argel a bordo do avião presidencial daquele país.

Esta tarde, o ministro argelino encontra-se reunido com altas autoridades do Ministério dos Assuntos Externos espanhol.

Consta que o enviado especial do presidente da Argélia veio informar o Governo espanhol sobre a atitude que a Argélia poderá adoptar no caso de se confirmar o acordo anunciado entre a Espanha e Marrocos.

Segundo fontes argelinas, a posição do Governo de uma das partes interessadas no caso do Sara, a Argélia, em oposição a Marrocos e a Mauritânia é bem clara.

«Somos pela autodeterminação do povo sariano, a tese que sempre temos defendido e não podemos aceitar outra».

«Nem a Espanha pode negociar a entrega de algo que não é seu. Não se sabe o que vai acontecer, mas desde logo se sabe que a Argélia não vai aceitar sem mais, como facto consumado, a ocupação do ter-

ritório do Sara por Marrocos».

Ben Ahmed, que é membro do Conselho da Revolução argelino, afirmou ainda que não veio para conversar ou manter qualquer contacto com os ministros de Negócios Estrangeiros de Marrocos ou da Mauritânia. Deverá permanecer em Madrid até amanhã.

Entretanto, a agência do Movimento Pyresa, anuncia que «sete mil e quinhentos soldados argelinos, apoiados por carros blindados e artilharia autotransportada, foram concentrados na semana passada na zona fronteiriça de Tinduf, entre o território do Sara e Marrocos».

A agência, que repete a informação do jornal de Marrocos, «L'Opinion», da oposição, afirma ainda, segundo a mesma fonte, que movimentos similares de tropas se tinham registado nas regiões fronteiriças de Neni-Ulif e Finguig.

Ontem no território do Sara, foi estabelecido o recolher obrigatório, pelo qual, desde as 16 e 30 da tarde até às 7 da manhã, nenhum civil pode circular sem salvo-conduto militar.

Segundo as crónicas dos correspondentes espanhóis, a cidade de El Aaiun foi ontem militarmente tomada através da já falada operação «Lazou».

É a primeira vez, depois de mais de quarenta anos, que as autoridades espanholas decretam este recolher.

Os polícias indígenas foram desarmados e licenciados com uma indemnização.

Os principais bairros dos sarianos encontram-se ocupados pelas forças militares espanholas, que também montaram dispositivos nos principais pontos estratégicos.

As famílias dos militares espanhóis foram transferidas para os quartéis e a evacuação deve reforçar-se nos próximos dias, ao que consta em alguns meios, até ao dia 15 de Novembro, quando o abandono do território por militares e civis espanhóis deverá estar terminado.

A operação foi decidida com receio de que os indígenas e militantes da frente Polisario actuassem contra os interesses espanhóis.

Consta que, na cidade de El Aaiun, o ambiente de desolação é conflitivo com os sarianos.

Apesar destas medidas, não se sabe o que vai acontecer.

A Frente Polisario, que tem as suas bases na Argélia, poderia actuar.

A Argélia também poderá intervir.

O poderio militar argelino é incomparavelmente superior ao de Marrocos e Mauritânia juntos.

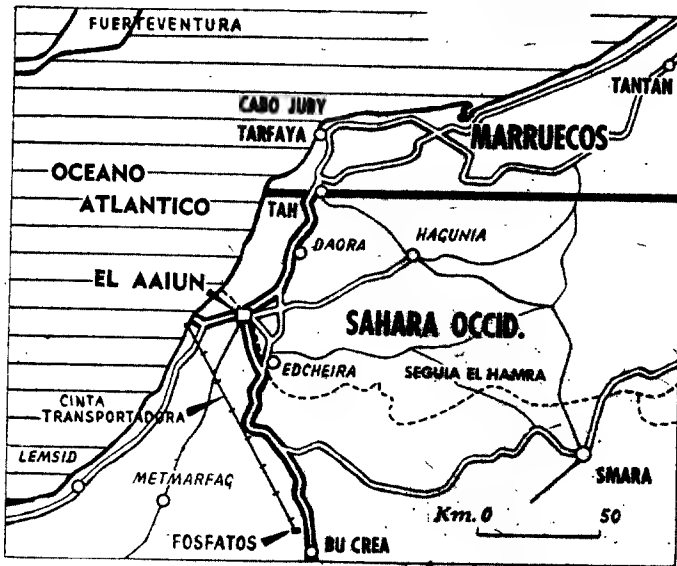
Assim não se sabe o que se passará nessa zona.

No acordo nota-se nitidamente a mão dos Estados Unidos.

A Argélia tem a simpatia e de algum modo representa os interesses soviéticos na zona, assim como os próprios.

Grande parte dos sarianos, que sempre pensaram na independência, que sempre foram mentalizados para essa solução pelas próprias autoridades espanholas, não vão ficar indiferentes ante o facto de uma ocupação de Marrocos ainda que negociada.

A nível de negociações e acordos, as próximas horas poderão ser decisivas. A nível de concretização, poderão surgir complicações.



Mapa publicado na Imprensa espanhola, mostrando a fronteira do Sara Ocidental com Marrocos, país que reivindica aquele território. Em Marráquexe, foi ontem revelado que as forças espanholas no Sara abandonaram o posto de Tab, preparando-se provavelmente para a retirada total da última colónia da Espanha em África. Entretanto, em Tarfaya, do outro lado da fronteira, encontram-se já concentrados 200 mil dos participantes na marcha pacífica marroquina sobre El Aaiun, capital do disputado território, rico em fosfatos

Caleidoscópio

■ **NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE), 30 — (ANOP) —** O presidente Anwar Sadat do Egipto pediu às Nações Unidas a imediata convocação da conferência de Genebra sobre o Médio Oriente.

Discursando ontem na Assembleia Geral das Nações Unidas, Sadat apelou para o secretário-geral da O. N. U., Kurt Waldheim, e para os co-presidentes da conferência de Genebra, a União Soviética e os Estados Unidos, para que iniciem consultas imediatas com todas as partes interessadas, incluindo a Organização de Libertação da Palestina (O. L. P.).

Sadat pediu também à Assembleia Geral da O. N. U. que aprove uma resolução dando a O. L. P. estatuto idêntico às outras partes participantes na conferência.

Para este efeito, a delegação egípcia apresentará um projecto de resolução.

■ **BEIRUTE, 30 — (R.) —** As facções libanesas envolvidas em luta chegaram ontem, à noite, a outro acordo de cessar-fogo.

go, o décimo em seis semanas, segundo revelaram fontes políticas bem informadas.

O acordo foi obtido numa reunião presidida pelo primeiro-ministro Rashid Karame, no palácio do Governo, a que assistiram Yasser Arafat, o dirigente dos guerrilheiros palestinos, oficiais da força de segurança interna e do exército e alguns políticos libaneses de destaque.

Sabe-se que perderam a vida, desde meados de Setembro, cerca de 950 pessoas em consequência da luta entre elementos da esquerda e da direita, travada principalmente em e à volta da capital. Muitas centenas de outras ficaram feridas.

■ **ROMA, 30 — (FP) —** As dificuldades do primeiro-ministro Aldo Moro agravaram-se bruscamente a noite passada devido ao facto do ministro das Finanças, Bruno Visentini, ter ameaçado demitir-se.

Ponto de partida do conflito:

os aumentos de salários decididos há meses pelo ministro na sequência de uma greve do pessoal do fisco, greve que tinha paralisado praticamente a cobrança de impostos. Tais aumentos foram rejeitados pela comissão das finanças da Câmara dos Deputados, por iniciativa dos socialistas (membros da maioria governamental) e dos comunistas.

Visentini anunciou que o Governo voltaria a submeter o texto e avisou que se não for aprovado apresentará a sua demissão.

■ **HONG KONG, 30 — (ANOP) —** O vice-primeiro-ministro chinês, Teng Hsiao-Ping, declarou no decorrer de um banquete em honra do chanceler Helmut Schmidt da Alemanha Federal que «as superpotências, a competirem tão arduamente e a aumentarem os seus armamentos, estão fatalmente destinados a ir um dia para a guerra uma contra a outra».

O GENERAL FRANCO CONTINUA AGONIZANTE

MADRID, 30 — (R) — O generalíssimo Franco continua hoje agonizante, mas agarrando-se desesperadamente à vida.

Um boletim médico, emitido às 7 e 30, dizia que o Caudillo passara uma noite sossegada e que nova comunicação seria feita às 13 e 30.

Decorreram já dez dias desde que o chefe de Estado espanhol, de 82 anos, sofreu o primeiro de uma série de ataques cardíacos, complicados por outras doenças normalmente fatais para um homem mesmo com metade da sua idade.

O boletim médico de ontem à noite afirmava que o velho ditador melhorara, mas que era ainda crítico o seu estado.

Já não há, porém, esperanças de que possa restabelecer-se.

A agência noticiosa Europa Press comunicou ontem, à noite, que Franco parecia melhor.

Disse ainda que o ambiente no Palácio do Pardo, onde o Caudillo tem sido tratado desde que adoeceu com gripe, em 17 de Outubro, era mais encorajador do que nos últimos dias.

Dona Pilar, a irmã do generalíssimo, foi citada ontem como dizendo que as últimas noites foram «infinitamente dramáticas... Na verdade, têm sido medonhas».

A Europa Press acrescentou que Franco bebera ontem leite e água e que o seu apetite era bom.

Entretanto, o príncipe Juan Carlos mantém o silêncio que conserva desde o princípio da doença do generalíssimo.

O herdeiro do Estado que

Franco edificou e consolidou desde que as suas forças derrotaram os republicanos, em 1939, efectuou ontem uma das visitas diárias ao palácio do Pardo, acompanhado por Sofia, sua mulher, a fim de se inteirar do Doente.

Nos últimos doze dias, o chefe de Estado espanhol sofreu uma série de problemas médicos maior do que muitas pessoas experimentam durante toda a sua vida.

Médicos manifestaram-se espantados com a resistência do generalíssimo de 82 anos às enfermidades que o afligiram desde que adoeceu dia 17.

Desde então, o Caudillo sofreu nomeadamente uma série de ataques cardíacos, febre e hemorragia pulmonar e intestinal.

A sua capacidade de sobre-

vivência até agora foi creditada a uma equipa médica de dez a 14 membros, à robusta constituição de Franco e à sua vontade férrea de viver.

F.R.A.P.: guerra da classe trabalhadora contra o fascismo

PARIS, 30 — (R.) — O movimento espanhol da extrema esquerda F. R. A. P. tem por objectivo a guerra da classe trabalhadora contra o fascismo, segundo declarou um informador numa conferência de Imprensa.

Aquele informador, que se apresentou sob o nome falso de José Atienza, declarou: «O nosso objectivo é liquidar o

fascismo».

Três dos cinco indivíduos executados na Espanha em 27 de Setembro por matarem polícias eram membros da F. R. A. P. (Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica), grupo maoísta.

Atienza disse que acções terroristas seriam intensificadas a partir de agora.

«A ditadura fascista continuará quer com a instalação da monarquia quer sob o Governo de uma junta militar após a morte de Franco», salientou.

«Actualmente o povo não está preparado para assumir o poder. Tem de atravessar um período inteiro de luta e uma guerra popular para derrubar os fascistas».

Atienza acusou o dirigente exilado do Partido Comunista espanhol, Santiago Carrillo, de convivência com o regime de Franco.

«Temos estado a cooperar intimamente com grupos revolucionários na Espanha e rejeitamos Carrillo e o seu grupo, que já não são comunistas e que apenas representam os interesses da União Soviética», acrescentou.

UM PILOTO SUICIDA MORREU NO UGANDA

LONDRES, 30 — (R) — Um piloto suicida palestino morreu ontem quando o seu caça se despenhou durante um voo de treino no Uganda, anunciou a Rádio ugandesa numa emissão captada em Londres.

Acrescentou aquela estação de Rádio que o piloto se tornara comandante de «um esquadrão suicida de comandos palestinos» após ter tirado um curso na China em 1969.

A Rádio citou o presidente Amin como tendo dito que o desastre ocorreu quando o palestino tenente Yusuf se treinava com pilotos suicidas ugandeses perto do aeroporto de Gulu, no Norte do Uganda.

O presidente nomeou uma Comissão de Inquérito ao desastre.

O piloto, de 28 anos, nasceu em Hebron, e o seu corpo será enterrado em Damasco.

turtle wax
RUBBING COMPOUND



massa de polir

ELIMINA FACILMENTE O BAÇO, ARRANHÕES, NÓDOAS, MANCHAS E FERRUGEM

PREÇO: 6 oz 37\$50

A VENDA NA

REALBOR—R. Gomes Freire, 185-B - LISBOA

(frente ao Arquivo de Identificação)

Espectáculos

LUIS MIGUEL CINTRA E LUIS BARRETO, DO TEATRO DA CORNUCÓPIA :

"O TEATRO LUCRATIVO DEVERIA DESAPARECER COMPLETAMENTE"

As dificuldades das companhias de Teatro Independente avolumam-se, não só pelo atraso de que lhes chegam os subsídios oficiais, mas pela prática de uma errada política de subsídios e porque, apesar desses subsídios, continuam a não poder competir economicamente, com as companhias de teatro comercial, que jogam a favor e se autopromove com uma publicidade cujos encargos não estão ao alcance das companhias subsidiadas.

Numa altura em que os subsídios estatais ainda não foram atribuídos, o que coloca as companhias independentes numa situação afiliva, sem possibilidades de programar a sua actividade para a temporada que agora se iniciou e, mesmo sem saber se poderão continuar (!), conversámos com Luis Miguel Cintra e Luis Barreto, do Teatro da Cornucópia, uma das companhias subsidiadas, sobre estes e outros problemas.

O repórter identifica-se por «DL», enquanto L.M.C. significa Luis Miguel Cintra e L.B. Luis Barreto.

A importância desta entrevista, neste momento, é grande quanto mais não seja porque a Cornucópia que está numa situação financeira caótica, nas palavras de Cintra, foi considerada pelo crítico Carlos Porto, nosso colaborador, como a «nossa melhor companhia».

«DL» — Qual a situação actual do Teatro da Cornucópia?

LMC — Em relação a subsídios: no ano passado não houve qualquer regularidade na sua atribuição. Algumas companhias dependiam do Ministério da Educação outras do Ministério da Comunicação Social, o que provocou enorme confusão.

Nós dependíamos da Secretaria de Estado da Cultura, a qual, por sua vez, dependia do Ministério da Educação. Entretanto essa Secretaria passou para o Ministério da Comunicação Social, houve alterações, recomencaram as irregularidades. Resultado: nunca conseguimos saber o que era a nossa situação como subsidiados durante o ano, com regularidade. Em Agosto tivemos férias e, desde o início de Setembro até agora, estamos numa situação que não percebemos muito bem qual é. Já em princípios de Outubro é que recebemos o respeitante a Agosto e Setembro. Portanto, vimos-nos obrigados a não poder preparar o início da temporada e agora, quase no fim de Outubro, estamos a apresentar o espectáculo que tínhamos estreado em Julho, depois de, praticamente, termos estado parados dois meses com o espectáculo e sem podermos programar a carreira deste espectáculo e a actividade da companhia para o ano, etc., porque não sabemos ainda exactamente qual vai ser a situação económica que já começou no princípio de Outubro.

Mais grave: quando os subsídios forem atribuídos, são-nos a partir do princípio de Outubro, retroactivamente. Portanto, nós não pudemos contar com ele e estivemos a perder o nosso tempo e a fazer perder dinheiro ao Estado. Para um trabalho como deve ser, precisamos de tempo, de organização. Se os subsídios, em 28 de Outubro ainda não estão atribuídos, como é que se vai fazer isso?

«DL» — As outras companhias de teatro independente estarão nas mesmas condições?

LMC — Todo o teatro chamado independente, não comercial, está na mesma situação. A política de subsídios parece-nos, a nós, Teatro da Cornucópia, errada, porque obriga a contar com receitas de bilheteira, não cobre todas as despesas do espectáculo. O que nós acharíamos correcto seria que o teatro fosse considerado como um serviço público, portanto, igual à Educação. O teatro, como actividade lucrativa, desapareceria completamente. Então, as companhias poderiam dedicar-se a um tra-

balho a fundo de acção com o público. A política de subsídios, já por si, impede, porque faz depender da bilheteira, que as companhias tenham a liberdade desse trabalho. Os atrasos, que agravam os erros da política de subsídios, estão a amputar as capacidades de trabalho e a utilidade pública das companhias que não se destinam ao comércio. Estão a continuar a marginalizá-las.

«DL» — Falam do teatro como um serviço público e no desaparecimento consequente do teatro como actividade lucrativa. Seria a nacionalização?

LB — Depende do que se entender por nacionalização...

LMC — Implicaria pelo menos, que não se deixasse, de maneira nenhuma, que o Teatro servisse para fazer lucros, e implicava que as companhias que se propõem fazer um trabalho «didáctico» fossem inteiramente pagas pelo Estado e que as receitas de bilheteira revertessem para o seu próprio «fundo de teatro».

Isso só poderia funcionar plenamente se fossem os próprios núcleos da produção teatral que coordenassem as actividades das diferentes companhias, mesmo no que diz respeito a «tournées», intercâmbio de espectáculos, ligação a órgãos de Poder Popular, etc.

Eles deveriam ter voz activa em todas as decisões governamentais respeitantes ao teatro.

AO TEATRO COMERCIAL NÃO FORAM RETIRADOS NENHUNS PRIVILÉGIOS

«DL» — Ainda o desaparecimento do teatro como actividade lucrativa. Como desapareceria esse tipo de teatro?

LB — Acho que seria eliminado naturalmente. Vamos lá a ver: os nossos grupos estão isolados, sem perspectiva cultural da actividade. Não há a possibilidade de canalizar o público para esse tipo de teatro.

LMC — E também há formas «violentas» para eliminar de vez o empresário e o comércio teatral... As companhias de tea-

ENTREVISTA CONDUZIDA POR NUNO GOMES DOS SANTOS

tro independente necessariamente visam um público diferente do visado pelo teatro comercial ou, pelo menos, tentam que o público veja o teatro de uma maneira diferente daquela com que encara o teatro comercial. Ao teatro comercial ainda não foram retirados nenhuns privilégios. Tem os privilégios que a sua própria actividade de tipo lucrativo lhe dá: grande investimento de dinheiro em publicidade, exploração da vedeta, meios técnicos, boas salas de espectáculos, etc.

O teatro independente, para poder atingir um novo público, por um lado, ou competir com o teatro comercial, precisava que o Estado lhe desse possibilidade de criar novas formas de informação sobre o seu trabalho, que não fossem boicotadas pela desigualdade económica com as companhias comerciais e precisava sobretudo de ter suficiente estabilidade de trabalho para se conseguir ligar, efectivamente, ao público, através do contacto com Comissões de Trabalhadores, Comissões de Moradores, enfim, com os órgãos do Poder Popular, e para poder desenvolver um trabalho coerente e a longo prazo.

Ora isso exige a tal estabilidade que os subsídios não dão. E também exigiria que este trabalho com o público, completamente alheio à exploração do público que o teatro comercial faz, fosse coordenado em conjunto por todas as companhias independentes.

LB — Voltando à eliminação do teatro comercial: acho que a função fundamental do teatro independente é didáctica, porque vai tentar, digamos, «educar» um público, ou conquistar um público. Desde que se mostra a diferença entre um teatro e outro, o público naturalmente abandonará um teatro que o aliena.

AS CAMPANHAS DE DINAMIZAÇÃO

LMC — Ainda outra coisa: houve um esboço de uma atitude diferente do poder em relação ao teatro, com as Campanhas de Dinamização. Isso estava desligado da questão do apoio financeiro. O que me parece é que o facto de subsidiar companhias não soluciona o problema. Há outras formas de apoio ao teatro, como, por exemplo, um famoso decreto sobre a requisição de cine-teatros na província e que nunca chegou a sair, que permitia que as câmaras e o MCS requisitassem esses cine-teatros, gratuitamente ou por preço inferior, para apresentação de espectáculos dessas companhias. Coisas destas, que favoreçam efectivamente, a actividade destas companhias contra o teatro e o cinema comerciais, são um apoio tão importante como o apoio estritamente financeiro.

A PUBLICIDADE

LB — Ainda o apoio da publicidade que, para este tipo de teatro deveria ser gratuita.

LMC — Há meses e meses que há um pedido para publicidade gratuita para este tipo de companhias, mas isso nunca mais teve seguimento. E por



Cintra (à esquerda) e Barreto falam ao «DL»

que razão a televisão quase as ignora?

Quanto ao programa de televisão — «TV Palco» — que é, praticamente, o único de divulgação de teatro, é um programa reaccionário, que favo-

rece todos os espectáculos de Vasco Morgado e, consequentemente, marginaliza o trabalho destas companhias.

Houve até, um abaixo-assinado contra o «TV Palco». Nós

Continua na pág. 15

CINEMA

PARIS:

"A HISTÓRIA DE ADELIA H" DE TRUFFAUT

Uma mulher abandonada parte em busca do seu amado, mais que amante, e é no Canadá que o drama se desenrola, para terminar nas Antilhas, sete anos depois. Anos de martírio, de obsessão, de loucura, que o amor justifica e, para além dele, um pesadelo de solidão romântica. A história passa-se entre 1863 e 1870, a heroína é uma francesa de trinta e três a quarenta anos e a sua paixão mal correspondida por um oficial inglês começara muitos anos atrás.

O rigor das datas e dos locais corresponde, no último filme de François Truffaut, ao rigor da história real e das personagens, ou da personagem real. «L'Histoire d'Adèle H.» foi vivida assim e assim é contada, passo a passo, conforme o «diário» da heroína, há pouco publicado. A época é de romantismo, e a jovem que envelhece amando e esperando em vão os favores do seu amado, é uma jovem romântica, que se chama, como sua mãe, Adèle Hugo, e é filha de Victor Hugo.

Para Truffaut, a ilustre família da heroína é apenas uma referência, ou uma cumplidade: quando a toma no vértice da sua história, ela está sozinha, e é a história da sua solidão que lhe interessa e que ele conta, com minúcias de delicadeza — e esta quase ingenuidade real que define o seu lugar num cinema francês que foi de «nouvelle vague» quinze anos atrás.

Nenhum outro cineasta da sua geração ficou mais fiel à poesia natural de ver o mundo e de estar nele, atento, maravilhado, comovido também — e castamente sóbrio. Na tradição da efabulação e da narração literária francesa, Truffaut manteve-se fiel aos «400 coups» da sua juventude, a uma espécie de memória pessoal que se estende aos outros e ao mundo inteiro. Na «Noite Americana» vimos-lo, fazendo o filme de um filme, falar de si próprio, com a inocência de sempre, e uma aguda respon-

sabilidade estética, no «segundo grau» em que sempre a definiu, logo nas páginas críticas de «La Revue du Cinéma». Um intelectualismo severo, alheio a jogos espectaculares ou especulativos e fincado, sempre, numa observação algo piedosa pelas personagens com que convive, ao longo das histórias contadas, e mais evocadas que inventadas, tal é o carácter da obra de Truffaut.

«L'Histoire d'Adèle H.» define-se dentro destas novas — e a vida da heroína, entre as quatro paredes do seu sonho e da sua obsessão, com a sua degradação sensível e piedosa, parece indicada para ser contada assim. De resto, a comparação entre este filme e uma obra anterior de Truffaut, «A Criança Selvagem» (talvez a sua melhor e mais pura criação), foi imediatamente proposta pela crítica, e é acertada. Não só porque ambos os filmes foram elaborados a partir de memórias reais, como porque em ambos se assiste, linearmente, a uma apaixonante experiência humana, embora de sinais contrários. A vida que constrói uma criança subitamente desperta para o mundo dos outros, corresponde, em «Adèle H.» a uma vida destruída, num movimento que tende a recusar os outros, fixando-se num «outro» que é agente dessa destruição. O longo monólogo de Adèle, a infeliz filha de Hugo, tem um poder trágico gerado na infinita melancolia do seu padecer. A sua loucura, como a morte accidental de uma irmã sua, são destinos hugolianos: o romantismo paga-se, ou vingam-se as forças tenebrosas que ele invoca...

Poder resistir a esta referência, esconder discretamente o envolvimento dramático da heroína, e até o seu nome, sob o «H.» do título, não é, decerto, uma das melhores qualidades deste filme austero. Ou deste «Senso» (Visconti), pudicamente recusado...

J. A. FRANÇA



Cenas dos «Pequenos Burgueses», de Gorki, que a Cornucópia está a apresentar, no Teatro do Bairro Alto

Geral

PELA PRIMEIRA VEZ

Tribunal Russell
vem a Lisboa

De 10 a 17 de Janeiro próximo decorrerá em Lisboa a terceira sessão do Tribunal Russell para a América Latina, organização que se tem dedicado à tarefa imensa de denunciar as prepotências do capitalismo internacional naquele espaço do continente americano. As outras duas sessões decorreram em Roma e Bruxelas.

O Tribunal Russell constatou que a violação sistemática dos direitos do homem está vinculada estritamente ao sistema de exploração económica de que os Estados Unidos são os principais agentes no subcontinente latino-americano.

Nesta terceira sessão o tribunal propõe-se examinar as diferentes formas de intervenção, contrárias ao Direito

Internacional, através das quais os Estados Unidos impõem a sua vontade, em particular o papel do exército norte-americano e dos exércitos latino-americanos neste processo de dominação; a influência dos serviços secretos e do poder financeiro mundial; as consequências culturais da dependência económica, etc. propõe-se finalmente o tribunal formular uma síntese das conclusões às quais se chegou através dos trabalhos das três sessões.

Assim, são os seguintes os temas desta sessão: as intervenções militares directas ou indirectas dos Estados Unidos para estabelecer regimes ligados aos seus interesses; os conceitos jurídicos e a organização institucional das ditaduras de direita na América Latina; a instalação do complexo militar industrial e a militarização da sociedade civil; o processo de destruição cultural na América Latina; a estrutura do poder internacional; etc.

A realização em Lisboa da terceira sessão do Tribunal Russell para a América Latina foi já autorizada pelo Conselho da Revolução estando em formação um secretariado unitário de civis e militares progressistas. A fim de ultimar os preparativos dos trabalhos, encontra-se também em Lisboa a secretária do Tribunal Russell.

Durante o dia de ontem, o movimento naquele posto fronteiriço foi reduzido, pelo desconhecimento da sua reabertura.

TEATRO LUCRATIVO DEVIA DESAPARECER

Continuação da pág. 14

recusamo-nos a entrar nesse programa porque a aceitamos, estávamos a admitir que fosse falsamente postos em pé de igualdade com o «Mostrame a Tua Piscina», por exem-

plo. Ora quando se faz um programa sobre a «Piscina»... LB — E se alicia o público para ir vê-lo...

LMC — E se alicia o público para esse espectáculo, e depois se quer fazer um programa sobre uma companhia como a nossa, é porque se tem a certeza que esse programa não irá prejudicar a carreira do «Mostrame a Tua Piscina». O «TV Palco» é um programa publicitário, e só com possibilidades de informação, e não de publicidade, as companhias independentes poderão destruir o teatro comercial que esse programa apoia e as campanhas publicitárias em que colabora.

«CORNUNCÓPIA»
EM RISCO DE ACABAR?

«DL» — Voltando à situação da vossa companhia...

LMC — Desde que voltámos de férias que perdemos 3/4 do tempo de trabalho a fazer planos para a próxima temporada que são, depois, anulados, e projectos de início de actividade que são cancelados constantemente. E diligências junto do Poder. Além disso, a situação económica da companhia é caótica.

Muita gente diz que são atribuídas verbas astronómicas às

MINISTRO BRITÂNICO
VISITA PORTUGAL

O membro do Governo inglês Roy Hattersley, ministro de Estado junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Comunidade Britânica, visitará Portugal de 25 a 28 de Novembro, a convite do dr. Manuel Medeiros Ferreira, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros de Portugal.

Membro do Parlamento desde 1964, onde representa o círculo Sparkbrook, de Birmingham, Roy Hattersley pertence desde Fevereiro deste ano ao conselho privado.

A morte de Toynbee

Continuação da pág. 3

Em suma, uma composição lírica, com esse espantoso lirismo dos Ingleses, perante o qual, nós, Latinos perdemos pé, embora gostemos de o sentir sempre em contacto com o real, o concreto, o humano, espantosamente sensível à vida.

A «tese» central — Toynbee não recua perante esta palavra pouco agradável aos historiadores puros — é que as civilizações longe de serem o produto de um meio favorável ou das qualidades inatas de uma raça, nascem de réplica dos homens ao desafio da natureza ou das provações interiores e exteriores. As sociedades fortes forjam-se na adversidade. O seu progresso é assegurado pelo impulso dado por personalidades ou minorias criadoras, que só podem avançar, arrastando «o grosso da humanidade passiva», só em virtude do seu exemplo e da per-

suação. A sua fragilidade resulta pois do delicado equilíbrio entre os grupos da caravana humana. Se a minoria criadora perde a sua virtude e tenta manter por constrangimento a posição que deixou de merecer, se a massa pede a sua salvação a falsos salvadores, aos conquistadores, ao Estado, o declínio começa imediatamente. Destroçado pela oposição interior ou pelos ataques exteriores de um «proletariado», isto é, de um grupo que não faz moralmente parte do conjunto (uma massa deserdada na nação, bárbaros nas fronteiras), o corpo social caminha para o sisma e emprega-se à derrota.

No curso da história, a maioria das civilizações desapareceram deste modo. Ainda viva, a nossa, a civilização cristã ocidental, deverá passar por inexoravelmente condenada a juntar-se àquelas que a precederam? Toynbee não quis admiti-lo. Claro que reconhecia os evidentes estigmas do declínio. Uma rápida sucessão de acontecimentos catastróficos fez nascer uma angústia nas almas. Mas recordemos a lição da história: as guerras, o assalto dos bárbaros só vencem as sociedades incapazes de aceitar o desafio do destino.

© Le Monde

Hoje



Série policial «Serviço Especial»

I PROGRAMA

- 19.00 **Aventuras do Rucas e Nodi** mete-se em sarilhos. Apresentação pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis
- 19.25 **Momento Desportivo**
- 19.55 **TV Palco.** Panorama teatral português pelo actor Igrejas Caeiro.
- 20.30 **Telejornal.** 2.ª edição. Noticiário do país e do estrangeiro
- 21.00 **Dancas e Cantares da Roménia**
- 22.00 **A Queda das Águias.** Um telefilme produzido por Stuart Burge para a BBC e «Time-Life Films». 5.º episódio O último Czar. Interpretes: Gayle Hunnicutt, Charles Kay, Barry Foster, Freddie Jones, Patrick Stewart, Lynn Farleigh, Ursula Howells e Davis Collings. Realização de Bill Hays.
- 23.00 **Telejornal** 3.ª edição
- 23.15 **Fecho**

II PROGRAMA

- 21.00 **Abertura e Da Saúde e da Vida**
- 21.15 **Vivendo o Futuro**
- 21.30 **Telejornal.** Em diferido a edição transmitida no I Programa às 20.30
- 22.00 **Serviço Especial.** Série policial com George Sewel, Patrick Mower e Paul Eddington
- 22.45 **Impacto.** Ponto final parágrato. Um programa pelos trabalhadores da Planigrafe.
- 23.15 **Fecho:**

teatro do bairro alto

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A, 1-B (ao Largo do Rato)
Telefone 66 15 15

Pequenos Burgueses
de Gorki

Por motivo de doença de um dos elementos da Comp. não haverá espectáculo, recomendo só no próximo sábado às 21.15 h.

motor

PASTA MEDICINAL Couto

TRATA AS DOENÇAS DA BOCA

USE-A 3 VEZES POR DIA

É SÓ BRONCAS!

NO **ADOQUE** grupo de teatro

(ao Martim Moniz)
Tel. 87 42 80

HOJE
As 20.30 e 22.30 horas

• 2.º MÊS! •

ACIADOS GARDIAS

VEJA ERMELINDA DUARTE em «O Estica»

Uma notável composição!

• É XITO! •

(Não ac. men. 18 anos)

DESTAQUES

I PROGRAMA

«A Queda das Águias» — (22.00)

II PROGRAMA

Série policial «Serviço Especial» (22.00)

....

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período 12.45 Abertura e Saber não Faz Mal. 13.00 Stop. Programa de Prevenção Rodoviária Portuguesa por Joaquim Filipe Nogueira. 13.15 Telejornal. 1.ª edição. 13.30 Câmara Livre. Um programa de Carlos Rodrigues. 14.00 Logo à noite. Cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa e Porto. **Ciclo Preparatório TV** 14.10 Língua Portuguesa (2.º ano); 14.35 Matemática (1.º ano); 15.00 Francês (2.º ano); 15.25 Ciências da Natureza (1.º ano); 15.50 Educação Visual (2.º ano); 17.36 Língua Portuguesa (1.º ano); 18.00 Trabalhos manuais (2.º ano). 2.º Período 19.00 Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis 19.30 O perigo é a minha profissão 20.00 Relatório 20.30 Telejornal. 2.ª edição Noticiário do País e do estrangeiro. 21.00 Afinal como é? 21.30 Música, musical. Um programa em que coexistem a música clássica e a música ligeira. 23.00 Telejornal. 3.ª edição. 23.20 Fecho.

II PROGRAMA

21.00 Abertura e Câmara Livre. 21.30 Telejornal. Em diferido a edição transmitida às 20.30 no I Programa. 22.00 Noite de Cinema. O Anjo Azul (Der Blaue Engel). Um filme de grande metragem produzido por Joseph Von Sternberg. Interpretes: Marlene Dietrich e Emil Jannings. 23.45 Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e orçamento grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto



ANDEBOL: "TAÇA DOS CAMPEÕES" JOGO DE SECRETARIA QUER AFASTAR O BENFICA

Inacreditável e inadmissível: antidesportivo e anti-regulamentar. Mas, mesmo assim, os espanhóis insistem: querem o seu Calpisa no sorteio dos oitavos de final da «Taça dos Campeões» (andebol) no lugar do Benfica (campeão de Portugal) o clube que esperou em Lisboa para que a eliminatória fosse resolvida em campo, em jogo. Mas, os espanhóis não vieram: e declararam que desistiam da prova. Quando os portugueses (Benfica e Federação) pensavam que tudo estava resolvido, desportiva e regulamentarmente, começam as manobras de bastidores, as artimanhas dos maus desportistas a tentarem virar o bico ao prego.

Um tal San Roman que (dizem-nos) é *rata velha* nos meandros do andebol, começa a tecer a sua teia: aranha venenosa, procura armar o laço aos honestos desportistas portugueses. E, saltitando entre Barcelona (ou Madrid) e Copenhaga (onde vive o presidente da Federação Internacional) ou Basileia (onde mora a sede da Federação Internacional), dá ideia de história de tiros nas ruas de Lisboa, inventando cenas que terão impedido a turma espanhola de vir a Lisboa. E o inacreditável acontece: o Calpisa é apurado para os oitavos de final, de uma competição da qual havia desistido!

Perante esta surpresa, Benfica e Federação vão reagir energicamente. E tentar repor a verdade desportiva no campo internacional.

A Europa não pode andar para trás: se, em Espanha, impera ainda a lei do mais forte, em matéria de influências estranhas, em Portugal isso acabou há 19 meses. E o Mundo tem de saber isso. Daí a voz do Benfica e da Federação Portuguesa de Andebol se ter já levantado. Em uníssono. Cantando a verdade: contra a mentira e a hipocrisia. Doa a quem doer, quer-se justiça.

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

Jornalistas e relatores radiofónicos (nove, na totalidade) foram indicados pelo Sporting, como testemunhas, no documento de contestação ao processo disciplinar movido pela Federação, a respeito do «espectáculo» na Tapadinha, provocado pela renúncia do árbitro setubalense Amândio Silva em concluir o jogo Atlético-Sporting.

ONTEM

A selecção portuguesa de juniores de hóquei em patins estreou-se com uma vitória, no «europeu» da categoria que

ontem principiou em Darmstadt (Alemanha Federal). O adversário foi a França e a vitória expressou-se em 8-0. Alinharam e marcaram: Basílio, (Rui Rosa), José Carlos (2), F. Pereira, Jorge (4), Oliveiros (2), Garrido e Fernando Soares. Nos outros jogos da jornada inaugural registaram-se os seguintes resultados: Itália, 3-Suíça, 0; Espanha, 9-Bélgica, 2 e Alemanha, 0-Holanda, 1.

HOJE

O Tribunal Desportivo deve começar a ser erguido hoje, na reunião que, na Direcção-Geral dos Desportos, vai reunir o prof. Melo de Carvalho, o gabinete jurídico da D. G. D. e os representantes das diversas Federações. A reunião (que poderá vir a ser classificada de «histórica») principia às 21 e 30.

EVENTUALMENTE CHOCANTE

O Congresso Extraordinário da União Europeia de Futebol (U.E.F.A.) foi anulado. Devia realizar-se em 26 de Novembro próximo, em Marbella (Espanha).

O Comité Executivo da U.E.F.A., reunido em Zurique, tomou esta decisão, considerando (segundo um comunicado da U.E.F.A.) que «a maior parte dos «dossiers» que deviam ser examinados durante a sessão não teriam podido ser preparados no prazo estabelecido».

As principais questões inscritas na agenda do Congresso eram os problemas respeitantes às retransmissões televisivas dos encontros de futebol na Europa, o «estatuto do futebolista» e as transferências.

Por outro lado, a Secretaria da U.E.F.A. indica que haverá uma conferência dos presidentes e secretários das Associações Nacionais filiadas na U.E.F.A., em 28 de Janeiro de 1976, em Marbella.

Faleceu o árbitro Emídio Conceição Costa, que estava como fiscal de linha na equipa de Mário Luís (Santarém). A morte ocorreu por acidente.

Fincho, o homem que veio um dia de Timor para jogar no Belenenses, fala hoje em «A Bola»: diz da forma como veio para o Restelo, ou seja a troca de 20 camisolas. E conta mais, em retrato real e humano: *Quando entro em campo não sei se ainda tenho os meus pais e irmãos vivos. Deixei-os há 4 anos e, neste momento, não sei se sou órfão. Já tentei tudo: já fui à Cruz Vermelha, já fui a todo o lado saber como poderei contactar com eles e, a verdade é que todos os contactos são impossíveis. Talvez amanhã se consiga um contacto com a Austrália e eu saiba qualquer coisa...*

A Comissão Central de Árbitros castigou com a pena de suspensão por três anos o árbitro António Monteiro, da «regional» do Porto.

PORTUGAL

Onda de notícias sobre o Estoril Praia, nem todas agra-



«Esperanças» futebolísticas: Juca (de costas) «mentaliza-as»...

dáveis. No ponto negro: durante o treino de ontem, com a selecção de «esperanças», o defesa Carlos Pereira chocou com o vimaranense Ramalho e sofreu fractura de uma costela, recolhendo ao leito. Entretanto, o médio Eurico recebe, por intermédio do empresário Fausto Pires uma proposta de transferência imediata para um clube estrangeiro (francês?). A colectividade, enquanto se debate com problemas financeiros inerentes a todas as formações profissionais de futebol, nomeou o dr. Rodrigues Gonçalves para aquilatar da posição do Estoril perante a indemnização considerada «avultada» que o Farense pretende pela cedência definitiva do seu antigo representante Rui Paulino. Por último, uma nota satisfatória: Norberto, recuperado, está no «team» que António Medeiros vai apresentar na Luz, perante o Benfica.

Tiro ao arco: na disputa do troféu «José Galvão» os melhores atiradores foram Clara Pantana, Amélia Buco, João Inácio, Henrique Santos e Eduardo Miguel.

A Federação de Lutas Amadoras continua a desenvolver trabalho curioso e a merecer encómios. Agora, disputaram-se os campeonatos de principiantes-juniores, ficando os títulos entregues a José Sousa (44 quilos), João Ratinho (47), José Patrão (50), Jorge Aguiar (54), Alberto Covas (58), Adelino Silva (63), Claudino Pires (73) e José Marques (mais de 73 Kg). Em «esperanças»,

a taça «António Pereira» distribui-se por praticantes de «esperanças» (Vitorino Gaspar, Vitor Nobre, João Lourenço, Fernando Ribeiro, João Neto e Manuel P. Martins) e pelos seniores mais pontuados (Leonel Duarte, João Grilo, Luís Grilo, Carlos Melo, Manuel Batuca e António Maia).

Indicado o contendor do Sporting, na Taça das Taças, em andebol de sete: será o grupo dinamarquês do FIK, de Copenhague.

O judoca Fernando Almada conquistou o 3.º lugar nas recentes Jogos Ibero-Americanos, desenrolados em Madrid.

Mais uma lista de castigos (dezenas...) aplicados pela Federação de Futebol. Os mais evidentes, por dizerem respeito a figuras conhecidas: suspensão por um jogo a Isidro (Belenenses), Ronaldo (F. C. Porto), Barbosa (Boavista) e aos setubalenses Manaca e Carlos Cardoso. Advertência ao alcantareense Amaral. Outro jogo de paragem obrigatória a Capitão-Mor (Paços de Ferreira), Ribeiro (Vilanovense) e Graça (União de Leiria). Multas a clubes: no rol, incluem-se o Sporting de Braga, Beira-Mar, Vitória de Guimarães, Vila Real, Quarteirense, União Vilafranquense e Benavente, enquanto é (preventivamente) interdito o terreno do Ala-Arriba.

Em face da continuada ausência de Humberto Coelho aos treinos da selecção nacio-

nal de futebol, o treinador Pedroto pensa em Freitas para o posto do ex-benfiquista, entregando o lado esquerdo da dupla central defensiva a Rui Rodrigues.

Mais um argentino que vem tentar a sorte em Portugal: trata-se de Alfredo Diaz (24 anos, recusado em Espanha por já estar terminado o prazo de inscrição para futebolistas estrangeiros) que pretende ingressar o «plantel» sportinguista. Diaz treinará amanhã sob as ordens de Juca.

Celso (três semanas de inatividade) perde, de uma caxadada, dois proveitos: ida à Escócia com o seu clube (o Boavista) e presença na turma nacional senior de futebol.

Os benfiquistas Vitor Baptista (entorse) e José Henrique (pequeno traumatismo num pé, provocado por choque com o companheiro Malta da Silva) podem considerar-se em condições de alinharem perante o Estoril, sábado à noite. Quanto a Messias, a lesão ainda não se encontra totalmente debelada.

AGENDA

O Clube Desportivo de Paço de Arcos organiza, amanhã (21 horas) um sarau comemorativo do 74.º aniversário do emblema.

A Associação Desportiva de Oeiras dá um passo em frente:

Continua na pág. 17

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO Nº 9, DE 2 DE NOVEMBRO DE 1975

Badaladas — x1x x11 1xx 21xx; Sporting — x12 111 121 xx11; Cardeal Saraiva — 11x 111 1xx 2111; Estação Rádio da Madeira — 112 111 121 2xxx; Paju Desportivo — x12 111 1x2 2x1x; Barlavento —

112 111 121 2211; O Concelho de Estarreja — 11x 111 111 1111; Correio de Coimbra — x12 111 111 2x11; Correio do Vouga — 112 111 111 x212; Eu Sei Tudo — x12 111 111 2x11; Folha do Domingo — 112

111 111 xx1x; Madrugada — 112 111 121 2x11; Movimento — x1x 111 1x1 2211; Jornal Desportivo — 112 111 1x1 2211; O Jornal de Felgueiras — 11x 111 12x 21xx; O Jornal da Lixa — x12 111 11x 2111;

Jornal de Sintra — 112 111 111 2x11; Jornal de Lafões — x1x 111 11x 2x11; Notícias de Viseu — x1x 111 11x 2x11; O Mensageiro — 1x2 111 1x1 2x1x; Linhas de Elvas — 112 111 x11 xx11; Manchete Desportiva — 111 111 111 21x1;

do Porto — 11x 111 11x 21x1; O Distrito de Portalegre — x12 111 1x2 x11x; Ecos de Cacia — 112 111 121 211x; Estrela da Manhã — 112 111 1xx 21x2; Estúdio 64 — 11x 111 1x2 xx22; Dos Fracos não Reza a História — 2xx 1xx x21 1x22;

111 22xx; Rádio Placard — 112 111 11x 2111; Repórter do Dia (Angola) — 112 111 11x 2111; Resenha Desportiva — 112 x11 11x 21x2; Encontro Musical — x12 111 11x x211; Ritmo e Amizade — 112 111 11x 2121; Só Rádio — xx2 11x 111 1xx1; A

	R E S U M O			B O L A S (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. FARENSE-BRAGA	61	19	4	8	3	1
2. BELENENSES-CUP	77	7	0	11	1	1
3. ACADÉMICO-SPORTING	4	24	56	1	4	7
4. PORTO-LEIXOES	82	2	0	11	1	1
5. SETUBAL-BEIRA-MAR	79	4	1	10	1	1
6. GUIMARAES-ATLÉTICO	80	3	1	10	1	1
7. BENFICA-ESTORIL	82	2	0	11	1	1
8. P. BRANDAO-FREAMUNDE	41	25	18	6	4	2
9. AVINTES-AVES	50	25	9	7	4	1
10. ESPOSENDE-TIRSENSE	10	25	49	1	4	7
11. ALHANDRA-ODIVELAS	42	26	16	6	4	2
12. CARTAXO-LOURES	58	19	7	7	4	1
13. S.L. OLIVAIS-BEJA	51	21	12	7	3	2

a) Nos termos do Art.º 102.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas sorteadas na data do sorteio das quantidades de pontos presente mapa.

Mundo Desportivo — 112 111 12x 2211; Notícias de Évora — 112 111 111 xx11; Notícias de Felgueiras — 112 111 1x1 2x11; Notícias de Gouveia — 112 111 111 x122; Penalti — 112 111 111 2111; Rádio Altitudo — 11x 111 11x 2111; Reconquista — 112 111 111 1111; Renovação — 112 111 111 2111; Alvo Desportivo — 111 111 121 21xx; Auto Rádio — x1x 111 1x1 2112; Boletim Desportivo — 112 111 1x1 211x; Cavallada do Ritmo — 112 111 112 x111; Centro Desportivo — 11x 111 11x 2x1x; Clube do Ar — 112 111 111 2121; O Distrito de Setúbal — 112 111 1x1 2x11; Ecos do Desporto — 2x2 1x2 11x x111; As 10 espere por nós — x12 111 1x1 x11x; Diário

Gazeta das Caldas — x12 111 111 x111; Jornal da Beira — x1x 111 121 22x1; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; Litoral — 112 111 111 x11x; Maria da Fonte — 11x 111 122 221x; Miscelânea Musical — 112 111 1x1 1x12; Montra do Éxito — 2x2 121 1x1 1211; Música e Desporto — 112 111 1xx 22x1; Notícias de Guimarães — 11x 111 12x x1x2; Placard Desportivo — 11x 111 12x 21x1; Presença Coimbrã — 11x 111 11x 2x1x; Programa da Manhã — 2x2 1xx 12x 1121; Programa Sem Nome — 112 111 111 121x; Quadrante Desportivo — 11x 111 111 xx12; Quadrante Norte — 112 111 1x2 2xxx; Rádio Alvo — 11x 111 121 x222; Panorama — x11 111

Voz das Beiras — 112 111 1x2 2111; A Voz do Domingo — 112 111 1x1 xx1x; Voz de Lamego — 112 111 121 2111; A Voz de Palmela — 1xx 111 11x x211; A Voz dos Ridículos — 11x 111 111 2111; Tudo Pode Acontecer-1 — 112 111 12x xxx1; Tudo Pode Acontecer-2 — 112 111 1xx 21xx; Tudo Pod Acontecer-3 — 112 111 12x 2111; Tudo Pode Acontecer-4 — x12 111 1x1 x1x1; Tudo Pode Acontecer-5 — x12 111 122 xx11; O Comércio de Leixões — 112 111 1x1 2111; O Comércio do Porto — 112 111 111 x11x; O Primeiro de Janeiro — 11x 111 111 xx11; Rádio Sports — 112 111 111 2111; Voz do Casa Pia — 112 111 1x1 2111; O Noite Desportivo — 11x 1x1 111 2112.

Continuação da pág. 16

promove, no próximo sábado (a partir das 14.30) uma prova de pericia automóvel, para concorrentes de ambos os sexos. Nota curiosa: não são admitidos carros abertos. A competição desenrola-se no terreno do ex-picadeiro, junto à estação de comboios. A entrega de prémios processa-se à noite, na sede oirense.

Pelas 21 e 30 da próxima 2.ª-feira, a Imprensa é convidada da Associação de Boxe do Porto para ouvir «afirmações escaldantes» a respeito da modalidade que os portugueses pretendem encaminhar para um surto de progresso.

O Centro Paroquial e Clube Stella Maris (da Nazaré) em colaboração com a Spiridon (revista internacional de corridas a pé) leva a efeito a 16 de Novembro, a primeira «Meia Maratona internacional da Nazaré». Podem participar todos os atletas (federados ou não) de idade superior a 17 anos.

A 31 do corrente, pelas 22 horas, acto de posse dos corpos gerentes da Associação de Futebol de Setúbal.

OPINIÃO

Afirmado publicamente pelo brasileiro Da Costa:

— Em Portugal, nem mesmo a questão política me causa qualquer desgosto. A política tem que ser resolvida pelo vosso país e eu não tenho nada a ver com isso. As boas referências ao Sporting e a Portugal não se alterarão, quer fique (ou não) mais tempo por cá.

COMENTÁRIO

O primeiro-ministro Fidel Castro afirmou que, com o triunfo da Revolução cubana, os Estados Unidos já não podem humilhar os povos da América Latina nas competições desportivas pan-americanas.

«Já não têm o predomínio com que procuravam demonstrar a sua superioridade. Estamos agora muito de perto, ganhando-lhes uma a uma todas as competições» — afirmou Fidel num acto de homenagem aos atletas cubanos que actuaram nos Jogos Pan-Americanos, realizados na Cidade do México.

Fidel acrescentou que Cuba não tem nenhuma animosidade contra os atletas norte-americanos como tais, se bem que alguns estejam desviados e expressam sentimentos individualistas próprios da sociedade que vivem.

O primeiro-ministro cubano declarou (ainda) que Cuba, apesar de ter menos população e recursos do que os Estados Unidos, tinha conseguido este feito graças à erradicação do profissionalismo e às novas condições criadas com o desenvolvimento da educação, da saúde pública e da cultura.

Fidel Castro aproveitou a ocasião para desmentir publicamente a agência francesa de notícias que disse que os atletas, em Cuba, desfrutavam de privilégios. E sublinhou que os desportistas cubanos só têm privilégios de ordem moral, os de viverem num país onde há justiça e onde todos os cidadãos têm direitos iguais ao estudo, ao trabalho, à saúde e à vida.

Alder Dante, árbitro do Porto-Sporting, acabou por reconsiderar: sabedor do castigo que lhe foi aplicado pela Comissão Central («repreensão registada») declarou, ao camarad «Record», o seguinte:

— Conclui que o segundo golo do Porto não foi golo...

Aplauda-se a (tardia) sinceridade. Lamenta-se o erro, que poderia ter defraudado o trabalho de um grupo de aplicados profissionais e, simultaneamente, todo um espectáculo caro e servido em más condições aos pagantes.

RARIDADES

Juntamente com o técnico futebolístico Rodrigues Dias, a Federação enviou à Checoslováquia dois operadores de cinema para filmarem, integralmente, o jogo dos checos com a Inglaterra.

Numa competição China-Roménia, efectuada em Pequim, a chinesa Chao Kuei-ying bateu o recorde mundial feminino de tiro à pistola (fogo central) com 589 pontos. A marca anterior era de 587 pontos e pertencia à soviética Nina Stoljarova. A China ganhou, também, a prova colectiva desta modalidade, conseguindo as suas três atiradoras 1759 pontos, o que supera também o recorde mundial de 1752 pontos, estabelecido pela U.R.S.S.

«Aprendam com Cuba» — esta, a recomendação do presidente do Comité Olímpico dos Estados Unidos, Philipp Krumm, inserta numa forma de resumo desta competição feita pelos jornais «Excelsior» e «El Sol de Mexico», assim ordenada:

1 — A grande proeza colectiva dos jogos: os nove halterofilistas de Cuba que estabeleceram 80 recordes e conquistaram 18 medalhas de ouro.

2 — A melhor atleta pan-americana: Joyce Yakubowick, do Canadá.

3 — A maior surpresa dos jogos: o cubano Rigoberto Mendonza, vencedor da maratona.

4 — A melhor marca dos sétimos jogos: João Carlos Oliveira (Brasil) com 17,89 metros no triplo salto.

5 — O mais afável dos desportistas: Teofilo Stevenson, de Cuba.

6 — O mais insociável dos desportistas: o pugilista argentino Felipe Moro Rojas, dos «levíssimos».

7 — A declaração mais insólita: «o boxe deve ser suprimido porque põe em perigo os atletas» (do dirigente Guineá, do Peru).

8 — A declaração mais optimista: «O Brasil alcançará o nível dos países socialistas» (do dirigente brasileiro Augusto Eirado da Silva).

9 — O ponto negro dos jogos: a decisão tomada «entre compadres» pelos delegados do México e do Brasil, para repartir as medalhas de ouro, no torneio de futebol.

10 — Como lição para os próximos jogos, Philip Krumm, presidente do Comité Olímpico dos Estados Unidos, recomendou aos países latino-americanos: «aprendam com Cuba».

Num raro gesto de franqueza, Krumm declarou: «Em esgrima, luta e boxe, para só falar nestes três desportos, os cubanos podem fazer mais e melhores coisas do que nós. Devemos aprender com eles».

Os dois jornais tiraram outra ilação: a de que o «impopular» torneio de equitação «Taça das Nações» deve ser eliminado dos Jogos Pan-Americanos.

Segundo reportagem do «Record» de hoje, os jogadores do União de Tomar «tocaram a reunir» no sentido de auxiliarem a direcção do clube a resolver os problemas financeiros. Actuando como autênticos revolucionários, que «esquecem» a necessidade dos certificados da sanidade e as carteiras profissionais, os jogadores lembraram-se de criar, na Feira de Santa Iria, um restau-

rante, que tem dado os seus frutos (ganhos em escudos). Nas noites de Feira é vulgar ver os «craques» da equipa do Nabão a servirem bifes ou cafés, frangos assados ou garrafas de vinho, a todos quantos escolhem o local para cenário das suas refeições. Padre Leopoldo (o presidente do clube) está encantado com a ideia, porque o clube deve muito dinheiro, inclusive ao seu antigo presidente (José Júlio Garcia) que lá tem «enterrados» 6 mil contos...

Está a ser montado, no Beira-Mar, um departamento de Relações Públicas que, dirigido por Américo Pimenta, estará na base da divulgação das actividades do clube de Aveiro.

As equipas voleibol do Cruz-Quebrandense, Liceu Gil Vicente e Sporting das Caldas ganharam (em campo) o direito a preencherem as vagas existentes no bloco de concorrentes à 2.ª divisão lisboeta.

A MELHOR DO DIA

Cubillas, que é indubitavelmente um dos melhores jogadores profissionais que pisam relvados portugueses, é hoje (também) o protagonista da «melhor do dia»: depois de se ter ausentado do Porto, sem autorização do seu clube, e de ter participado no jogo Peru-Colômbia, também sem autorização dos dirigentes das Antas acaba de revelar que renovou o seu contrato com a agremiação «azul e branca» do Norte, por uma verba que orça os 11 500 contos, e que essa renovação é válida por três anos.

Depois de ter mentido aos jornalistas portugueses (dizendo que tinha autorização para se deslocar a Caracas) parece que Cubillas mentiu (também) aos jornalistas da Venezuela, já que os dirigentes portistas negam a celebração desse tal contrato.

Entretanto, Cubillas chega esta tarde ao Porto: onde o espera um inquérito, a cargo de Julio Santos e de Sá Ribeiro.

Quanto custará a Cubillas este «pé na argola»? Uma hora ou uns dias do seu (actual) fabuloso contrato?

LÁ FORA

Johan Cruyff e Johan Neeskens não serão dispensados pelo F.C. de Barcelona para se integarem na selecção da Holanda que, em 22 de Novembro, defrontará a «Squadra Azzurra», em Roma, no último encontro das eliminatórias da «Taça das Nações» (Grupo 5).

Os interesses do Barcelona (que jogará em 23 de Novembro com o Betis, em encontro do campeonato espanhol) são, na opinião dos dirigentes do clube catalão, «mais importantes do que os da selecção holandesa», declararam os representantes da Federação Neerlandesa de Futebol, depois de terem contactado a este respeito com a direcção do clube espanhol. Esta, argumentou que o adiamento do encontro de 23 de Novembro, significaria uma quebra de receita da ordem das 850 000 pesetas, sendo certo que a qualificação da Holanda para a fase seguinte da «Taça das Nações» se encontra praticamente assegurada.

O Checoslováquia-Inglaterra, em futebol (que interessa ao grupo europeu em que está incluída a selecção de Portugal) apenas durou 16 minutos, devido ao intenso nevoeiro que tomou sobre Bratislava. Havia 0-0 e o embate terá de repetir-se.

Branca Correia e Bela Vista

GUERRA CONTRA O RUÍDO

Um grupo de moradores das zonas Branca Correia e Bela Vista, da freguesia de Santa Iria de Azóia, em face da existência, desde há alguns anos, de um clima altamente incívico e perturbador da paz e da ordem nestas zonas, provocado por alguns dos frequentadores dos estabelecimentos de jogos e diversões aqui existentes, que principalmente nas horas em que os que aqui habitam, procuram o merecido e necessário repouso para iniciar novo dia de trabalho, são perturbados por toda a ordem de ruídos (escapes livres das motorizadas, corridas, gritarias), e na sequência de todas as diligências já efectuadas para pôr

fim a esta aflitiva situação, sem que as autoridades, os proprietários dos estabelecimentos ou os seus indesejáveis frequentadores tenham contribuído para uma melhoria da situação, apesar dos nossos insistentes pedidos, acordaram em tomar uma posição popular, ao nível de todos os moradores, para lhe pôr termo.

Assim, ao abrigo do Código Civil e Leis existentes, e procurando o apoio das autoridades e forças progressistas, esse grupo de moradores comunica o seguinte:

Não mais permitirão que sejam instalados nestas zonas estabelecimentos que, pelas suas actividades e característi-

cas, provoquem ou venham a agravar ainda mais tal situação.

Responsabilizam, por isso, todos os proprietários, inquilinos, ou os que venham a alugar ou tomar por trespasses as lojas ou habitações da zona pela seguinte tomada de posição:

Se nas lojas ou habitações forem instalados estabelecimentos cujas actividades sejam consideradas de agravar a situação exposta, ou se julgue possam vir afectar a estabilidade e segurança dos edifícios e dos seus habitantes; se continuar a permanência «noctívaga» de indivíduos indesejáveis, a perturbar o sossego e descanso dos moradores da zona, serão tomadas medidas drásticas e efectivas para que tal não venha mais a acontecer, e para que sejam respeitadas as leis e formalidades existentes.

Um comunicado traduzindo esta situação foi enviado às seguintes autoridades: Junta de Freguesia, Comissões de Moradores e Representantes dos Partidos Políticos locais, Comissão Administrativa do Concelho de Loures, Repartição de Finanças, Direcção-Geral de Saúde, RALIS, etc.

Barreiro, hoje SANEAMENTO TRIBUNAL POPULAR RECUPERAÇÃO

O Secretariado de Luta, criado na sequência do processo de saneamento movido a seis trabalhadores da Câmara e Serviços Municipalizados do Barreiro, repudia os despachos recebidos do Secretariado de Estado da Administração Interna. Acentua, ainda, que as «decisões» tomadas pelo aludido departamento foram comunicadas aos Organismos Populares do concelho do Barreiro que vão providenciar no sentido de que a vontade popular dos barreirenses seja respeitada e que os saneamentos sejam um facto.

Para o efeito, o Secretariado de Luta, que incorpora elementos da Comissão Administrativa da municipalidade, representantes de diversas Comissões de Trabalhadores, de Moradores e de Bairros, promoveu um plenário na Sociedade «Os Penicheiros», de que demos desenvolvimento notícia no momento oportuno. Aos elementos que integram esse Secretariado a população do Barreiro concedeu aval para dar conta das decisões aí aprovadas (decisões que rejeitavam categoricamente os referidos despachos) e adiantam medidas para que a luta continue e os saneamentos sejam levados a cabo.

Moções aprovadas nesse sentido são testemunho eloquente da disposição em não ceder (como nos tempos antigos e heróicos da resistência antifascista, de que o povo do Barreiro foi baluarte), propagando pelo saneamento imediato e total, sem revisão de processos; suspensão do pagamento de vencimentos; e confiscação de bens aos elementos cujos processos provem a utilização de materiais e serviços em benefício próprio. A moção propõe que os processos devam ser enviados ao Ministério da Justiça.

Decidiu o mesmo plenário que cessem os saneamentos à esquerda e que sejam criados campos de recuperação para os elementos que se «mostrem» declaradamente contra o Processo Revolucionário, e, na falta destes, de Tribunais Populares.

As moções aprovadas, que reiteram as decisões tomadas há já sete meses para com quatro funcionários e duas funcionárias que o MAI pretendeu integrar nos Serviços Centrais (Lisboa), foram enviadas ao Primeiro-Ministro, Comissão Interministerial de Saneamento e Reclassificação, ministro da Administração Interna, ministro da Justiça, ministro da

Comunicação Social, Governo Civil de Setúbal e, entre outras, ao Conselho Superior da Revolução.

“OUTUBRO” EM ALMADA E COVA DA PIEDADE

As Direcções da Sociedade Filarmónica Incrível Almadaense, Sociedade Filarmónica União Artística Piedense e Almada Atlético Clube decidiram formar um secretariado para coordenar um programa comemorativo da Revolução Socialista de Outubro.

Nesse sentido, o Secretariado dirige-se a todos os organismos Unitários de Base, como sejam Comissões de Moradores, Comissões de Trabalha-

dores, Colectividades de Cultura e Recreio, Associações Desportivas, Associações de Bombeiros e Cooperativas, bem como Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Almada e Juntas de Freguesia, convidando-os a participar activamente, no próximo dia 1, num programa comemorativo daquela data histórica que constará de um desfile, às 10 horas, com concentração no Largo 5 de Outubro, na Cova da Piedade.

Benfica na Hungria!

PREÇO P/ PESSOA — 5.800\$00

INCLUI: — Avião fretado / Pensão completa em hotel de 1.ª A / Visita da cidade / Bilhete para o jogo / Transportes Aeroporto-Hotel-Estádio-Hotel -Aeroporto / Assistência de guia.

PREÇO P/ PESSOA — 7.480\$00

INCLUI: — Avião de carreira normal / Pensão completa em hotel de 1.ª A / Visita da cidade / Bilhete para o jogo / Transportes Aeroporto-Hotel-Estádio-Hotel-Aeroporto / Assistência de Guia.

VIAJE PARA BUDAPESTE COM O BENFICA

Aproveite para conhecer uma das mais belas cidades, no coração da Europa, banhada pelo famoso e encantador Danúbio — Budapeste.

Viagens MERCURY Turismo
(a Agência que transporta o Benfica)

Faça já a sua inscrição

Av. da Liberdade, 181 ou Av. da Liberdade, 728
Tel. 56081 LISBOA Tel. 22944 BRAGA

Viagens MERCURY Turismo

Paquete «Infante D. Henrique» COMUNICADO

Avisam-se os Senhores passageiros que por motivo de força maior, a saída do paquete Infante D. Henrique anunciada para 31 de Outubro da Rocha Conde de Óbidos, foi alterada para o dia 10 de Novembro.

Recebem-se as bagagens dos Senhores passageiros a partir do dia 6 de Novembro inclusive.

C. T. M.—Serviço de Passagens—Rua Augusta, 152
Tel. 60 71 81

Geral

SALVADOR CAETANO

PORTO, 30 — Foi sanado o diferendo que opunha trabalhadores do Salvador Caetano. As reivindicações dos trabalhadores foram satisfeitas, pois a administração deu já ordem para o cumprimento da portaria dos metalúrgicos.



MANIFESTAÇÃO C.I.C.A.P./R.A.S.P.

PORTO, 30 — (Da nossa delegação) — «Os dias que passamos no R.A.S.P. mostraram claramente que os muros dos quartéis da burguesia foram construídos para isolar os trabalhadores fardados dos seus irmãos de classes civis, para tentar transformar os soldados em carneiros obedientes à ordem de repressão sobre os trabalhadores. Nós no R.A.S.P., pusemos por terra esses muros, reforçamos a unidade com as massas populares, aprendemos uma nova disciplina, vimos que assim como nas fábricas os patrões não são precisos, também nos quartéis passamos bem sem os patrões — comandos que nos são impostos como chefes sem ser ouvida a nossa vontade e sem termos nós a ordenar o que mais nos convém. Nós saímos do R.A.S.P. com as armas mais seguramente viradas contra os exploradores, os reacçãoários. Nós saímos dispostos a sermos agitadores e propagandistas da verdade, da luta, e do que nela aprendemos, a sermos organizadores dos nossos camaradas que ficaram nos quartéis» — afirmou um elemento da Comissão de Luta do C.I.C.A.P./R.A.S.P. durante a sua intervenção já no final da manifestação de apoio e que teve lugar ontem à tarde na cidade do Porto e à qual aderiram milhares de pessoas enquadradas por cerca de meio milhão de soldados.

Os manifestantes concentraram-se na Praça Humberto Delgado após o que iniciaram o desfile por diversas artérias, gritando palavras de ordem como «C.I.C.A.P./R.A.S.P./República/Renascença/Venceremos». «Soldados não disparam contra

soldados», «Morte ao E.L.P. ao A.M.I. e quem os apoiar», «Reunião, Informação, Democracia nos quartéis», etc. Até atingirem o Quartel-General, em cuja porta de armas as sentinelas se encontravam recolhidas, na passagem os manifestantes gritaram com determinação: «C.I.C.A.P. é do povo não é do A.M.I. nem do Veloso».

Prosseguindo a marcha a manifestação atingiu a Rua de D. Manuel II passando pelo C.I.C.A.P. onde uma guarda

avancada formada por militares estabelecia um cordão de segurança, impedindo dessa forma que alguém se detivesse diante dos portões da Unidade.

Atingido o Jardim da Cordoaria os manifestantes detiveram-se junto das escadas do Palácio da Justiça onde se procedeu à leitura de moções de apoio a várias unidades presentes, entre elas, Aveiro, Viana do Castelo, R.C.T. (Lisboa), Santa Margarida, Abrantes, Chaves e Artilharia da Costa.

Ainda durante a intervenção do elemento da Comissão de Luta este afirmou: «A luta C.I.C.A.P./R.A.S.P. continua ininterruptamente ligada à luta contra a profissionalização do exército, concretamente contra as medidas de passagem à disponibilidade de milhares e milhares de militares».

«A partir do momento em que saímos do R.A.S.P. o terreno de luta passou a ser os quartéis». E ao terminar a sua intervenção e após afirmar que o «exemplo a seguir é o dos soldados do R.I.P. que já constituíram o Comité de Luta, dos soldados de Espinho que exigiram a reintegração de um camarada a quem tinha sido passada licença registada e dos camaradas do R.A.S.P. e dos trabalhadores de Gaia que têm reforçado os laços entre eles tendo constituído mesmo um secretariado de apoio à luta», o orador adiantou: «Considerando que o combate se desenvolve fundamentalmente nos quartéis; e considerando que a Comissão de Luta não pode aqui daqui em diante prosseguir as tarefas de direcção, dado que não foi eleita na base de um programa que vincule

todos os seus elementos, a Comissão de Luta entende que não deve continuar na direcção da luta, competindo aos camaradas nos vários quartéis e às organizações antimilitaristas prosseguir o combate».

Foi ainda aprovada uma moção contra o A.M.I. («braço armado da burguesia») na qual se lê: «A criação do A.M.I. não representa mais do que a tentativa desesperada da burguesia através do seu VI Governo para ter o seu braço armado e assim poder esmagar tudo aquilo que os trabalhadores, passo a passo, ao longo destes dezoito meses de luta conquistaram. Esta tentativa reacçãoária passa pela expulsão do seio do Exército de todos quantos pertencem ao povo e deles estão conscientes e orgulhosos de serem filhos. Já as primeiras respostas contra esta medida se organizam. Já começamos a preparar as recusas colectivas de passagem à disponibilidade».

A manifestação terminou sem que se registasse qualquer incidente. Entretanto, e quando a manifestação se dirigia para o Quartel-General, desfilando pela Rua de Santa Catarina, forças da Polícia Militar, vindas do Q.G., colocaram-se com grande aparato junto das instalações da Rádio Renascença, na Rua de Sá da Bandeira, no que foram secundadas por forças da P.S.P.

Contudo, os manifestantes marcharam em direcção ao Q.G. não passando, como o pensaram as forças militares, pelo edifício da R.R. que, mesmo assim ficou guardada durante a madrugada.

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	12°
COIMBRA	16°
PORTALEGRE	15°
LISBOA	15°
FARO	10°
FUNCHAL	20°

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade

Máxima

Figueira de Castelo Rodrigo

Mínima

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar

Atmosfera

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

12.21	3,6 m	5.44	1,4 m
18.23	1,1 m		

Dia 31

0.58	3,7 m	6.46	1,1 m
13.21	3,9 m	19.18	0,9 m

Dia 1

1.52	3,9 m	7.39	0,8 m
14.15	4,1 m	20.07	0,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

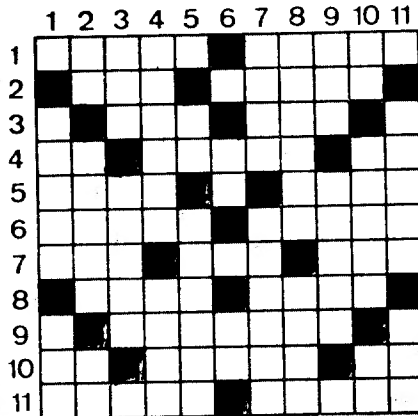
Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado do quadrante sul; períodos de chuva; possibilidades de aguaceiros a partir da madrugada e manhã.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11224

HORIZONTAIS

- 1 Ascendo. Azedo.
- 2 Nome de letra. Rezava.
- 3 Pega. Ilha do estado da Baía.
- 4 Antes do meio dia. Causa muito molhada. Frâncio (s.q.)
- 5 Estacione. Descerre.
- 6 Ateada. Eduquei.
- 7 Graca. Mula. Zombas.
- 8 Costa. Invalgar.
- 9 O mesmo que arola (caranguejo)
- 10 Viração. Separe de. Sadia.
- 11 Vexa. Acarinho.



VERTICAIS

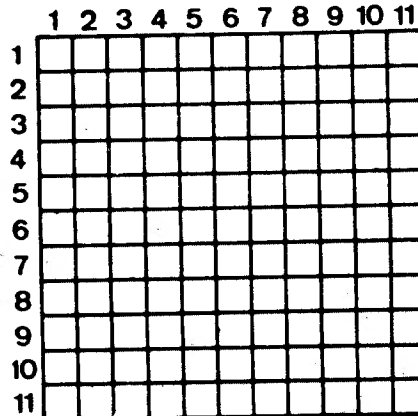
- 1 Calhaus. Recusa.
- 2 Rádio (s.q.) Importunar. Rado (s.q.)
- 3 Povoação do concelho de Condeixa. Armadilhas, para passáros.
- 4 Facas circular. Tombar.
- 5 Preposição e artigo definido. Domestica.
- 6 Pata. Porco.
- 7 Cantiga. Padre.
- 8 Fatigar. Acolá.
- 9 Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Capricho.
- 10 Oteree. Travão. Samario (s.q.)
- 11 Verbais. Extremidade do braço.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7385

HORIZONTAIS

- 1 Freguesia do concelho de Torres Vedras. Uma das incarnações de Vixnu na mitologia hindu.
- 2 Nome de mulher. Mulher de baixa estatura. Medicina.
- 3 Pronome pessoal. Afia. Vê.
- 4 Além. Demitir.
- 5 Mamíferos roedores. Vaqueai.
- 6 Ouro (s.q.).
- 7 Relativo à morte. Brancas.
- 8 Estimé. Espécie de forragem (Bras).
- 9 Li. Cidade de França. Quinhentos e um em romano.
- 10 Fruto da azeitura. Preposição e artigo definido (pl). Oceano.
- 11 Rainha da Arábia. Também chamada Belkiss. Pronome demonstrativo.



VERTICAIS

- 1 Roer. Limpas com água.
- 2 Exclusiva. Lance de si.
- 3 Sódio (s.q.) Inflamação do ouvido. Prefixo que designa afastamento.
- 4 Renque.
- 5 Emparelhara.
- 6 Liga. Lista.
- 7 Queima. Lavras.
- 8 Prefixo que designa ar. Lírio.
- 9 Amónio (s.q.). Testemunho Manuscrito.
- 10 Nome de fruto. Caminhas.
- 11 Estive unido por aderência. Fora para fora

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11223

HORIZONTAIS:

- 1 Varre. Secar.
- 2 Amuar. Curta.
- 3 Loas. QUEM.
- 4 Ari. TEM. Aio.
- 5 Se. Ar. Em. Ms.
- 6 Sabe. Tara.
- 7 Des. Ata.
- 8 Aram. Abro.
- 9 Io. Não. Aer.
- 10 AC. Pampa. MM.
- 11 Rosto. Assoe

VERTICAIS:

- 1 Valas. Ba. Ar.
- 2 AMORES. Rico.
- 3 Ruai. Adão.
- 4 Ras. Abem. Pt.
- 5 Er. Três. NÃO.
- 6 Be. Sam.
- 7 Sc. Meta. Opa.
- 8 Que. Mata. As.
- 9 Crua. Raba.
- 10 Ateima. Remo.
- 11 Ramos. DORME.

PROVERBIO: Quem tem amores não dorme.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7384

HORIZONTAIS:

- 1 Loulé. Alado.
- 2 Irão. Alas.
- 3 Mo. Na. MM. Rs.
- 4 Agi. Obi.
- 5 Apar. Roam.
- 6 Ano. Opa. Sor
- 7 Vi. Asada. Au.
- 8 Grã. Oiã.
- 9 Viras. Rolas.
- 10 Aram. Lama.
- 11 Rosas. Saros.

VERTICAIS:

- 1 Lima. Avivar.
- 2 Oro. ANI. Iro.
- 3 Da. Apo. Grãs.
- 4 Longa. Aramã
- 5 Airosas.
- 6 Pa.
- 7 Morador.
- 8 Lambo. Aiola.
- 9 Al. las. Alar.
- 10 Dar. Moa. Amo.
- 11 Ossa. Russas.

BARS BOITES

RESTAURANTES TÍPICOS

DANCINGE

NINA Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13 T. 364859/368197. Joanne Duplex Strip-teaseuse rodesiana

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Var. edades internacionais. T.261461/164526/264598/264621/264946

HIPOPOTAMO — Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. Av. Ant. 10 Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.



MISSORA 1.º Programa

- 17.00 Rádio estudantil
- 18.00 Música variada
- 19.00 Informação de trânsito
- 19.05 Falar educação, um programa do I.T.E.
- 19.25 Melodias
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Pánel da noite
- 22.05 Tema de economia, por Filipe Feigas
- 00.00 Último jornal
- 00.30 Retrospectiva
- 01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música NA NOITE
- 02.00 Música na noite

03.05 Minitheatro

2.º Programa

- 16.00 Que quer ouvir?
- 18.00 Trio em la menor, op. 50, de Tchaikowsky
- 18.50 «Prelúdio à Sesta de um Fauno», de Debussy
- 19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo

Programa em Onda Média 2 — 397 m 755 KHz

21.00 Sinfonia n.º 5, em si bemol maior, op. 63, de Rubbra

- 21.30 «Te Deum», de Charpentier.
- 22.00 Concerto de câmara
- 23.00 «Sylvia», suite de bailado, de Delibes
- 23.30 «Pequena Missa Solene», de Rossini
- 01.00 Fecho

Programa Estereofónico — MF 2 — 94.3 MHz

- 21.00 Música ligeira variada
- 22.00 Intercâmbio musical
- 22.29 Concerto n.º 15, para piano e orquestra, K.459, em fá maior, de Mozart
- 23.00 A grande música negra, por José Duarte
- 24.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

- 16.04 Programa C.D.C.
- 18.05 Movimento
- 20.50 Dialogo
- 21.03 Programa do M.F.A.
- 21.30 Quando o telefone toca
- 22.30 Quando o telefone toca
- 23.06 Mensagens bíblicas
- 23.30 No Mundo aconteceu
- 00.05 Alavanca
- 01.00 Madrugada
- 01.15 Rádio-teatro
- 06.03 Diário Rural.

AMANHÃ

NASCEM ÀS 8.02 OCASO ÀS 18.39



08.03 Espaço R.C.P.

Modulação de Frequência

- 16.04 Programa C.D.C.
- 18.05 O nosso programa
- 19.05 Em órbita-1
- 20.30 Boa noite em FM
- 22.02 Auditório
- 00.05 Em órbita-2
- 01.05 Banda sonora Sonipol
- 02.05 Perspectiva
- 03.05 Madrugada
- 06.00 Diário Rural
- 07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233.2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93.2 MHz — emissão continua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular

Das 12.00 às 14.30

Rádio Graca

Das 14.30 às 19.00



Teatro e Cinema

Teatro

cinemas

cinemas

LISBOA

TURNO P-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCANTARA
Proibidade, Rua de Alcântara, 15-A (tel. 638589)

ALTO DE SÃO JOÃO
Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (tel. 843439)

ALVALADE
Paris, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A/B (ao Pote de Água) (tel. 710131)

ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque D'Ávila, 25/31 (tel. 47088)

AREIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (tel. 724941)

BAIRRO ACTORES
Esperança, 101-B (tel. 722668)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Zira, P. Casas Novas lote 66 (tel. 310172)

BAIXA
Morão, Rua da Assunção, 17 (tel. 321289)

BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429 (tel. 780027)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (tel. 650760)

LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (quinta das Mouras) (tel. 794174)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B/C (Tel. 720703/728395)

PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (tel. 842725)

SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (tel. 42312)

XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A (tel. 383800)

TURNO P-2
TODA A NOITE

AJUDA
Dilena, Rua Aliança Operária, 49-A/B (tel. 636620)

ALVALADE
Neoterapia, Campo Grande, 138 (tel. 774682)

AMOREIRAS
Patria, Calçada dos Mesures, 30-A (tel. 680627)

ANJOS
Gois, Rua dos Anjos, 12-C (antiga Rua Registo Civil) (tel. 840101)

AVENIDAS NOVAS
Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (à Av. Barbosa do Bocage) (tel. 763107)

BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A (à Rua do Casquilho) (tel. 708242)

CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (tel. 666206)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel. 780181)

CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé, 54 (tel. 862835)

LAPA
Alb, Rua de Santana à Lapa, 156 (tel. 663562)

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (tel. 790704)

SÃO PAULO
Açoreana, Largo Conde Barão, 2 (tel. 661330)

SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Av. Luís Bivar 11 (tel. 44324)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D. João I, 9-B (T.532756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); Igreja, P.da Igreja, 22-A (T.937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120 (T.538424)

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461)

VENDA NOVA
Novas, R. Elias Garcia, 10 (T.972530)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T.950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T.951841)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (T.2940034)

MEM MARTINS
Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 123-B (T.2914103)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)

SINTRA
Misericórdia, Vila (T.2930391)

COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T.212048)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T.2432034). Até às 22 horas

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Toda a noite

CARCAVELOS
Central, Até às 24 horas

PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (T.2471785). Toda a noite

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J.A., 15 (T.260116). Até às 22 horas

MONTE ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (T.260391). Toda a noite

CASCAIS
Cascais, R. Conde de Monte Real, B. das Caixas (T.282407). Até às 22 horas;

Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T.280141). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. Antão dos Santos Jorge, 15 (T.234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)

ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T.9750242)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima, E. Nacional, 244-A (T.2040141)

BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T.2073035)

COVA DA PIEDADE
Louro

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (T.239029)

MONTUJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T.2310156)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis 21 (T.233028)

SETUBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (T.22408); Portugal, R. Camilo Castelo Branco (T.23211)

SEIXAL
Godinho, Lda Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 7
ATÉ ÀS 22 HORAS

Martino, Sucr., Praça Marquês de Pombal, 122; Pombal, 152; Prelada, Rua Central de Francos, 316; S. Roque da Lama, Rua de S. Roque da Lama, 1111; S. da Bandeira, Rua da Bandeira, 236; Ameal, Rua do Ameal, 1227; Campo Alegre, Rua do Campo Alegre, 723; Ferreira da Silva, Rua dos Mártires da Liberdade, 150; Peninsular, Rua Chã, 100; S. Lázaro, Avenida Rodrigues de Freitas, 297 e Melo Taveira, Rua Alcaide Faria, 77

A PARTIR DAS 22 HORAS

Prelada, Rua Central de Francos, 316; Martino, Sucr., Praça Marquês de Pombal, 122; Pombal, 152 e S. Lázaro, Avenida Rodrigues de Freitas, 297

COIMBRA

LUCIANO E MATOS, Rua da Sofia, 11 (Tel. 22147); MACHADO, Rua Bernardo de Albuquerque (Tel. 23767); SITALIA, Largo da Se Velha, 14. (Tel. 23234)

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«Pequenos Burgueses»

VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

LAURA ALVES
20.30, 22.45 (18 anos)
«A Mão no Ar e o Pé Atrás»

VILLARET
20.30 e 23.00 (13 anos)
«Pascoal»

CAPITOLIO
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Mostra-me a tua Piscina»

ADOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Cia dos Cardeais»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
21.15 (13 anos)
«O meu cavalo, a tua pistola a tua viúva»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Sonhos do Passado»

MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«A Pistola»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«O Tumulo do terror»

PROMOTORA
21.15 (14 anos)
«Amigos até ao fim»

IDEAL
21.15 (18 anos)
«Venha Jantar connosco»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (13 anos)
«A Bofetada»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Conde Yorga Vampiro»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«O Silêncio»

CASCAIS
S. José
21.15 (13 anos)
«O Emigrante»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Magnate»

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Os Rapazes do Grupo»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (13 anos)
«A Queda no Abismo»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«A Verdade daquela Noite»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«Asfalto Quente»

PORTO/Teatros

CIRCO
21.15 (10 anos)
«Circo Mexicano»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«La Bambina»

OLIMPIA
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A Mãe e a Puta»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«O Pirata»

S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pameia»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«Semente de Tamarindo»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Baldúrdia no Oeste»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Veredicto»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Contos imorais»

VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Amor de Perdição»

ESTÚDIO
22.15 (18 anos)
«A Máquina do Amor»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«O Homem de clã»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Veredicto»

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«A coragem do povo»

S. TEOTÔNIO
21.15 (18 anos)
«A Promessa»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Cama com Música»

Na NAZARE o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA BATISTA

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
MADLY
CASTIL
BERNADETTE
ESTÚDIO
A TRAMA
ALVALADE

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

SPY'S
Espíões
N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme
4.ª Semana

APOLO 70
T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

BALBÚRDIA NO OESTE
12.ª Semana
As 24.00 Grupo D (18 anos)
VIVA LA MUERTE
De Arrabal

ROXY
T. 48560 14, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido

PECADOS EM FAMÍLIA
15.ª Semana

PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE
T. 897480 Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

A TRAMA
Um filme de Don Sharp
As 15.30, 18.30
Não acons. a menores de 18 anos

O PIRATA

NIMAS
T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

QUE VIVA A REVOLUÇÃO
c/ Marcelo Mastroianni

MONUMENTAL
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

SEMENTE DE TAMARINDO
2.ª Semana
Nas sessões das 15.15 e 21.15 Reportagem da visita do Senhor Presidente da República à União Soviética

CAMINHOS DA REVOLUÇÃO
Prod. do Instituto Português de Cinema
Real. de Jorge Cabral

D. JOÃO V DAMAIA
T. 971794 21.00
Não acons. a menores de 13 anos

PAPILLON

UNIVERSAL
T. 774402 15.17, 19.00, 21.00, 23.00
Não acons. a menores de 13 anos

O DESTACAMENTO VERMELHO POPULAR
Um filme da República Popular da China

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

SEIOS DE GELO
Com Mireille Darc e Alain Delon
Um filme G. Lautner

EDEN
T. 320769 14.00, 16.00, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

GOLPE BAIXO
Com Burt Reynolds e Eddie Albert
Um filme de Lewis Gilbert

TIVOLI
T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

«PAUL E MICHELLE»
Amigos... e Amantes
Um filme de Lewis Gilbert

CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

O SILÊNCIO

ROYAL
T. 665037 15.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

A GRANDE FARRA

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Int. a menores de 18 anos
AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR
Contem cenas event. chocantes
2.ª Semana

ROMA
T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Int. a menores de 18 anos

JÚLIA E OS HOMENS
este filme contém cenas eventualmente chocantes.

VOX
T. 720808 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

DISTO É QUE EU GOSTO 3.ª Semana

SATÉLITE
T. 562632 15.17, 19.15
Interdito a menores de 18 anos

O CIO (HEAT) 9.ª Semana

CARLOS MANUEL SINTRA
21.15
Interdito a menores de 18 anos

A VERDADE DAQUELA NOITE

CINEBOLSO
T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
As 24.00
Demasiado risco para um homem só

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Para todos maiores de 6 anos
Jerrv Lewis e
O REI DO CIRCO
Um filme de Joseph Pomeroy
2.ª Semana

CONDES
T. 322523 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O riso dos anos 70, e...
O PROFESSOR NUDISTA
3.ª Semana
c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15 e 21.15
Int. a menores de 18 anos

MASSACRE
Hoje em últimas
O filme de choque e acção explosiva
c/ Jim Brown

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

LA BAMBINA
Uma nova forma de amor...

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA GOLPADA
c/ Clint Eastwood
3.ª Semana

AVIS
T. 47163 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

JÚLIA E OS HOMENS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

CASTIL
T. 530194 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

MADLY
A OUTRA MULHER
Mireille Jarc, Alain Delon

CINEARTE
T. 660446 21.15
Grupo D (18 anos)

MEIAS PRETAS

ESTÚDIO
T. 555135 Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 13 anos

BERNADETTE
Um filme de Gilles Carle

ESTÚDIO 444
T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

ADOLESCENTE PERVERSA
Com Jane Asher

EUROPA
T. 610116 15.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS
Com Jane Fonda, Alain Delon, Brigitte Bardot

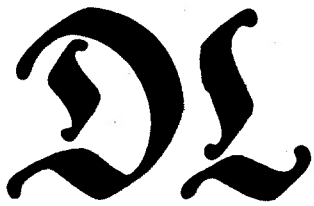
RESTELO
T. 610375 As 21.00
Não acons. a menores de 13 anos

OS 2 BOMBEIROS

MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. a menores de 13 anos

VIRILIDADE
A ITALIANA O SEXO É SEXO...

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde Rua Luís de Camões



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 65431/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SONHADO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBGA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

SITUAÇÃO EM ANGOLA

LUANDA, 30 — (Especial do «DL») — Mantém-se grave a situação no Sul de Angola, com forças do E.L.P., de mercenários sul-africanos e da U.N.I.T.A./F.N.L.A./U.P.A. continuando a ocupar Sá da Bandeira e Moçâmedes. As F.A.P.L.A. retiraram da zona daquelas duas cidades e tudo indica que optaram por desencadear, em toda a área, largas operações do tipo guerrilha, no que contam com o apoio da população. Segundo tudo indica esta táctica das F.A.P.L.A. encontra justificação no facto de não disporem de grandes efectivos nem de material bélico suficiente naquela região, dado que o grosso das suas forças continua concentrado nas ofensivas nas frentes do Caxito e de Nova Lisboa. Nestas duas frentes, a situação, segundo comunicado difundido ontem à noite pelo Comissariado Político das F.A.P.L.A. continua a evoluir favoravelmente, embora neste momento possa ser considerada estacionária.

OCUPAÇÃO DE MOÇÂMEDES

Numa comunicação feita ontem à noite em Luanda pelo comandante Júlio de Almeida (Juju), do Comissariado Político das F.A.P.L.A., foi confirmado que a ocupação de Moçâmedes, tal como havia acontecido em Sá da Bandeira, foi efectuada por elementos do E.L.P., apoiados por tropas regulares e mercenários sul-africanos. Apesar disso, as tropas portuguesas que ali se encontravam estacionadas não teriam reagido à agressão, tendo antes abandonado a cidade e sido evacuadas para Luanda. A evacuação foi já confirmada pelo alto-comissário português, almirante Leonel Cardoso.

AUSTRÁLIA APOIA CONVERSACÕES PORTUGAL-INDONÉSIA

CANBERRA, 30 — (R.) — A Austrália pediu hoje o termo da guerra civil que se trava há dois meses no Timor Português e ofereceu-se para ser a anfitriã de conversações de paz em que estariam representadas todas as partes envolvidas na luta.

O ministro australiano dos Negócios Estrangeiros, Don Willessee, disse, numa comunicação ao Parlamento, que a Austrália deplorava a luta nas áreas fronteiriças entre o Timor Português e o Indonésio e que deveria ser procurada uma solução, por meios pacíficos, sem intervenção externa.

Revelou que os ministros português e indonésio dos Ne-

Entretanto, no intuito de ilustrar a opinião pública, as forças do E.L.P. e da África do Sul, depois de ocuparem Sá da Bandeira, abandonaram já a cidade, entregando-a a elementos da U. N. I. T. A. / F. N. L. A. / U. P. A. Os helicópteros sul-africanos e nacos de guerra, que teriam participado na tomada de Moçâmedes, foram igualmente retirados da frente de combate, calculando-se que se preparem agora para apoiar o avanço sobre o Lobito, que parece estar nas intenções dos agressores.

M.P.L.A. NA O.N.U.

A agência Reuter a uncia que representantes do M.P.L.A. nas Nações Unidas denunciaram ontem, perante aquele organismo, a participação de tropas e material de guerra sul-africano nas ocupações de Sá da Bandeira e de Moçâmedes. Aqueles elementos afirmaram que as forças sul-africanas utilizaram helicópteros e blindados na invasão de Angola, integrando nas suas forças elementos do chamado Exército de «Libertação» de Portugal, além de mercenários da F.N.L.A. e da U.N.I.T.A.

ACUSAÇÕES DE SAVIMBI

LUSAKA, 30 — (R.) — O dr. Jonas Savimbi, presidente da U.N.I.T.A., afirmou ontem, à noite, que o M.P.L.A. dispunha de uma esquadilha de aviões MIG-21, de fabrico soviético.

No decurso de uma conferência de Imprensa em Lusaka, Savimbi disse, que o M.P.L.A. possuía entre seis a doze aviões de guerra que tencionava utilizar após o 11 de Novembro, data marcada para a independência de Angola.

gócios Estrangeiros tinham concordado em iniciar conversações no domingo, num local na Europa a ser decidido, e notou que a Austrália esperava que essas discussões produzissem resultados positivos e construtivos.

Salientou que a situação reflectia «a imaturidade dos dirigentes de Timor, com aspirações políticas», mas criticou também o que classificou como «a franqueza de propósitos por parte da administração portuguesa».

«Parece que Timor, à semelhança de Angola, se tornou parte dos detritos da revolução portuguesa».

Gabinete do Cunene

Por decreto-lei do Ministério da Cooperação, inserto na folha oficial de hoje, o Gabinete do Plano do Cunene, criado pelo Decreto-Lei n.º 49 203, de 25 de Agosto de 1969, foi transferido para o Estado de Angola, ficando dependente do res-

pectivo Governo. Para efectivar esta decisão, será nomeada, com carácter transitório, uma comissão de transferência do referido Gabinete, sendo ainda definidas por despacho do ministro as respectivas atribuições e modo de funcionamento.

MATERIAL DE GUERRA "CONGELADO" NOS DEPÓSITOS

Ao meio dia de hoje soaram as sirenes de alarme do Depósito Geral de Material de Guerra, em Beirolos, anunciando a entrada em prevenção rigorosa do pessoal daquele estabelecimento militar na sequência de um processo de luta iniciado devido à falta dos efectivos necessários para a segurança e vigilância daquele depósito «falta esta que já vem de longa data e que foi actualmente agravada pela passagem imprevista à disponibilidade dos turnos 3.º e 4.º» lê-se no comunicado distribuído pela Comissão de Luta aos meios de comunicação social.

«A nossa posição», disse-nos um porta-voz da Comissão de Luta, é garantir a defesa da grande quantidade de material de guerra de que aqui dispomos. Aceitamos qualquer tropa porque temos em funcionamento na unidade instituições democráticas.

A decisão foi tomada em plenário que aprovou uma moção com os seguintes pontos: entrada em luta a partir das 12 horas do dia 30 de Outubro de 1975; fecho dos portões e fim de quaisquer reabastecimentos e recepção; entrada em prevenção rigorosa até à sua total solução; não às promessas; medidas imediatas; durante o desenrolar da luta os oficiais, sargentos e praças de serviço passam a ser designados por oficiais, sargentos e praças de segurança; na vida interna da unidade continuam a ser reconhecidas as precedentes categorias hierárquicas; apoiam a iniciativa junto do CEME general Fábão para que seja já revogada a decisão da passagem à disponibilidade dos turnos 3.º e 4.º de 1973 para 15 de Novembro de 1975 (sublinhando que esta medida só deverá abranger os militares que voluntaria-

mente a aceitarem); apoio aos oficiais e sargentos que pela sua actuação a favor do processo revolucionário já se identificaram com a vontade das bases, nomeadamente ao C. E. M. E. e ao comandante do Copcon, pela interpretação revolucionária da vontade das bases dentro do Exército; não à integração de mercenários no Exército; regresso imediato ao Exército dos recrutas na situação de licença registada para completarem o serviço militar; não às lutas partidárias, sim à unificação e definição de objectivos no seio das Forças Armadas, adentro do processo revolucionário.

A mesma hora decorriam reuniões englobando as A. D. U. s dos outros destacamentos dependentes de Beirolos para análise da situação.

O Depósito Geral de Material de Guerra engloba cerca de um milhar de militares.

A VISITA DE CEAUSESCU

Continuação da pág. 1

No I.N.E.C. era agudado pelo Presidente Costa Gomes, estando ainda presentes o ministro do Equipamento Social, engenheiro Veiga de Oliveira e o secretário de Estado das Obras Públicas, coronel de engenharia Garcia dos Santos.

A receber Ceausescu encontrava-se ainda o director do I.N.E.C., engenheiro Júlio Serry Borges.

O dia de hoje, o penúltimo da visita oficial de Nicolae Ceausescu, tem um programa bastante leve, uma vez que foi anulada a prevista visita a Évora, tendo o presidente romeno e a sua comitiva «tempo livre» até às 18 horas, altura em que se inicia a segunda e última fase de conversações, no Palácio de Queluz, entre os dois presidentes e as respectivas delegações. A visita de Ceausescu terminará amanhã, estando prevista a assinatura dos documentos elaborados no decurso da sua estadia seguindo-se uma conferência de Imprensa (9.30) e a partida para a Roménia às 11.30.

VISITA À SETENAVE

Ontem, Ceausescu, acompanhado pelo Presidente Costa Gomes, visitou as instalações da Setenave, em Setúbal, onde chegou, de helicóptero, cerca das 12.45. A visita iniciou-se pelo Centro de Formação, onde foram apresentadas as boas-vindas e feita a descrição do estaleiro pelo arquitecto Moura Vicente. Seguiu-se, depois, para a doca de reparações, onde Nicolae Ceausescu pôde apreciar a manobra das comportas. Foi explicado o boicote que o estaleiro está a sofrer, estando neste momento em construção apenas um navio. Ceausescu exprimiu aos trabalhadores e administração o seu desejo de cooperação com Portugal no domínio da construção e reparação naval, acrescentando: «Evidentemente, os especialistas romenos terão de acordar nesse problema».

«É PRECISO ENCONTRAR O QUE HÁ DE COMUM»

O almoço ontem oferecido em Sintra por Pinheiro de Azevedo, que começou com um atraso de mais de uma hora sobre o horário previsto, caracterizou-se pelos longos discursos, quer do Primeiro-Ministro

português, quer do presidente romeno. Pinheiro de Azevedo, depois de procurar transmitir ao ilustre visitante «os princípios de acordo com os quais se desenvolve a acção governativa do VI Governo (independência nacional; socialismo e pluralismo democrático; defesa intransigente dos interesses das classes trabalhadoras e do povo em geral, com particular atenção para a situação das camadas mais desfavorecidas; defesa e respeito das liberdades democráticas; defesa da revolução e das suas conquistas; reforço da democracia local e regional; defesa da paz internacional da cooperação com todos os povos; prosseguimento consequente da descolonização; respeito pela plataforma de acordo constitucional; exercício de uma autoridade revolucionária firme) efectuou, em seu nome e no nome do VI Governo, um brinde em homenagem ao presidente romeno e sua esposa «pelas felicidades e prosperidades do povo amigo da Roménia». Em resposta, falou Nicolae Ceausescu, de cuja longa intervenção damos passagens mais significativas:

«O povo romeno, certamente, há muitos anos atrás, teve de solucionar problemas semelhantes. Como qualquer povo aliás, tende a enveredar por um caminho novo. Conseguimos solucioná-los de acordo com as condições da Roménia mas o essencial foi o facto da classe operária e os camponeses, a intelectualidade, terem agido numa estreita unidade e o exército, no seu total, ter acompanhado de perto tal curso, e ter compreendido que o seu destino é garantir, nas novas condições as conquistas revolucionárias, preparar-se para poder defender em qualquer condição a defesa da independência nacional da soberania e também as conquistas democráticas e revolucionárias.

Aliás, não se pode conceber de outra maneira. De modo geral, o Exército e as Forças Armadas são o resultado do povo, do próprio povo.

E mais adiante: «Certamente há uma diferença entre o modo como decorreram as coisas na Roménia. Mas, não é isso o essencial. Isso pertence já à História. O essencial é que o Exército português chegou à conclusão de que deve limitar-se a juntar-se à causa progressista, à independência da

Pátria, e a adoptar uma posição firme quanto ao colonialismo, e isso é de facto uma coisa que honra o Exército português».

E logo de seguida:

«A luta certamente tem toda uma série de dificuldades. Transformar a sociedade, não é uma coisa fácil. Muitas vezes partimos do mesmo desejo. Surgem muitas possibilidades. No entanto eu acho que mais do que tudo, acima de tudo, é preciso encontrar o que há de comum. Isso é que eu acho que é essencial hoje para a situação em Portugal, para os partidos e para as Forças Armadas, partindo de uma única realidade tudo o que se faz deve impedir que se faça uma reviravolta ao passado, abrir um novo caminho de desenvolvimento democrático, de progresso económico e social rápido, garantia da independência que garantirão ao povo português um lugar digno no Mundo.»

SECRETÁRIOS-GERAIS

Parte do programa de Ceausescu no dia de ontem foi dedicado a encontros com os secretários-gerais dos três partidos com representação no VI Governo. Álvaro Cunhal, contrariamente ao que estava previsto, foi recebido logo de manhã, tendo o P. C. P. emitido hoje um comunicado onde salienta que o encontro foi amistoso e útil, «tendo-se procedido a uma ampla troca de impressões sobre a actividade dos dois partidos». A cooperação a existir entre os dois países também foi discutida, segundo o mesmo comunicado. A entrevista com Álvaro Cunhal demorou cerca de hora e meia.

Entretanto Mário Soares avistou-se com Ceausescu durante cerca de uma hora, a partir das 17 e 45, tendo no final o chefe do P. S. classificado o encontro como «muito simpático», acrescentando que as relações entre o P. C. Romeno, de que Ceausescu é secretário-geral, com o seu partido, são de grande cordialidade. Quanto a Sá Carneiro, recebido em último lugar, esteve com Ceausescu cerca de 75 minutos, tendo no final considerado o encontro como «extremamente cordial, franco, não tendo as divergências sido ocultadas nem os pontos de acordo deixados de acolher». Observadores consideram, no entanto, que a recepção de Ceausescu foi um tanto fria.

3 tome

MARCELO REBELO DE SOUSA

O dr. Marcelo Rebelo de Sousa enviou-nos mais a seguinte carta-esclarecimento:

«Em relação a uma nota publicada no passado dia 25, e em que sou novamente referido, tenho o prazer de esclarecer o seguinte:

«1.º — No Verão de 1970, participei, por convite internacional, numa reunião de jovens de vários países europeus, reunião essa realizada no Luxemburgo;

«2.º — Viajei de Lisboa para o Luxemburgo de comboio, e regressi por via aérea;

«3.º — Regressando a Lisboa, paguei do meu bolso a passagem aérea, repondo a quantia que fora avançada por familiares;

«4.º — Sou totalmente alheio a qualquer eventual envolvimento do M. C. na aquisição do referido bilhete.»

QUE ANDAM A FAZER AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ?

Confidencia-nos um nosso colaborador:

«O Norte e Centro do País foram invadidos pelas «Testemunhas de Jeová». Pregam a «paz», a leitura da Bíblia, o outro mundo, a salvação da alma. Não querem nada com a política, o seu reino não é daqui, etc. e tal...»

«Arrebanham atrás de si milhares de pessoas desiludidas com a prática do catolicismo em Portugal, mas desejosas de uma palavra de esperança.

«Alguns jornais noticiaram que, no Peru, a C.I.A. americana paga a seitas religiosas para, através da Bíblia, desviarem o povo peruano da prática e construção do socialismo (vide «Século» de 22-10-75).

«Sabido que as «Testemunhas de Jeová» são uma seita de origem norte-americana, é de perguntar?

«a) — Quem paga aos «missionários» que invadiram o nosso País depois do 25 de Abril?

«b) — Porque razão, antes do 25 de Abril, quando só era permitido discutir-se religião, em Portugal, as «testemunhas» não se preocupavam, ou pouco se preocupavam, com o «outro mundo» e a «salvação da alma», para só virem fazer essa campanha, agora, que se pode discutir política e escolher novos caminhos?

«c) — Porque razão as «Testemunhas de Jeová» só atacaram, em força, depois de terem cessado as Campanhas de Dinamização do M.F.A.?

«d) — Porque razão andamos todos a dormir?»

CONTA DESCONGELADA

Por ordem do gabinete do Primeiro-Ministro, foi descongelada a conta bancária do almirante Sarmiento Rodrigues, um dos administradores da Torralta, detido por alegada sabotagem económica depois do 28 de Setembro.